Michael Reeves

# Deleitando-se em Cristo

Deus nos criou para “glorificá-lo e nos alegrarmos nele para sempre”. Mas o que significa nos alegrarmos em Deus? Michael Reeves possui um talento não apenas para tornar acessíveis as grandes verdades, mas para nos aquecer com o calor de Cristo. Nosso Mediador não apenas na salvação, mas também na criação e na consumação, Cristo não é simplesmente alguém que concede dons — ele mesmo é o Dom. Este livro se destaca como exemplo de teologia devocional. Se você pretende amar mais a Cristo, precisa de uma melhor visão de quem ele é. *Deleitando-se em Cristo* coloca você sentado na primeira fila.

**— Michael Horton**
Professor de Teologia no Seminário Westminster, Califórnia
Autor de *Redescobrindo o Espírito Santo*

Michael Reeves escreveu uma introdução simples, mas graciosa à obra de Jesus Cristo. Ele fornece um maravilhoso panorama de Jesus na eternidade, Jesus triunfando sobre o mal e Jesus reinando para todo o sempre. Reeves mostra que, para os crentes, nossa vida provém de Cristo e ele é nossa vida! Sua descrição da doutrina cristã a respeito de Jesus é complementada com um tesouro de ilustrações históricas representando Jesus, estimulando tanto a mente como o coração.

**— Michael F. Bird**
Professor de Teologia no Ridley College, Melbourne, Austrália
Autor de *Jesus is the Christ*

Reeves esclarece uma doutrina crucial e central do evangelho com vivacidade e clareza de estilo. Esta é uma brilhante exposição de um assunto vital.

**— Robert Letham**
Professor de Teologia Sistemática, Wales Evangelical School of Theology
Autor de *Union with Christ*

Mike Reeves repetiu o que já havia feito. Este é outro livro rico, profundo, simples, alegre, vibrante — é a teologia fazendo o que deve fazer, levando-nos a

Jesus, maravilhando e celebrando.

**— Andrew Wilson**
Presbítero da Kings Church, Eastbourne
Autor de *If God Then What?*

É assim que se escreve sobre cristologia: de forma bíblica, teológica, histórica, pastoral e espiritual! Este livro é o melhor da teologia por parte de um dos melhores teólogos da atualidade.

**— Simon Ponsonby**
Pastor da Igreja de S. Aldate, Oxford
Autor de *The Pursuit of the Holy*

Será possível falar demais a respeito de Cristo? Michael Reeves afirma que não! Este livro nos conclama a regozijar-nos naquele em quem se encontra toda a alegria. Aqui não se apresenta nenhum Jesus minúsculo — ele é apresentado em escala maior e com riqueza de detalhes. Aproveite este livro e alegre-se no Cristo para quem este livro aponta.

**— Josh Moody**
Pastor da College Church, Wheaton, IL
Autor de *Journey to Joy*

Michael Reeves

# Deleitando-se em Cristo


SOLA GRATIA • SOLA FIDE • SOLUS CHRISTUS • SOLI DEO GLORIA • SOLA SCRIPTURA •

Michael Reeves

# Deleitando-se em Cristo

EDITORA
MONERGISMO

Brasília, DF

Copyright © 2014, de Michael Reeves
Publicado originalmente em inglês sob o título
*Christ Our Life*
pela Paternoster – Authentic Media Limited,
52 Presley Way, Crownhill, Milton Keynes, MK8 0ES, UK.

*Todos os direitos em língua portuguesa reservados por:*
EDITORA MONERGISMO
SIA Trecho 4, Lote 2000, Sala 208 — Ed. Salvador Aversa
Brasília, DF, Brasil — CEP 71.200-040
www.editoramonergismo.com.br

1ª edição eletrônica: 2018

Tradução: *Hélio Kirchheim*
Revisão : *Felipe Sabino de Araújo Neto e Leonardo Galdino*
Capa: *Bárbara Lima Vasconcelos*
Diagramação: *Marcos Jundurian*
Diagramação para e-book: *Yuri Freire*

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da.
versão *Almeida Revista e Atualizada* (ARA),
salvo indicação em contrário.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Reeves, Michael
Deleitando-se em Cristo / Michael Reeves, tradução Hélio Kirchheim – Brasília, DF: Editora Monergismo, 2018.

Título original: *Christ Our Life*

ISBN 978-85-69980-70-4

1. Cristologia 2. Deus (cristianismo) 3. Teologia reformada I. Título.
CDD: 230

Ao meu mui amado irmão, que carrega o nome de Cristo

*Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus. Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra; porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus. Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, vós também sereis manifestados com ele, em glória. (Colossenses 3.1-4)*

# Sumário

Introdução: O cristianismo é Cristo

1. No princípio

2. Eis o Homem!

3. Morto e outra vez de volta à vida

4. Vida em Cristo

5. Vem, Senhor Jesus!

Conclusão: Nenhum outro nome abaixo do céu

# Introdução

## O cristianismo *é* Cristo

Jesus Cristo, o Filho perfeito de Deus, é o Amado do Pai, o Cântico dos anjos, a Lógica da criação, o grande Mistério da piedade, a insondável Fonte de vida, conforto e alegria. Fomos criados para encontrar nele a nossa satisfação, o descanso do nosso coração. Com toda a simplicidade, o assunto deste livro é o prazer em Cristo, o deleitar-se em sua plena suficiência para nós, e a consideração de tudo o que ele é: como ele revela esse Deus surpreendente, como ele gera, define — como ele é — as boas-novas, e como ele não apenas dá forma à vida cristã, mas é *ele mesmo* a vida cristã.

Em outros tempos, um livro como este seria totalmente desnecessário. Na época dos puritanos, por exemplo, é difícil encontrar um escritor que não tenha escrito — ou algum pregador que não tenha pregado — algo do tipo *The Unsearchable Riches of Christ* [As insondáveis riquezas de Cristo], *Christ Set Forth* [O Cristo demonstrado], *The Glory of Christ* [A glória de Cristo] ou algo semelhante. Mas hoje, o que é que vende? Que tipo de livro faz o vendedor sorrir? O livro cujo assunto é o próprio leitor. As pessoas querem ler a respeito de si mesmas. É claro, não há nada necessariamente errado com isso, mas não é nisso que consiste a vida. "Para mim, o viver é Cristo", disse o apóstolo Paulo. "Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor" (Fp 1.21; 3.8). Palavras chocantes, facilmente descartadas como emocionalismo excessivo. Mas Paulo não estava delirando; ele estava falando simplesmente a mais profunda sabedoria: que a vida se encontra em Jesus Cristo, o Autor e Fonte da vida, e, se o conhecermos de forma apropriada, nada será tão desejável, tão prazeroso como Cristo.

O problema, porém, não é somente o foco em nós mesmos; parece que gravitamos naturalmente em torno de *qualquer coisa* que não seja Jesus — e

com os cristãos isso acontece quase com tanta frequência como com qualquer outra pessoa — quer seja "a cosmovisão cristã", "a graça", "a Bíblia" ou "o evangelho", como se essas fossem coisas *em si mesmas* que pudessem nos salvar. A própria "cruz" pode ser compreendida separada de Jesus, como se o madeiro tivesse algum poder por si só. Outras coisas, coisas maravilhosas, conceitos vitais, belas descobertas muito facilmente empurram *Jesus* para o lado. Conceitos teológicos preciosos concebidos para apresentar uma descrição *dele* e de *sua* obra acabam sendo tratados como coisas que possuem valor por si mesmas. Ele se transforma em só mais um tijolo na parede. Mas o centro, a pedra de esquina, a joia da coroa do cristianismo não é uma ideia, um sistema ou uma coisa; nem mesmo "o evangelho" é o centro. O centro é Jesus Cristo.

Ele não é um simples tópico, um assunto que podemos escolher de uma lista de opções. Sem ele, nosso evangelho ou nosso sistema — apesar de coerente, "cheio da graça" ou "fundamentado na Bíblia" — simplesmente não é cristão. Ele somente será cristão quando centralizar-se *nele*, Cristo, e então aquilo que fizermos dele regulará aquilo que pretendemos dizer com a palavra *evangelho*. Na verdade, atrevo-me a dizer que a maioria dos nossos problemas como cristãos e nossos erros de pensamento tem sua origem exatamente no fato de esquecermos ou marginalizarmos Cristo. Ou seja, apesar de nossa aparente centralidade em Cristo, não construímos nossa vida e pensamentos sobre a Rocha. Durante os debates e divergências da Reforma, era exatamente isso o que o reformador João Calvino pensava:

> Pois, como sucede de sermos "levados por tantas doutrinas variadas e estranhas" [Hb 13.9], senão porque a excelência de Cristo não é percebida por nós? Pois somente Cristo faz com que todas as demais coisas se desvaneçam subitamente. Daí não há nada que Satanás se esforce mais em fazer do que provocar nevoeiro com vistas a obscurecer Cristo, porque ele sabe que por esse meio se abre uma via de acesso a todo gênero de falsidade. Portanto, este é o único meio de reter, bem como de restaurar, a doutrina pura — colocar Cristo diante dos olhos tal como ele é com todas suas bênçãos, para que sua excelência seja realmente percebida.[1]

O alvo deste livro, então, é algo mais profundo do que uma nova técnica ou um chamado à ação: é refletir sobre Cristo, para ele tornar-se mais central para você, de forma que você o conheça melhor, o valorize mais e passe a alegrar-se

nele. Essa é exatamente a maneira com que mais haveremos de honrar o Pai: compartilhando o seu eterno prazer em seu Filho (Jo 5.23). Esse também é o segredo de como tornar-se como o Senhor do amor (2Co 3.18). E, à medida que refletirmos sobre ele, veremos como ele *é* nossa vida: nossa justiça, nossa santificação, nossa esperança.

E então, o que é que eu pretendo com este livro? Não consigo expressá-lo melhor do que o pregador escocês Robert Murray M'Cheyne, que escreveu a um amigo o seguinte conselho:

> Aprenda muito a respeito do Senhor Jesus. Para cada vez que você olhar para si mesmo, olhe dez vezes para Cristo. Ele é totalmente encantador. Tal majestade infinita e, não obstante, tanta mansidão e graça, e tudo em favor dos pecadores, mesmo para com o principal deles. Viva intensamente para agradar a Deus. Regozije-se em seus sorrisos. Sinta seus olhos oniscientes fitos com amor em você e descanse em seus braços Todo-Poderosos… Deixe sua alma encher-se de um profundo senso arrebatador da doçura e excelência de Cristo e de tudo o que está nele.[2]

Sim! É disso que vamos tratar agora.

1 João Calvino, *Gálatas, Efésios, Filipenses e Colossenses — Série comentários bíblicos*, tradução de Valter Graciano Martins (São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2010). Comentário sobre Cl 1.12.

2 Andrew Bonar, *Memoir and Remains of the Rev. Robert Murray M'Cheyne* (Edinburgo: William Oliphant, 1864), p. 257.

# 1

# No princípio

**Por trás da cortina**

Como é a eternidade? O que encontraremos lá? Por milênios, a imaginação humana tem tateado e conjecturado sobre esse assunto, perscrutando na escuridão. E nessa escuridão tem sonhado com deuses e deusas terríveis, demônios e poderes, ou com um vazio e derradeiro nada. Estonteados com essa imensidão, vemo-nos aterrados com o que será essa eternidade. Se existe um Deus por trás disso tudo, como será ele?

Jesus. Essa é a resposta cristã. Deus é como Jesus Cristo. “No princípio era a Palavra”, diz João 1.1, “e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus”. Antes de todas as outras coisas, antes mesmo que existisse qualquer outra coisa, Deus existia, e existia a sua Palavra, que era Deus. E com essa pequena frase ocorre uma revolução. Quer ver como? Vejamos o que João quer dizer quando escreve a respeito da “Palavra”.

No Antigo Testamento, a Palavra aparece em Gênesis 1, quando Deus fala e traz à existência a criação (e, apresentando sua linguagem preto no branco e a grande alusão “No princípio”, João claramente tinha Gênesis 1 em mente quando estava escrevendo). A Palavra é a maneira pela qual Deus se expressa. Ela veio também aos profetas (Is 38.4), foi enviada para sarar e livrar (Sl 107.20) e para tornar conhecida a intenção do Senhor (Am 3.1). Mas João tinha algo mais do Antigo Testamento em mente quando escreveu: o tabernáculo, a tenda onde o Senhor viria para estar com seu povo no deserto, e onde seria vista a sua glória. Pois, quando João diz que a Palavra “habitou entre nós” (Jo 1.14), ele o diz de forma estranha: de forma mais literal, ele escreve que a Palavra “armou sua tenda em nosso meio”.



Figura 1: "Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo" (Jo 1.17). Cristo como a verdadeira Palavra, o verdadeiro Maná, a verdadeira vara que floresceu, *Speculum Humanae Salvationis*, c. 1360

Na parte mais escondida do tabernáculo, ao fundo, encontrava-se o Santo dos Santos, onde o Senhor estava "entronizado entre os querubins" sobre a arca da aliança (1Sm 4.4; Lv 16.2). E no interior daquela arca revestida de ouro estavam guardadas as duas pedras em que estavam escritas as dez "palavras" ou os dez mandamentos, a lei, *a Palavra de Deus*. Para os israelitas, isso demonstrava a verdade de que a Palavra de Deus pertence à presença — ao próprio trono! — dele.

O Verbo de Deus, então, é alguém que se encontra na mais profunda proximidade de Deus e que manifesta a mais íntima realidade de quem Deus é. Ele é "o resplendor da glória e a expressão exata do seu [de Deus] ser" (Hb 1.3). Porque ele mesmo é Deus. Ele é de Deus "o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus" (Ap 3.14).

Aqui, então, está a revolução: a despeito de nossos sonhos, nossos conceitos obscuros e amedrontados sobre Deus, não há Deus nenhum no céu que seja diferente de Jesus. Pois ele *é* Deus. "Quem me vê a mim vê o Pai", disse ele, pois "eu e o Pai somos um" (Jo 14.9; 10.30). Deus não pode ser de outro jeito.

Esse foi o assunto daquilo que talvez tenha sido a maior batalha da Igreja nos séculos seguintes ao Novo Testamento: sustentar a crença de que Jesus é verdadeiramente Deus, ninguém menos do que o próprio Senhor Deus de Israel. Ele é e foi exaltado nas comoventes palavras do Credo Niceno: "Deus de Deus, luz de luz, verdadeiro Deus do verdadeiro Deus, gerado e não feito, de uma só substância com o Pai". E não há dúvida de que eles amavam essa verdade, pois através dela se iluminam nossos pensamentos a respeito de quem Deus é, e de

que se trata toda a realidade: *não existe no céu nenhum Deus que não seja semelhante a Jesus*. Apreendendo esse espírito apropriado do Credo, T. F. Torrance foi impelido a um profundo lirismo quando escreveu:

> Não existe, na verdade, Deus nenhum por trás de Jesus, nenhuma ação de Deus senão a ação de Jesus, nenhum Deus senão o Deus que vemos e encontramos nele. Jesus Cristo é o coração aberto de Deus, o próprio amor e vida de Deus derramados para redimir a humanidade, a poderosa mão e o poder de Deus estendidos para curar e salvar os pecadores. Todas as coisas estão nas mãos de Deus, mas as mãos de Deus e as mãos de Jesus, na vida e na morte, são a mesma coisa.[3]

Livremo-nos, então, dessa ideia repugnante e falsa de que, por trás de Jesus, o amigo dos pecadores, existe um ser mais sinistro, alguém menos compassivo e menos gracioso. Isso é impossível! Jesus é a Palavra. Ele é um com seu Pai. Ele é o esplendor, o ardor, a glória daquilo que seu Pai é. Se Deus, então, é igual a Jesus, embora eu seja pecador como o ladrão da cruz, posso atrever-me a clamar: "Lembra-te de mim" (veja Lc 23.42). Eu sei como ele vai me responder. Apesar de eu ser espiritualmente aleijado e leproso, posso clamar a ele. Pois sei exatamente como ele se comporta com os fracos e os doentes.

Em Cristo nós vemos o verdadeiro significado do amor, do poder, da sabedoria, da justiça e da majestade de Deus. À medida que olharmos através deste livro para Jesus, não estaremos olhando para ninguém menos do que Deus; estaremos contemplando o próprio Deus. E, de fato, se nós não nos dirigirmos a esta Palavra para conhecer a Deus, então todos os nossos pensamentos a respeito de Deus, por mais respeitosos que sejam, por mais reverentes e filosoficamente satisfatórios, não passarão de pura idolatria.

Stephen Charnock, um antigo pregador puritano, escreveu:

> Não é Deus o Pai das luzes, a suprema verdade, a mais prazerosa finalidade... Não é ele luz sem trevas, amor sem crueldade, bondade sem maldade, pureza sem imundície, toda excelência de contentamento, sem uma mancha sequer de descontentamento? Não estão todas as outras coisas infinitamente aquém dele, mais abaixo dele do que uma carroça de esterco está abaixo da glória do sol?[4]

Não existe maior prazer que esse! Aí estava um homem para quem o simples pensar em Deus lhe trazia exclamações de júbilo. Nessa irrupção ouvimos um homem que parece carregar consigo o próprio brilho do sol, um homem com a

essência do bem-estar. Como é que ele conseguia ficar tão embevecido? De onde esse regozijo em Deus? Charnock não podia ser mais claro: o verdadeiro conhecimento do Deus vivo encontra-se em e através de Cristo. Mas o que vemos em Cristo é tão maravilhoso que consegue fazer o abatido cantar de alegria e o morto saltar para a vida:

> Não existe nada em Deus que pareça terrível em Cristo para o crente. O sol nasceu, as sombras se desvaneceram, Deus se move nas muralhas do amor, a justiça cravou seu aguilhão numa das laterais do Salvador, a lei depôs as armas, seu peito está aberto, suas entranhas se enternecem, seu coração palpita, doçura e amor permeiam todo o seu procedimento. E essa é a vida eterna, conhecer a Deus confiando nas glórias da sua misericórdia e justiça em Jesus Cristo.[5]

Em Cristo, a Palavra, trocamos a escuridão pela luz conforme pensamos a respeito de Deus. Visto que ele nos mostra perfeitamente um Deus insuperavelmente desejável, um Deus que se opõe a tudo o que é errado, um Deus que nos enternece. E somente quando vemos isso é que o amamos de fato. Martinho Lutero disse que "nós somos totalmente incapazes de reconhecer o favor e a graça do Pai a não ser por meio do Senhor Jesus Cristo, o qual é o reflexo do coração do Pai. Sem Cristo não vemos nada em Deus a não ser ira e um terrível juízo".[6]

Para acabarmos com esses nossos pensamentos deformados e inquietantes sobre Deus, precisamos conhecer a Cristo. Todos os dias. Não uma ideia vaga de "Deus", mas conhecer Cristo, a Palavra, aquele em quem reluzem tão claramente todas as virtudes do Deus vivo. Ouça o que diz Richard Sibbes:

> O que é que torna seu poder tão agradável a seus filhos? E sua justiça, quando confunde os inimigos deles e lhes concede galardões? E sua sabedoria tão atraente, ao reconciliar sabiamente em Cristo a justiça e a misericórdia? O que torna isso tão agradável é sua graça e seu amor... De forma que, se pudéssemos ver a glória de Deus, ela se manifesta mais na graça, na misericórdia, na bondade e nesse tipo de atributos encantadores. Isso torna agradáveis todas as coisas em Deus; pois agora podemos pensar sem temor em sua justiça. Ela foi plenamente satisfeita em Cristo. Podemos pensar em seu poder sentindo-nos consolados. Ele serve para nosso bem para subjugar todos os nossos inimigos. Não existe atributo, por mais terrível que seja em si mesmo, que não seja agradável e amistoso, porque Deus olha para nós de forma graciosa em seu Amado... Precisamos considerar Deus não como uma simples abstração, mas considerá-lo em Cristo; pois quaisquer outras noções de Deus são terríveis.[7]

**Resplandece, tu que estás entronizado entre os querubins**

O próprio fato de Deus possuir esta Palavra nos diz algo extraordinário e agradável a respeito de si mesmo. Pois não é simplesmente que aqui esteja um Deus que *de vez em quando* fala (qualquer deusote pode fazer isso). Não; a verdade é que *faz parte da própria natureza* deste Deus possuir uma Palavra para falar. Não é possível que Deus fique sem falar, visto que a Palavra *é* Deus. Aqui está um Deus, então, que não poderia ser outra coisa que não fosse um Deus comunicativo, expansivo, sociável. Uma vez que Deus não pode subsistir sem sua Palavra, ele simplesmente não poderia jamais ser um Deus recluso. Por toda a eternidade, essa Palavra ressoa, falando-nos de um Deus infinitamente exuberante e abundante, um Deus transbordante de exuberância, um glorioso Deus de graça.

"Calma aí", dirão os críticos ("pois sinto dizer que esse tipo de gente existe"),[8] "essa coisa é realmente assim tão revolucionária? Considere Alá, por exemplo: não tem ele também uma palavra, o Alcorão?". Ah, mas quanta diferença! O que Alá possui é *um livro* — mas ele poderia ficar sem ele; isso não significa de forma alguma que ele possua a mesma natureza rica do Deus de Jesus. Esse seu livro nos relata *aquilo* que Alá requer de nós, e nos fala *a respeito* de Alá e como ele mesmo se descreve. Mas isso não é de forma alguma o que pretendemos dizer quando falamos de Jesus como a Palavra de Deus. Enquanto o Alcorão fala *a respeito de* Deus, Jesus *é* o próprio Deus. Ele não só apenas desvenda alguma verdade para nós, algum outro princípio ou sistema de pensamento. Como luz jorrando de sua fonte, esta Palavra, na verdade, traz Deus até nós. Em Cristo ocorre um encontro direto com Deus. A diferença é nítida: a Palavra que *é* Deus revela um Deus de graça inata, e ele não só transmite informações que podemos conhecer *a respeito* de Deus; nele, Deus tem prazer de nos encontrar e estar conosco.

**“Este é meu Filho!”**

Além de ser a Palavra eterna de Deus, Jesus também é o eterno Filho de Deus — e você logo percebe a diferença do que isso significa. “Palavra” é um nome que fala mais da sua *unidade* com Deus, o fato de ele *ser* Deus; “Filho” revela a outra doce verdade, que ele possui um autêntico *relacionamento* com Deus.

Na verdade, “relacionamento” é uma maneira fraca de dizer: o Pai ama seu Filho com uma intensidade única e totalmente deslumbrante. Isso acontece já desde antes da fundação do mundo (Jo 17.24) e agora ele tem prazer que todo o mundo ouça: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mt 3.17). Pois o Filho é o “Amado” (Ef 1.6), “o meu escolhido, em quem a minha alma se compraz” (Is 42.1), aquele que o Pai anseia glorificar. Como tal, o Filho é aquele em favor de quem o Pai faz todas as coisas, seu Alfa e Ômega: todas as coisas foram criadas para ele, o herdeiro (Cl 1.16).

Muitas vezes se diz a respeito dos filhos: Tal pai, tal filho, e, especialmente na Bíblia, esperava-se de um verdadeiro filho que ele fosse igual a seu pai, conforme sua imagem e semelhança, assim como Sete foi a imagem e semelhança de Adão (Gn 5.3). Jesus disse aos judeus da sua época: “Se sois filhos de Abraão, praticai as obras de Abraão” (Jo 8.39), e disse que os pacificadores serão chamados de “filhos de Deus” pelo fato de serem como Deus, que é o pacificador (Mt 5.9; veja também Lc 6.35-36). Mas, acima disso tudo, Jesus é o Filho de Deus porque, sem nenhuma distorção, ele é *exatamente* igual a seu Pai.

A imagem. O herdeiro. O amado. Como Atanásio, o teólogo do século quarto, o expressou: “O Filho é o *tudo* do Pai”.[9]

**HO! HO! HOMOOUSIOS!**



Figura 2: São Nicolau, famoso operador de maravilhas, símbolo do Natal

Antes de surgirem essas histórias piegas a respeito de Papai Noel e seu saco de presentes, as histórias a respeito de São Nicolau eram bem diferentes. As histórias que as mães cristãs gostavam de contar para confortar seus pequeninos eram histórias desse venerável bispo, não chacoalhando sua enorme barriga gelatinosa, mas com o rosto afogueado, rebatendo o arqui-herege Ário no Concílio de Niceia.

Durante alguns anos, Ário havia difundido sua crença de que o Filho não era eterno, não era Deus; em vez disso, o Filho era uma criatura feita por Deus para criar um universo. Alarmado com a divisão que esse ensinamento estava causando, o recém convertido imperador romano Constantino convocou um concílio de bispos para discutirem o assunto em Niceia em 325 A.D. Dizem que foi ali que Nicolau de Myra ouviu Ário pessoalmente; e ali, incapaz de conter sua ira diante de tal blasfêmia, ele abriu fogo.

Para fazer justiça aos fatos, é preciso dizer que Ário e seus seguidores tentavam basear-se em argumentos bíblicos. Eles citavam Hebreus 1.5, por exemplo, passagem que cita o salmo 2, onde Deus diz: “Tu és meu Filho, eu *hoje* te gerei”.[10] E eles perguntavam:

“E o que dizer a respeito do dia *anterior*, antes de Deus tornar-se seu Pai? Não é possível que ele fosse o Filho antes disso”. Esperto, não é? É claro, isso era simplesmente arrancar uma frase do seu contexto para fazê-la dizer aquilo que eles queriam. Em Atos 13.32-34, Paulo cita essas mesmas palavras como referindo-se à ressurreição de Jesus (e noutro lugar ele volta

a esse pensamento afirmando que Jesus “foi designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade *pela ressurreição dos mortos* [Rm 1.4]). Ora, se Hebreus 1.5 significa que existiu um tempo antes que ele fosse o Filho, então Atos 13.33 forçosamente significa que esse tempo foi antes da ressurreição: antes disso, ele não era o Filho. Mas Deus deixou muito claro que Jesus *era* seu Filho antes da ressurreição: ele anunciou isso de forma tão pública quanto era possível, chamando Jesus de seu Filho amado tanto em seu batismo como no monte da transfiguração. Na verdade, ele era o Filho antes de nascer de Maria; de que outra forma seria possível dizer que “Deus enviou seu Filho” ao mundo (Gl 4.4; Rm 8.3; Jo 3.17)? O que veremos mais adiante é que as palavras que Deus dirigiu a seu Filho — “eu *hoje* te gerei” — longe de serem motivo de preocupação para o cristão, são motivo para a mais surpreendente alegria.

Por que, então, Nicolau e os outros oponentes de Ário reagiram a seu ensino com tanta fúria? Ao contrário das vigorosas alegações do movimento a-história-do-cristianismo-não-passa-de-uma-sequência-de-fanáticos-furiosos, não foi porque eles fossem um grupo de idiotas bitolados. Com impressionante percepção, eles viram que Ário estava substituindo o Deus de amor e o evangelho da graça por um ídolo frio e rijo desprovido de qualquer concepção verdadeira de bondade.

De acordo com Ário, Deus tinha criado o Filho para este executar o serviço pesado de lidar com o universo em seu lugar. Tudo bem, mas isso significava algo profundo: não era que o Pai de fato *amasse* o Filho; o Filho não passava de um trabalhador arrendado. E as ocasiões em que a Bíblia falou do prazer do Pai no Filho, só pode ter sido porque o Filho fez um bom trabalho. É isso que se conclui considerando Deus simplesmente como o Empregador. Mas esse não é um Deus que é pai com sentimentos verdadeiros e bondade sincera. Na verdade, a visão de Ário continha conotações ainda mais preocupantes: se Deus não é amoroso de forma inerente e eterna, o que é que nos motiva a nós, que somos feitos à sua imagem? Com certeza, não o amor por seu Filho, se ele mesmo não possui esse amor. Talvez precisemos tão-somente fazer as coisas certas e tomar as

decisões corretas. Bem, podemos fazer isso com facilidade sem precisar de muita ajuda. Com o deus de Ário, ao que parece, não precisamos nascer de novo nem de um coração novo.

Foi assim que a igreja cristã se reuniu em Niceia e concordou para sempre em confessar que o Filho é de "uma mesma substância [*homoousios*] com o Pai". Deus não usou o Filho como alguém contratado, e o Filho não está servindo-se de Deus para alcançar a glória celestial. Ele *sempre* esteve junto do Pai. Ele é *o eternamente amado*, aquele que revela que existe um Pai amoroso no céu, aquele que pode repartir conosco mais do que um conceito comercial de Deus: a filiação!

## Aquilo que Cristo é muda o evangelho

Ao que parece, mesmo para os cristãos é coisa extremamente comum e fácil deixar de levar Jesus em consideração. De forma instintiva, pensamos a respeito de Deus, da vida, da graça, da realidade, raramente parando para associar esses assuntos a Jesus. Podemos até possuir "uma cosmovisão cristã" e pensar que Jesus não passa de uma parte interessante dessa paisagem; podemos até possuir um "evangelho" e pensar que Jesus é o entregador que nos traz os *verdadeiros* benefícios, quer seja a salvação, o céu ou qualquer outra coisa. Mas isso tudo precisa mudar se quisermos levar a sério o fato de que ele é o Filho amado.

Em primeiro lugar, se não existe nada mais precioso para o Pai do que Cristo, então não existe nenhuma bênção maior do que ele ou nada melhor do que o próprio Cristo. *É mister* que ele mesmo seja o "grande galardão" do evangelho (Gn 15.1). Ele é o tesouro do Pai, repartido conosco. Às vezes, nos vemos cansados de Jesus, estupidamente imaginando que já vimos tudo o que é possível ver e que esgotamos tudo o que é possível obter dele. Tornamo-nos espiritualmente enfastiados. Mas Jesus tem contentado a mente e o coração de Deus desde toda a eternidade. Nosso enfado não passa de cegueira. Se o Pai está infinita e eternamente satisfeito em Cristo, então ele precisa ser predominante e inteiramente suficiente para nós. Em toda e qualquer situação, por toda a eternidade.

Em segundo lugar, a filiação de Cristo — seu relacionamento com seu Pai — é o evangelho e a salvação que ele tem para repartir conosco. Essa é a alegria *dele*. Assim como o Pai reparte seu Filho conosco, assim o Filho reparte conosco seu próprio relacionamento com o Pai. Essa é a razão por que, em Mateus 11.27-30, Jesus diz *primeiro*: "Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar" (v. 27), e *então* diz: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve" (v. 28-30).

Pelo fato de seu relacionamento com o Pai dar forma a tudo o mais, o que Cristo tem a oferecer é um jugo e um fardo. Na verdade, seu relacionamento com o Pai *é* o descanso, o jugo e o fardo que Cristo tem para oferecer. Conhecer o Pai, ser humilde diante dele e amável como ele: esse é o descanso que todos nós procuramos, o único jugo que é suave, o único fardo que é leve. E, como disse Samuel Rutherford, aqueles que assumem esse fardo, "consideram-no como asas para o pássaro ou velas para o navio".[11]

**A Trindade ou Jesus?**

Alguns autores dirão que "*a Trindade* é a cabine de comando de todo o pensamento cristão";[12] outros dirão coisas do tipo: "O centro, a pedra angular, a joia da coroa do cristianismo... é *Jesus Cristo*".[13] Autores diferentes, diferentes ênfases? Cristãos mentalmente confusos?

Não; não há contradição ou confusão aqui: honrar Jesus é honrar o Deus trino. Porque, se vamos falar de Jesus, temos de falar dele como o *Filho* de Deus, como a Palavra que torna conhecido o seu *Pai*; precisamos falar dele como o Cristo ("o Ungido"), aquele que foi ungido com o *Espírito Santo*. Em outras palavras, ao falar de Jesus, não podemos falar senão da Trindade. Pois ele é quem torna conhecido o Deus triúno. A Trindade, então, não é um complicado adicional de Jesus, um assunto de alto nível para aqueles que estão prontos a seguir além da simples confiança nele: quando pensamos sobre a Trindade, somos incentivados a conhecer melhor a Jesus.

E, por outro lado, se estamos falando da Trindade, temos de falar do Pai, que se torna conhecido por meio do seu Filho Jesus Cristo no poder do Espírito. Qualquer "trindade" que consegue dispensar Jesus e subsistir sem ele não passa de um joguinho filosófico. Podemos ver esse tipo de trindade sendo propalada por aí, cheio de animadas conversas sobre amor, relacionamento e a grande conga[14] que é o Pai, o Filho e o Espírito. Mas, à parte de Jesus, eles se tornam unicamente dançarinos celestiais moldados pela preferência pessoal quanto à dança (algo que infunde o temor de Deus naqueles que preferem ficar sentados quietinhos). Não, *Jesus* é aquele que torna conhecido o Deus trino, que nos mostra o amor de Deus e a vida de Deus. Para sermos verdadeiramente trinitários, precisamos ser constantemente centrados em Cristo.

## O amor que move o sol

Por toda a eternidade, a Palavra foi expressa, falando de um Deus de vida transbordante. Por toda a eternidade, o Filho foi tratado com carinho, falando de um Deus de amor insondável. Uma vez que esse é o Deus com quem nos encontramos em Jesus, talvez não surpreenda que ele tenha decidido possuir uma criação, para revelar e difundir sua vida e amor. Jonathan Edwards, o pregador do século XVIII, expressou isso de maneira inesquecível:

> A criação do mundo parece ter ocorrido especialmente com esta finalidade, que o eterno Filho de Deus pudesse conseguir uma esposa, para com a qual ele pudesse exercer plenamente a infinita benevolência da sua natureza, e a quem ele pudesse, por assim dizer, abrir e verter essa imensa fonte de condescendência, amor e graça que havia em seu coração, e que dessa forma Deus pudesse ser glorificado.[15]



Figura 3: *A rosa celestial*, 1892. Ilustração de Gustave Doré da visão de Dante no final da *Divina Comédia*, onde o amor de Deus é descrito como uma flor de luz.

E assim, como a Palavra emanada de Deus, como o Filho transbordante do amor de seu Pai, ele tornou-se a Lógica por trás da criação, “o princípio”, o fundamento de toda ela — e aquele para quem toda ela foi criada (Cl 1.17-18). Depois, no poder do Espírito que pairava por sobre as águas, a Palavra foi proferida. Deus falou e, por meio dessa potente Palavra, todas as coisas vieram a existir. Assim como o Pai disse a respeito do Filho: “No princípio, Senhor, lançaste os fundamentos da terra, e os céus são obra das tuas mãos” (Hb 1.10, citando o Sl 102.25). O Filho tornou-se, de fato, o primogênito de toda a criação (Cl 1.15).

Infelizmente, há muitos cristãos que, neste assunto, têm um vírus oculto em sua compreensão do evangelho. Não é fácil identificá-lo, mas ele corrói toda a confiança deles em Cristo. É o seguinte: a sorrateira desconfiança de que, apesar de Jesus ser o Salvador, ele na verdade não é o Criador de todas as coisas. De forma que eles, no domingo, cantam a respeito do amor dele — e *ali* isso é verdade — mas enquanto se dirigem para casa pelas ruas, passam pelas pessoas e lugares onde a vida real se desenrola, eles não se sentem no mundo *de Cristo*. É como se o universo fosse um lugar neutro. Como se o cristianismo fosse apenas algo que pintamos por sobre a vida real. Jesus fica reduzido a pouco mais que um pedacinho consolador de chocolate espiritual, um amigo imaginário que “salva almas”, mas nada além disso.

A Bíblia não reconhece esse Cristozinho sem valor e risível. “Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez” (Jo 1.3). Como tal, é ridículo imaginar que ele, o Criador, aquele que está acima e é antes de todas as coisas, seja unicamente alguém que “salva almas”. O Senhor do cosmos tem um propósito cósmico: renovar o seu mundo, destruindo para sempre todo o mal que nele existe.

Uma vez que Jesus Cristo é aquele “por meio de quem vieram todas as coisas” (1Co 8.6, NVI), o agente de Deus na criação, que continua sustentando e mantendo a criação que ele trouxe à existência, as marcas do seu talento artístico estão todas à nossa volta. Desde o minúsculo ouriço-do-mar até a mais brilhante estrela, todas as coisas carregam seu magnificente selo. Os céus nada mais fazem do que declarar a glória dele, pois são sua obra de arte, e se mantêm coesos

unicamente por causa dele. A natureza dele encontra-se escrita na essência do universo de forma tão íntima que, mesmo para pensar contra Cristo o Logos, você precisa pensar contra a lógica e tornar-se estúpido (Sl 14.1). Neste mundo, nossas faculdades operam tanto melhor quanto mais ataviadas estiverem com a fé em Cristo. Aí então somos capazes de ser mais lógicos, mais vibrantes, mais imaginativos, mais criativos, pois estamos atuando com a essência.

Uma pessoa que levou isso bem a sério foi Jonathan Edwards. Uma vez que o objetivo de Deus na criação era comunicar a si mesmo, Edwards cria que o universo está "cheio de imagens das coisas divinas, assim como a linguagem está cheia de palavras".[16] Os menores detalhes de todas as coisas, desde as aranhas e bichos-da-seda até os arco-íris e rosas, tudo emana conhecimento a respeito de Cristo e seus caminhos. Por exemplo, o "nascer e o pôr do sol são um tipo [uma representação] da morte e ressurreição de Cristo", a verdadeira luz do mundo.[17] "O leite, pela sua brancura, representa a pureza da Palavra de Deus. Ele representa muito bem a Palavra devido à sua natureza suave e nutritiva, servindo aos santos no presente estado em que se encontram."[18]

Essa é a razão, disse o reformador Martinho Lutero, pela qual em Gênesis 2.1 é dito que os céus e a terra estão cheios de uma "multidão" (ou "exército") de criaturas, pois "Deus criou todas essas criaturas para estarem num serviço militar ativo, para lutar continuamente por nós contra o diabo".[19] Ou seja, eles refletem a verdade por meio da qual se vencem as mentiras do acusador: quando o sol com facilidade espanta as trevas todas as manhãs, podemos refletir sobre a graça, a beleza e a vitória de Cristo; quando bebemos água, percebemos o quanto ela alivia a sede; quando respiramos livremente o ar, experimentamos a generosidade de Cristo, e assim por diante.

**“Se não for a graça de Deus, é para aí que eu vou”**

“Se não for a graça de Deus, é para aí que eu vou.” Essas foram as palavras do reformador inglês John Bradford, quando viu alguns prisioneiros serem levados para a execução da pena de morte. Ele sabia que os seus pecados mereciam a morte. No final, ele foi de fato executado, apesar de não o ter sido por qualquer pecado seu. Em 1555, ele foi queimado vivo em Smithfield, Londres, como parte da campanha da rainha Maria, a Sanguinária, contra os evangélicos. Amarrado ao poste, ele voltou-se ao seu companheiro John Leaf, que também estava sendo martirizado, dizendo: “Tenha bom ânimo, irmão, porque esta noite participaremos de um agradável jantar com o Senhor”.

A maioria dos cristãos aproveitam a hora da refeição como oportunidade para dar graças a Deus e lembrar que ele é seu provedor, mas Bradford via *todo* momento do dia como um lembrete do evangelho. Quando andava de manhã, ele “trazia à lembrança a grande alegria e felicidade da eterna ressurreição... essa tremenda luz e brilhante manhã... depois da longa escuridão”. Ao contemplar o sol, ele louvava a Luz do mundo. Ao levantar-se, ele pensava em como Cristo nos levanta. Ao vestir-se, ele orava: “Ó Cristo, veste-me com tua própria pessoa” e lembrava-se de “como somos incluídos em Cristo... como ele nos veste”. Ao comer carne, ele comparava isso com o alimentar-se do corpo de Cristo. Quando retornava para casa, ele pensava: “como será prazeroso nosso retorno, a chegada ao nosso lar eterno, tranquilo e feliz”. E, quando finalmente se despia na hora de ir para a cama à noite, ele pensava em “despir-se do velho homem com suas paixões” e preparar-se para o sono da morte: “Assim como você não tem medo de entrar em sua cama, pronto para dormir, assim não fique com medo de morrer”.[20]

Para Bradford, este é o mundo de Cristo, e nós vivemos mais felizes nele quando constantemente reconhecemos isso.

**Ecos de um hino antigo**

Existe uma discussão antiga, do período vitoriano, segundo a qual o cristianismo é pouco mais do que o paganismo reciclado, com suas melhores ideias simplesmente roubadas e requentadas. No final das contas, escreveram muitos antropólogos excitados, sentindo cheiro de sangue: o Egito, Grécia e Roma antigos conheciam nascimentos virginais, conheciam deuses que morriam e ressurgiam. Orfeu descendo ao Hades para resgatar sua esposa; Baco, o deus nascido de mulher, honrado por meio do vinho; Osíris, o deus "ressurreto": isso tudo não nos soa como algo familiar — na verdade, tudo muito semelhante a Jesus?



Figura 4: Balder, o Belo.

C. S. Lewis gostava muito desses mitos, e quando jovem ficava assombrado com a história de Balder, o deus nórdico da luz e da alegria tragicamente assassinado. Depois que Lewis se converteu ao cristianismo, ele deixou de considerar essas semelhanças como algo problemático. Porque, uma vez que este é o mundo de Cristo, *é evidente* que as histórias que contamos e as fantasias que inventamos o arremedam. É ele quem determina a realidade última, e nós simplesmente não temos a capacidade de modelar nenhuma alternativa real. Podemos imaginar novos mundos, mas esses mundos não serão totalmente novos. Para parecerem reais, precisam possuir algumas realidades, e isso é determinado por Cristo, o Criador. Essa é a razão por que nossas histórias estão repletas de vilões parecidos com serpentes, de dramas e donzelas em perigo, de jovens e valentes heróis que lutam contra as trevas, que são feridos em combate, que vencem, que finalmente libertam a donzela e vivem felizes para sempre. Porque essa é a história de Cristo.

Quando Lewis leu Homero e viu sua ideia de que unicamente um trago de sangue sacrificial pode restaurar um espírito à racionalidade, ele viu isso como "uma das mais impressionantes entre as muitas *expectativas pagãs pela verdade*".[21] Ele se refere a um texto da *República* de Platão, em que este

> nos pede… que imaginemos um homem perfeitamente justo, mas que é tratado por todos que estão ao seu redor como um monstro da maldade. Devemos imaginá-lo ainda perfeito à medida que é amarrado, espancado e, por fim, empalado (o tratamento persa equivalente à crucificação). Nessa passagem, um leitor cristão começa a duvidar do que está lendo. O que está acontecendo? De novo outra dessas coincidências? Nesse momento, porém, ele enxerga que alguma coisa está acontecendo e que isso não pode, de modo algum, ser considerado um golpe do acaso.[22]

Longe disso. Ou considere a *Quarta Bucólica* de Virgílio, que, embora tenha sido escrita algumas décadas antes do nascimento de Jesus, de forma impressionante fala do nascimento de um menino do céu que introduzirá uma era nova e dourada. Lewis fez disso uma parte constante da sua leitura natalina. Os mitos podiam ser desfrutados e não temidos. Pois não é que o cristianismo e os mitos representem alguma coisa *mais primitiva do que eles mesmos*, mostrando que o cristianismo é apenas mais uma criação humana. Era isso que os antropólogos vitorianos tinham argumentado: que todos os deuses que morriam e ressuscitavam *na realidade* referiam-se ao transcorrer das estações, por meio da morte do inverno para a nova vida da primavera. Em vez disso, é a passagem das estações da morte para a vida que representam aquilo que é mais fundamental: o seu Criador que derrota a morte. De maneira bela, conforme o coloca G. K. Chesterton, isso significa que o cristianismo satisfaz

> a busca mitológica do romance [...] por ser uma história e a busca filosófica da verdade [...] por ser uma história verdadeira. É por isso que a figura ideal teve de ser um personagem histórico, o que ninguém jamais pensou de Adônis ou Pã. Mas é também por isso que o personagem histórico teve de ser uma figura ideal e até preencher muitas das funções atribuídas a essas outras figuras ideais: eis por que foi ao mesmo tempo o sacrifício e o banquete, por que pode ser mostrado sob os emblemas da videira que vai crescendo e do sol que vai surgindo.[23]

## O Deus de Abraão, Isaque e Jacó

No sexto e último dia de Gênesis 1, a Palavra de Deus foi emitida pela última vez na criação. “Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança” (Gn 1.26). Mas, e depois disso? Será que a Palavra dali em diante teria de ficar satisfeita consigo mesma? Com certeza, havia agora um universo para sustentar, mas ele jamais se ocuparia com a tarefa de sustentar o universo *como um fim em si mesmo,* e transcorreria um longo período antes que se encontrasse naquela manjedoura em Belém. Mas ele é a Palavra de Deus; ele não poderia jamais ficar inativo. Seria por meio dele que Deus falaria com a humanidade que acabara de criar. Seu Pai não agiria sem ele, e parece que ele estava desejoso de estar com seu povo.

Logo depois de João apresentar a Palavra no início de seu Evangelho, ele escreveu que “Ninguém jamais viu a Deus” (Jo 1.18). Se ele tivesse parado por aí, seu Evangelho teria sido motivo de zombaria em toda e qualquer sinagoga, pois não é preciso ler o Antigo Testamento com muita atenção para ver que muita gente *viu* a Deus. Jacó, depois de lutar com ele, exclamou: “Vi a Deus face a face” (Gn 32.30); lemos que o Senhor conversava regularmente com Moisés “face a face, como qualquer fala a seu amigo” (Êx 33.11), e, no Sinai, com seu irmão Arão, seus sobrinhos e com os setenta anciãos de Israel, eles “viram o Deus de Israel” (Êx 24.10); os pais de Sansão exclamaram: “Certamente, morreremos, porque vimos a Deus” (Jz 13.22), assim como o fez Isaías, que gemeu: “ai de mim!... os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos!” (Is 6.5). Às vezes, a visão era descrita como ver “a glória do Senhor”, como quando Ezequiel saiu “para o vale, e eis que a glória do Senhor estava ali” (Ez 3.23). E essa visão da glória do Senhor “apareceu *a todo o povo*” de Israel no êxodo, um povo cujo número excedia a casa de centenas de milhares (Lv 9.23; Êx 16.10).

Era importante, então, que João prosseguisse: “Ninguém jamais viu a Deus, *mas o Deus Unigênito, que está junto do Pai, o tornou conhecido*” (Jo 1.18, NVI). A quem eles todos tinham visto? Não a Deus Pai, mas ao Deus Unigênito: a Palavra, o Filho, a Glória de Deus. Às vezes o Antigo Testamento refere-se a ele como “o Anjo do Senhor”, que não é um anjo criado (“mensageiro”), mas




Figura 5: *Cristo como a glória do Senhor em Ezequiel 1.* Concepção de Lucas Cranach, o Jovem; Bíblia de Wittenberg, 1541

que, apesar de enviado como mensageiro da parte do Senhor, é claramente o próprio Deus. O anjo do Senhor fala como Senhor e Deus, e é tratado como tal (Gn 16.10-13; Êx 3.2-15); Jacó abençoa em nome dele, chamando-o de seu Deus e libertador (Gn 48.15-16); e ele é mencionado como aquele que tirou Israel do Egito (Jz 2.1).

Mas não é como se o Filho exercesse apenas um papel secundário no Antigo Testamento, surgindo ao acaso aqui e ali apenas para nos entreter. Você pode chegar a essa conclusão pelo esforço com que algumas pessoas contam a história do homem/Deus que lutou com Jacó (Gn 32.24-30), ou sobre o quarto homem na fornalha junto com Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, aquele que parecia "semelhante ao Filho de Deus" (Dn 3.25, Almeida Corrigida Fiel). Como se essas fossem extravagâncias incomuns, exceções à regra de que o Deus do Antigo Testamento é realmente unicamente o Pai (ou, pior, apenas algum "Deus não específico"). A dificuldade com essa ideia é que ela trata Jesus como um *acréscimo* neotestamentário posterior do "verdadeiro" Deus (fazendo com que tenhamos medo de como seja esse "verdadeiro" Deus por trás de Jesus).

Contudo, a reivindicação de Jesus a respeito de si mesmo não foi que ele era simplesmente algum antigo ser divino ou "Deus"; sua reivindicação foi que ele era especificamente o próprio Senhor Deus de Israel vindo em carne. Ele disse em João 8.58: "Em verdade, em verdade eu vos digo: antes que Abraão existisse, *EU SOU*", atribuindo a si mesmo o nome divino EU SOU (que traduzimos em português como "o Senhor"). Assim, não é de forma alguma estranho que ele apareça, fale e esteja com seu povo. Pois ele é "o Senhor" que vem "da parte do Senhor" (Gn 19.24). Ele é "o Senhor dos Exércitos" que diz: "o Senhor dos Exércitos é quem me enviou" (Zc 2.8-9). Ele é aquele em quem os fiéis têm

sempre confiado. Nas palavras de João Calvino: “Deus jamais se lhes revelou fora de Cristo” e: “Deus nunca se mostrou propício ao povo antigo, nem jamais *lhe* conferiu a esperança da graça, sem o Mediador... [de forma que] a esperança de todos os piedosos não foi jamais depositada em outra parte fora de Cristo”.[24]



Figura 6: *Cristo expulsa Adão e Eva do Jardim do Éden*; Saltério de Santo Albano, c. 1130.

Em outras palavras, o que Cristo estava fazendo “a.C.”? Ele estava experimentando o que logo significaria ser Salvador, Rei, Profeta, Sacerdote, Sacrifício e tudo aquilo que ele se tornaria e executaria. Como Palavra do Senhor, ele tornou Deus conhecido. Ele julgou o mal (Gn 19.24). Salvou seu povo (Is 63.9; Jd 5), guiando-os pelo deserto, alimentando-os com maná e defendendo-os de seus inimigos. Ele até mesmo manteve momentos amigáveis de comunhão com seu povo (Gn 18.1-8; Êx 24.10-11): afinal de contas, ele era o seu noivo, e os amou como o mais agradável marido (Is 62.5).

Ele também serviu de mediador e intercessor, orando em favor de seu povo como um homem suplica em favor de um amigo (Jó 16.20-21; 1Sm 2.25). Com isso, começamos a vê-lo de modo mais claro realizando antecipadamente aquilo que estava por vir. Em uma notável cena no Livro dos Juízes, o anjo do Senhor apareceu aos pais de Sansão; quando eles ofereceram um sacrifício, “Sucedeu que, subindo para o céu a chama que saiu do altar, o Anjo do Senhor subiu nela” — *como se ele próprio fosse o sacrifício* (Jz 13.20). A respeito disso, Jonathan Edwards escreveu:

> Cristo aqui apareceu a Manoá numa representação tanto da sua encarnação como da sua morte: da sua encarnação, pelo fato de ter se manifestado em forma humana; da sua morte e sofrimentos, representados pelo sacrifício de um cabrito, que Cristo agora representava ao subir na chama do sacrifício — anunciando que era ele o grande sacrifício que precisava ser oferecido a Deus como cheiro suave no fogo da sua ira, como aquele cabrito estava sendo queimado e subia naquela chama.[25]

E, uma vez que ele era aquele que apareceria “na nuvem sobre o propiciatório” no Santo dos Santos (Lv 16.2), podemos apenas imaginar como ele observava o trabalho do sumo sacerdote, como ele via o sangue aspergido de cada sacrifício e como isso o fazia pensar na obra que o esperava.

**Veja, o seu Rei vem até você**

Porém, embora ele pudesse resgatar seu povo do Egito, dar-lhes pão do céu e até mesmo ir junto com eles, ele queria mais do que isso. Nós precisávamos mais do que isso. Ele queria e nós precisávamos daquilo para o que todas essas coisas apontavam: o resgate verdadeiro, o pão que concede vida eterna, a sua presença conosco para sempre. E, assim, foi concedida esta promessa: “eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e lhe chamará Emanuel” (Is 7.14).

3 Thomas F. Torrance, "The Christ Who Loves Us", em *A Passion for Christ: The Vision That Ignites Ministry* (Eugene, OR: Wipf & Stock, 2010), p. 17.
4 Stephen Charnock, *The Complete Works of Stephen Charnock* (Edimburgo: James Nichol, 1865), 4:91.
5 *Ibid.*, 4:163.
6 Martinho Lutero, *Luther's Large Catechism* (St. Louis, MO: Concordia Publishing, 1978), p. 77.
7 Richard Sibbes, *The Works of Richard Sibbes* (Edimburgo: James Nichol, 1862), 2:230.
8 P. G. Wodehouse, *Summer Lightning* (Londres: Herbert Jenkins, 1929), p. 7.
9 Atanásio, *Against the Arians* 3.67; ênfase minha.
10 Em todas as citações bíblicas, as ênfases são todas minhas.
11 Carta de Samuel Rutherford para Lady Kenmure, 22 de novembro de 1636, *Letters of Samuel Rutherford* (Edimburgo: Banner of Truth, 1973), p. 43.
12 Michael Reeves, *Deleitando-se na Trindade* (Brasília, DF: Editora Monergismo, 2014), p. 21. Ênfase acrescentada.
13 Veja a p. XX deste livro; ênfase acrescentada.
14 Dança latino-americana em que os participantes, normalmente em fila indiana, repetem uma sequência de três passos e em seguida sacodem o corpo inteiro. [N. do T.]
15 Jonathan Edwards, *The Works of Jonathan Edwards* (New Haven, CT: Yale University Press, 2006), 5:187.
16 *Ibid.*, 11:152.
17 *Ibid.*, 11:64.
18 *Ibid.*, 11:93.
19 Martinho Lutero, *Luther's Works* (St. Louis, MO: Concordia Publications, 1958), 1:74.
20 John Bradford, *The Writings of John Bradford* (Cambridge: Cambridge University Press, 1848), 1:230-42.
21 C. S. Lewis, *Lendo os Salmos* (Viçosa, MG: Ultimato, 2015), p. 44; ênfase minha.
22 *Ibid.*, p. 112.
23 G. K. Chesterton, *O homem eterno*, tradução de Almiro Pisetta (São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2010), p. 263.
24 João Calvino, *O evangelho segundo João* — vol. 1, tradução de Valter Graciano Martins (São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2013), p. 218; e *As institutas — edição clássica*, tradução de Waldyr Carvalho Luz (São Paulo: Cultura Cristã, 2006), 2.6.2-3; veja também 4.8.5.
25 Jonathan Edwards, *Works of Jonathan Edwards*, 9:197-98.

# 2

# Eis o Homem!

**E a glória do Senhor será revelada**

E foi assim que o Senhor de toda a criação, aquele que precisa inclinar-se para contemplar os céus e a terra (Sl 113.6), humilhou-se vindo do céu para assumir a forma de servo. Ele criou a sua própria mãe e, então, diante de todos os anjos, o Pai enviou o seu notável Filho.

O apóstolo Paulo escreveu que Cristo Jesus "a si mesmo se esvaziou" ao assumir a forma de servo (Fp 2.7), mas não devemos pensar que aquele que em sua natureza era Deus tenha excluído *alguma coisa* de si mesmo, de alguma forma removendo algum atributo de Deus de si mesmo. Ele não se esvaziou de nada daquilo que era: ele esvaziou-se *a si mesmo,* humilhando-se quanto ao fato de ser Deus conosco na forma de um bebê. O Altíssimo humilhou-se, o Criador tornou-se criatura, a Palavra ficou muda, o próprio poder de Deus tornou-se um feto indefeso.

"De repente, virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais", havia profetizado Malaquias (Ml 3.1); e aqui ele estava. Com quanta devoção e intensidade o velho Simeão deve ter repassado em sua mente e anelado aquele dia no templo quando ele segurou nos braços o seu Senhor (Lc 2.25-35)! Pois aqui estava aquele cujo lugar era o Santo dos Santos. Aquele de quem os sumos sacerdotes temiam aproximar-se estava ali em carne, agora junto de seu povo e presente com ele para sempre. Não é de admirar que o mundo parecia tão cheio de endemoninhados naqueles dias: o inferno inteiro foi convocado para lutar contra o grande príncipe do céu. Não é de admirar que os Evangelhos registrem tanta gente maravilhada e atônita com ele, como se estivessem vendo um vulcão: sua presença era um apocalipse, um cataclismo, um terremoto provocando uma reviravolta em todas as coisas. Deus conosco!

Bernardo de Claraval, conhecido na história como “o doutor amado” do século 12, veneravelmente chamou esse evento de “o beijo de Deus”. Pois aqui a Palavra ou a boca de Deus vem encontrar-nos em amor. O noivo torna-se uma só carne com sua noiva. Aqui vemos a insondável paixão e compaixão que este Senhor tem por seu povo.

**Um só Senhor Jesus Cristo**

De certa forma, é confortante saber que sempre existiram pessoas excêntricas às voltas com a Igreja. Isso não é de hoje. E, no século segundo, o prêmio de maior excentricidade provavelmente foi para os cainitas (apesar de ter sido acirrada a competição). Crendo que a criação, com toda a sua confusão e sofrimento, era de fato uma coisa terrível, eles sustentavam que o deus que havia surgido com essa ideia tinha de ser um verdadeiro canalha. O verdadeiro diabo, na verdade. Por essa razão, para eles, os verdadeiros heróis da Bíblia eram as pessoas como Caim, que se opunham ao Criador perverso. Em vez de adorarem esse Deus Criador do Antigo Testamento, eles reivindicavam a adoração de um Deus Salvador totalmente diferente, alguém que eles criam ter visto no Novo Testamento, alguém que os resgataria desta criação e os conduziria a um mundo de espírito absoluto.

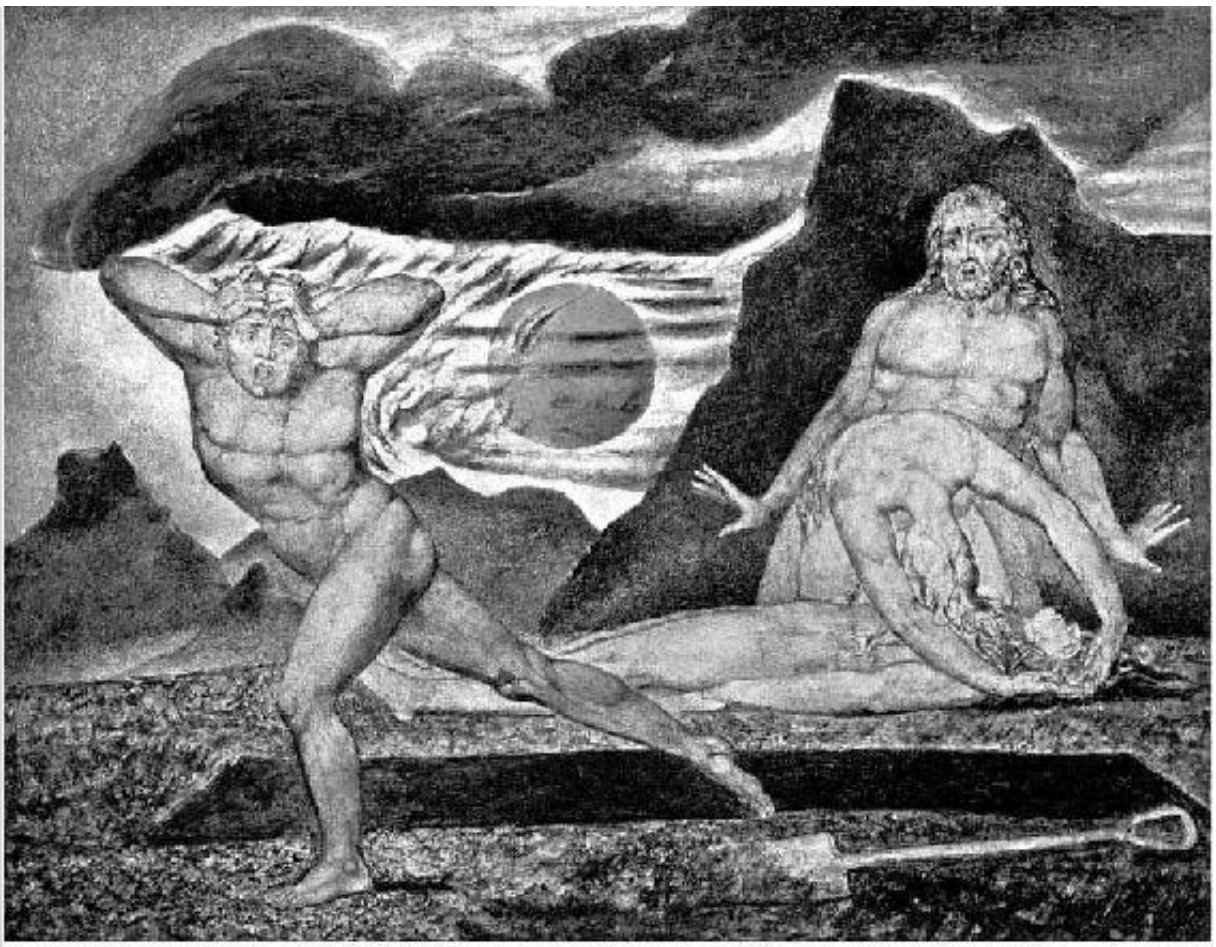


Figura 7: *Adão e Eva encontram o corpo de Abel*; por William Blake, c. 1826.

Os cristãos ortodoxos se admiram de como um Deus de amor pôde permitir tal deterioração. Porque a mensagem dos versículos iniciais do Evangelho de João é clara como cristal: o Salvador *era* a Palavra que estava no princípio com Deus, por meio de quem todas as coisas foram criadas. Ele não era um ser diferente. O Salvador era o Criador. Isso quer dizer que a salvação jamais poderia significar salvação *fora* deste mundo. A salvação não trata de desfazer a obra de algum outro deus (o Criador). Em vez disso, a mesmíssima Palavra que foi proferida no vazio na criação é a mesma que foi, na salvação, proferida no mundo arruinado. E, vindo para sua própria criação, ele não veio desfazê-la, mas sim redimi-la. É como se fosse o primeiro dia de uma nova semana de criação, a Palavra sendo proferida

outra vez para trazer luz às trevas, para criar vida, para recuperar aquilo que era dele (Jo 1.4-5).

Às vezes, os teólogos da Igreja explicavam isso contando a história da Imagem de Deus (ou seja, a história de Cristo como a Imagem de Deus [Cl 1.15; 2Co 4.4], que reflete e representa seu Pai de maneira tão perfeita, tendo sempre desfrutado de perfeita comunhão com ele). Tudo começou quando a humanidade foi criada à imagem *dele*. Nós fomos criados para sermos como ele, para conhecer e desfrutar comunhão com Deus, assim como sempre aconteceu com ele, para que refletíssemos a bondade, a santidade e a beleza de Deus. Assim como ocorre com ele. Contudo, no Éden, uma vez que nos desviamos de Deus e demos crédito à serpente, tornamo-nos completamente diferentes de Deus: egoístas, infiéis, dedicados a Satanás e não a Deus. É como se a humanidade fosse um retrato de Cristo, pintado à sua semelhança, mas agora horrivelmente desfigurado pelo pecado. Mas, então, Cristo retorna para que seu retrato seja pintado novamente e renovado — não para autorizar a feitura de uma obra completamente nova, mas para renovar a original. A Imagem de Deus viria para nos mostrar o que significa ser a imagem de Deus, e para nos remodelar naquilo para o que fomos criados.

**“O padrão daquele que haveria de vir”**

E então, qual foi exatamente a razão por que o Filho de Deus se tornou um homem, o filho de uma mulher? Aqui será de grande ajuda dar um passo atrás, por um instante, para olharmos para o primeiro homem, Adão. Por quê? Em primeiro lugar, porque o primeiro Adão foi o que “prefigurava aquele que havia de vir” (Rm 5.14), uma figura de como seria Cristo, o “último Adão” (1Co 15.45). Adão, por exemplo, foi coroado como governante de toda a criação. Deus se dirigiu a ele dizendo: “dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra” (Gn 1.28). Ele deveria cuidar da criação como administrador e regente da parte de Deus. Mas, é claro, em tudo isso ele servia como simples ilustração daquele diante de quem todo joelho se dobrará, a quem toda criatura se submeterá: o último Adão, que seria coroado como eterno rei de todas as coisas.

Adão também foi criado “à imagem de Deus” (Gn 1.27), para ser como aquele que é o brilhante esplendor da glória de seu Pai. E é notável o fato que Adão é chamado de “o filho de Deus” em Lucas 3.38. Pois ele foi criado especialmente para ser como *o* Filho de Deus, alegrando-se no amor e cuidado que o Filho eterno sempre havia desfrutado. Ele foi criado para conhecer o amor do Pai. Mas Adão, quando pecou, desfez tudo aquilo para o que tinha sido criado: ao dar ouvidos a Satanás, ele não mais refletia a imagem de Deus; ao duvidar da bondade paternal de Deus para com ele, ele não era mais um filho confiável. Ele era o filho pródigo. Mas, mesmo em seu pecado, ele conseguiu servir como *uma cópia invertida* do Filho de Deus. Adão não fez aquilo que Deus ordenou, exatamente porque não mais amava o Pai. Nesse momento, ele se tornou o exato oposto do Filho de Deus, que disse: “eu amo o Pai e... faço como o Pai me ordenou” (Jo 14.31).

Mais que tudo isso, o primeiro Adão nos mostra como é o último Adão por meio do seu casamento. O registro disso em Gênesis 2 com certeza faz você ficar atento e surpreso. Porque ali, num mundo sem morte nem dano, Adão é ferido. Ele cai num sono profundo, diferente, semelhante à morte, e do seu lado o Senhor remove uma costela e faz dela uma mulher (Gn 2.21-22). Ela provém

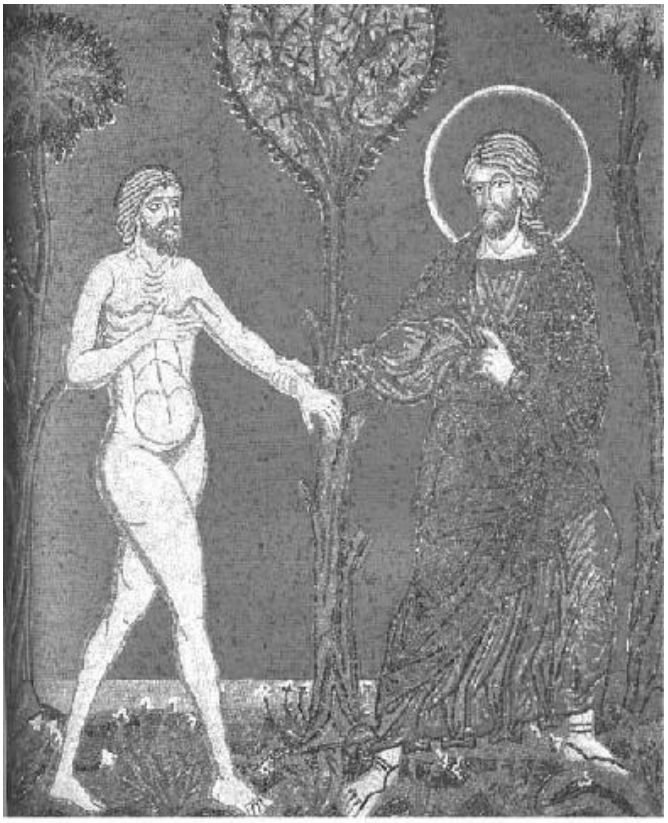


Figura 8: *Deus conduz Adão para o Éden*, Catedral de Monreale. Na história da arte cristã, Cristo e Adão com frequência têm sido mostrados como pessoas parecidas. Essa é a razão por que Cristo muitas vezes é representado com cabelos vermelhos para parecer-se com o homem (*adam*, no hebraico, uma palavra intimamente relacionada com *adom*, que significa "vermelho") formado da terra vermelha (*adamah*).

dele e eles se tornam um, marido e mulher (v. 24). João Calvino escreveu: "Nisso nós vemos uma real semelhança de nossa união com o Filho de Deus".[26] O que significa isso? O comentarista bíblico Matthew Henry esclarece:

> Nisto (como em muitas outras coisas) Adão era uma figura daquele que haveria de vir. Pois do lado de Cristo, o segundo Adão, formou-se a sua esposa, a igreja, quando ele dormiu o profundo sono da morte sobre a cruz, para que o seu lado fosse aberto, e dali saíssem água e sangue, sangue para resgatar a sua igreja e água para purificá-la para si.[27]

**Boas novas para os quebrantados**

Para muita gente, *casamento* é uma palavra da qual devemos nos esquivar. Ela lembra dor, quer seja por aspirações não alcançadas quanto ao casamento, seja por más experiências relacionadas a ele. Até mesmo Adão não serviu de modelo para o casamento, ficando em silêncio enquanto sua mulher estava sendo enganada pelo mal, e acusando-a assim que pôde, em vez de assumir a responsabilidade em lugar dela. Mas a razão por que o casamento evoca emoções tão fortes é por causa do quanto ele é central para toda a realidade. A História tem início com um casamento em Gênesis, e ela se encerra com um casamento em Apocalipse, com "a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo" (Ap 21.2). Casamento — especificamente *este* casamento — é o "felizes para sempre" definitivo de Deus. E essa é exatamente a razão por que um mau casamento é tão doloroso e angustiante, pois ele deturpa algo tão delicadamente bonito e bom.

Podemos avançar mais ainda: o casamento, em sua pior forma, sempre apresenta o relacionamento entre Cristo e a igreja *numa imagem fotográfica negativa*. Ele inverte a verdade última a respeito do casamento. Considere Juízes 19, que provavelmente é o mais tenebroso capítulo de toda a Bíblia. Localizado no repugnante final da decadência espiritual de Israel no livro de Juízes, ele relata uma história de arrepiante crueldade e abuso sexual. Um sacerdote israelita leva sua esposa até Gibeá (na verdade, ela é concubina dele: parte esposa, parte propriedade, uma "espécie de" esposa, o que revela que esse sacerdote não é bem um príncipe encantado). Uma multidão rodeia a casa em que eles se encontram exigindo manter relações sexuais *com o homem*. "Ele pegou da concubina do levita e entregou a eles fora, e eles a forçaram e abusaram dela toda a noite" (Jz 19.25). E, como se isso não fosse suficientemente repugnante, na manhã seguinte, quando ele abriu a porta e viu o corpo imóvel dela na entrada, as mãos estendidas em direção da casa, ele vocifera para ela: "Levante-se; vamos embora". Um

marido de sangue frio, que sacrificou a esposa para garantir sua própria segurança: ele é o exato reverso de Jesus, o qual, em terno amor, saiu para a escuridão para sacrificar a si mesmo em favor da sua noiva, para deixá-la segura.

Os cristãos que se esquivam diante da ideia do casamento podem, assim, conhecer dois motivos de consolo. Em primeiro lugar, qualquer experiência de infidelidade, crueldade ou frieza no casamento magoa, no final das contas, porque essas coisas são *o contrário* do Casamento. Eles provaram o contrário daquilo que a igreja encontra em seu Noivo. Em segundo lugar, todos os cristãos, solteiros ou casados, encontram sua mais profunda identidade aqui com ele. Todos os nossos anseios por amor verdadeiro e felicidade eterna serão satisfeitos de forma superabundante por ocasião da ceia das bodas do Cordeiro.

Não é de admirar que o apóstolo Paulo, quando leu a respeito deste primeiro casamento em Gênesis 2, viu-o como uma representação do último e mais sublime casamento, dizendo: “Grande é este mistério, mas eu me refiro a Cristo e à igreja” (Ef 5.32). Em Adão, nós vemos a gloriosa intenção de Cristo: conceder vida a sua noiva, e tornar-se um com ela.

**Ó Adão, o que foi que você fez?**

É bom olhar para Adão como o padrão daquele que haveria de vir, como alguém que nos ensina a respeito do último Adão. Mas existe outra razão, mais vital, para olhar para Adão dessa forma para entendermos a Cristo. Pois Adão é mais do que isso: ele é nossa identidade natural.

Em Gênesis 5, quando Adão gera um filho, Gênesis 5.3 nos diz que ele "gerou um filho à sua semelhança, conforme a sua imagem". Em outras palavras, tal pai, tal filho. Criado para ser à imagem e semelhança de Deus, Adão agora era claramente *diferente* de Deus, e agora o mundo se encheria do ruído de passos de delinquentes. Adão tornou-se o pai de uma raça *igual a ele mesmo*. Conforme Esdras supostamente afirmou em um desses obscuros livros apócrifos: "Ó Adão, o que foi que você fez? Porque, apesar de você ter pecado, a queda não foi sua apenas, mas também nossa, que somos seus descendentes" (2 Esdras 7.118).

O apóstolo Paulo expressou isso com a rudeza de um martelo: "*por um só homem* entrou o pecado no mundo... *pela ofensa de um só*, morreram muitos... *pela ofensa de um e por meio de um só*, reinou a morte... *por uma só ofensa*, veio o juízo sobre todos os homens para condenação... *pela desobediência de um só homem*, muitos se tornaram pecadores" (Rm 5.12, 15, 17-19).

Em outras palavras, quem estava certo era o velho John Donne: ninguém é uma ilha. O pecado de Adão afeta a nós todos. Por causa de Adão, nós pecamos; por causa de Adão, nós morremos.

A esta altura, já consigo ouvir as sirenes da polícia do pensamento uivando estrada acima. Porque isso é conversa abusiva. Não sou eu o senhor do meu destino, o capitão da minha própria alma? Não sou eu mesmo que determino meu próprio destino? É duro ouvir essas verdades numa cultura tão imersa no sentimentalismo de Hollywood, mas a resposta é: não. Todos nós nascemos num problema que retrocede para antes de termos feito qualquer coisa, antes mesmo que existíssemos: todos nós nascemos de Adão. À semelhança dele. Somos parte da família dele, participamos todos da sua identidade pecaminosa. Em vez de sermos pecadores pelo fato de cada um de nós pecarmos, nós nascemos pecadores, e *essa é a razão* por que nós pecamos e morremos. "Dos perversos




Figura 9: *Adão como a raiz da humanidade*, por Hartmann Schedel, 1493.

procede a perversidade, diz o provérbio dos antigos" (1Sm 24.13). Estamos apenas desempenhando aquilo que somos. (Aguente firme esta parte tenebrosa: a luz brilha muito mais claramente por causa dela.)

Na verdade, eu acho que todos nós acreditamos nisso — quando nos é conveniente. Porque, o que aconteceria se fôssemos todos ilhas? E se viéssemos ao mundo perfeitos e sem a influência do pecado? Se unicamente sofrêssemos e morrêssemos por causa de nosso próprio pecado? Bem, então, o que diríamos do menino que nasceu mentalmente deficiente? O que diríamos da menina com HIV congênito? Nesses casos, teríamos de dizer: "Essas pobres crianças estão sofrendo por causa *do próprio pecado delas*". Mas Paulo nos desvia desse tipo de frieza cruel: cada um de nós tem um problema que vai mais fundo que nosso próprio nascimento, até chegar à sua origem em Adão.

Em 1 Coríntios 15, Paulo apresenta um argumento similar, que "em Adão todos morrem", mas ali ele veste essas simples palavras com imagens cintilantes. "Mas, de fato, Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as *primícias* dos que dormem. Visto que a morte veio por um homem, também por um homem veio a ressurreição dos mortos. Porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo. Cada um, porém, por sua própria ordem: Cristo, as *primícias*; depois, os que são de Cristo, na sua vinda" (1Co 15.20-23).

Na mente de Paulo, é como se Adão e Cristo fossem duas primícias: um deles, as primícias da morte; o outro, as primícias da vida. Na verdade, a ideia das primícias funciona como uma espinha dorsal sob a carne de 1 Coríntios 15. No versículo 4, ele escreveu que Cristo "foi sepultado e ressuscitou *ao terceiro dia*, segundo as Escrituras". Em que Escrituras ele

estava pensando? Antes de qualquer outra, quase com certeza ele estava pensando em Gênesis 1 e no terceiro dia da criação. Lemos ali (e perceba como a repetição conduz o argumento): "E disse: Produza a terra relva, *ervas que dêem semente* e árvores frutíferas que dêem *fruto segundo a sua espécie, cuja semente esteja nele*, sobre a terra. E assim se fez. A terra, pois, produziu relva, *ervas que davam semente segundo a sua espécie* e árvores que davam *fruto, cuja semente estava nele, conforme a sua espécie"* (Gn 1.11-12).

Ali no terceiro dia de Gênesis 1 nós vemos as primícias da criação (como Cristo, ressuscitado ao terceiro dia, seria as primícias da *nova* criação, da ressurreição de entre os mortos). Essas "primícias" se reproduzem "conforme a sua espécie" porque elas contêm sementes — a próxima geração — *dentro* de si. Assim, *tudo o que acontece com o fruto acontece com a semente*. É isso que ocorre, diz Paulo, com Adão e com Cristo. Eles são as primícias de duas safras muito diferentes: uma, da morte; a outra, da vida. Todos os outros são apenas semente em um desses frutos.

Você já percebeu que, quando Paulo escreve a respeito de Adão e Cristo, ele escreve como se eles fossem os únicos homens neste mundo, como se os outros não existissem? Para Paulo, esse era o grande retrato da humanidade. Não é que a humanidade seja uma enorme multidão de indivíduos desconectados. Adão e Cristo são *os* dois homens: os cabeças, as primícias da antiga e da nova raça humana. Cada um de nós é apenas uma semente em um desses frutos, um membro de um desses corpos, dependentes quanto ao nosso destino, não de nós mesmos, mas do fruto ao qual pertencemos. Quando Adão pecou, nele nós pecamos; quando ele morreu, nós morremos. Por ocasião do meu nascimento, eu nasci numa humanidade pecaminosa, culpada e morta. Eu nasci com *essa* identidade (uma identidade que consegui desempenhar muito bem).

Enquanto estivermos por aqui, provaremos apenas um pequeno bocado de Hebreus 7.10, esse curto e picante versículo. O contexto é o seguinte: o autor está lembrando como, em Gênesis 14, Abraão pagou o dízimo ou a décima parte daquilo que tinha ao grande rei Melquisedeque. E agora vem a parte interessante: de acordo com a Carta aos Hebreus, o neto de Abraão, Levi (que ainda não tinha nascido na ocasião de Gênesis 14), *também* pagou esse dízimo

“por meio de Abraão. Embora Levi ainda não tivesse nascido, a semente da qual ele veio já estava no corpo de Abraão, seu antepassado” (versículos 9-10, NVT). Contudo, até nascer, Levi foi considerado como estando ainda “em Abraão”. Ele era, apesar de tudo, descendente de Abraão, sua “semente”. Ele ainda estava no antigo fruto. E assim, tudo o que Abraão fez, ele o fez. Foi isso o que aconteceu no caso de Adão, o pai da humanidade. Usando a linguagem da Carta aos Hebreus, nós pecamos, nós fomos declarados culpados e nós morremos por meio de Adão *porque*, quando Adão pecou, nós ainda estávamos no corpo de nosso antepassado.

Hoje a maioria de nós vive num mundo de individualismo exacerbado, por isso esse tipo de conversa sobre nossa união ou com Adão ou com Cristo nos soa esquisita — e tão real quanto um unicórnio. Pelo fato de pensarmos que *de fato* não temos nenhuma união com Adão, o assunto nos soa até como injusto. Por que razão *eu* preciso sofrer pelo que *ele* fez? (Como se *realmente* cada um de nós fosse uma ilha, independente dele.) Mas esse individualismo mutilou nossa visão das boas novas cristãs, transformando-as em uma *pequena* mensagem, um anúncio para o consumidor: “Venha adicionar alguma coisa à sua vida... receba um pouco de graça”. Paulo via isso de maneira muito diferente. Ele via um problema muito mais profundo e tinha uma visão muito mais grandiosa. Ele via nossa condição não apenas como se cada um de nós tivesse falhado em ser suficientemente bom e precisasse de um pouco de perdão. Se a coisa fosse assim tão simples, é claro que seríamos tentados a nos esforçar um pouco mais e melhorar a moralidade. Mas o problema é nossa própria *identidade*. Nós nascemos de Adão. Não há esperança para nós no esforçar-nos mais ou no conseguirmos alguma indulgência divina. Nossa única esperança é sermos arrancados da antiga humanidade de Adão, para sermos nascidos *outra vez* numa nova humanidade, para sermos uma nova criação.

Como, então, naquele tenebroso dia da Queda, Adão e Eva devem ter vibrado ao ouvir a respeito da Semente, o descendente, o filho que haveria de esmagar a cabeça da serpente (Gn 3.15)! Nada além disso seria suficiente. Nascido não de homem, mas semente da *mulher*, um filho que então Deus teria de providenciar especialmente. Aqui estava a esperança da vida para Adão e para todos os que

estavam nele. E Adão foi tão influenciado por essas novas que deu à mulher um novo nome (Gn 3.20). Nas Escrituras, quando alguém recebe um novo nome — quer seja de Abrão para Abraão, Oseias para Josué, Saulo para Paulo ou Simão para Pedro — isso sempre é de notável importância. Também aqui é assim. Anteriormente, quando pela primeira vez viu sua esposa, Adão a chamou de "mulher" (Gn 2.23, NVI). Mas, à luz da esperança que agora tem, ele lhe dá um novo nome: "Eva" ("Vida!"). Por meio de uma criança, a vida viria para a raça enrugada e moribunda de Adão. John Henry Newman expressou isso em seu hino magistral, "Louvor ao Santo nas Alturas":



Figura 10: Uma engraçada e antiga lenda diz que o lugar da crucificação de Jesus, o Gólgota (da palavra aramaica que significa "caveira") foi assim denominado por ser o lugar do túmulo de Adão. Assim, muitas vezes, representações da cruz mostram o sangue de Jesus gotejando sobre a caveira de Adão, o último Adão trazendo vida ao primeiro Adão.

Oh sábio amor de Deus!
No que tudo era pecar e culpa
O Outro Adão vem salvar-nos,
Para livrar-nos vem à luta.

Sábio amor! Cujo sangue e carne,
Que em Adão pereceram,

Haviam de enfrentar o mal,
Enfrentaram e o venceram.

**O leão dos leões**



Figura 11: Irineu (c. 130 - c. 202)

Irineu, o bispo de Lyon da Gália, do século segundo, foi um desses homens com séria pretensão à fama: seu mentor de infância tinha sido o grande Policarpo, um mártir que, em sua juventude, havia conhecido o apóstolo João. Um elo direto com os apóstolos, com as histórias para comprová-lo! Mas isso não era nada perto da sua habilidade como teólogo.

Irineu acreditava que Cristo haveria de desfazer aquilo que Adão tinha feito. Mais do que salvar umas poucas almas, Cristo faria com que a calamidade de Adão — a catástrofe que faz toda a criação gemer de dor — passasse a agir de forma reversa. Irineu argumentava que Gênesis 3 ocorreu imediatamente depois de Gênesis 2 sem nenhum lapso de tempo, significando que a Queda se deu no sexto dia da criação. Assim, Adão e Eva jamais usufruíram o descanso de Deus no dia sétimo, o Sábado. Sexta-feira infeliz. Mas isso foi exatamente o que Cristo veio reverter: assim como o pecado e a morte entraram no mundo por meio de uma árvore na Sexta-feira infeliz, assim o pecado e a morte seriam derrotados numa cruz feita de árvore na Sexta-feira Santa. Adão caiu ao dar ouvidos à tentação de Satanás para que comesse; Cristo venceu ao resistir exatamente a essa tentação no deserto. Num jardim, Adão caiu na morte; numa tumba num jardim, Cristo levantou-se da morte.

Assim, Cristo restauraria a criação que o pecado tinha assolado; ele gentilmente nos tornaria outra vez humanos, trazendo-nos de volta para sermos aquilo para o que fomos criados. Mais do que isso: o Filho do Homem teria uma glória que o primeiro homem não tinha jamais conhecido. Sua nova criação sobrepujaria a antiga. Com esta gloriosa criação, ganharíamos muito mais do que perdemos em Adão. “Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, *muito mais* os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo” (Rm 5.17).

## O Senhor vai criar algo novo na Terra

E agora chegamos ao ponto: se o Filho de Deus devia ser o último Adão para desfazer a Queda, para ser o cabeça de uma nova humanidade, para ser um com seu povo, sua noiva, então ele precisava tornar-se humano. Ele precisava tornar-se — numa realidade verdadeira, palpável — aquilo que tanto tempo atrás tinha sido prometido: a semente da mulher. A Palavra tornou-se carne.

Essa é, talvez, a razão por que, em seu Evangelho, João (que sempre gostou de fazer alusões a significados teológicos velados) registra dois momentos estranhos no ministério de Jesus, um bem no início, outro bem no final. Duas vezes ouvimos Jesus falar com Maria, sua mãe, e chamá-la de "mulher": no casamento em Caná (Jo 2.4) e na cruz (Jo 19.26). É bem provável que essa não seja a maneira que você esperaria que o filho perfeito se dirigisse a sua mãe. Ela não revela calor amoroso. (Os tradutores da NVI americana de 1984, sentindo-se embaraçados com isso, acrescentaram um amortecedor, fazendo Jesus dizer: "*Querida* mulher" em ambos os casos. Problema resolvido.) Mas talvez isso fosse outra tentativa deliberada de deixar claro que, ao mostrar no princípio a sua glória em Caná e no final morrendo na cruz, ele era a semente prometida da *mulher*. Porque, na cruz, ele foi o tão aguardado descendente da mulher, que finalmente esmagou a cabeça da serpente.

Contudo, apesar de ele precisar tornar-se homem, havia um problema óbvio nisso. Se o pecado de Adão de fato levou à condenação de toda a humanidade, como poderia ele tornar-se homem e não ser ele mesmo condenado como todos os demais? Como poderia ele salvar seu povo do pecado deles se ele também fosse nascido com o mesmo pecado que corria nas veias da raça de Adão? Desde Gênesis 4, os homens tinham gerado filhos à sua própria imagem e semelhança pecaminosas. A carne tinha gerado a carne (Jo 3.6). O que era necessário era algo novo: Cristo teria de nascer de uma mulher, mas ele não podia ter pai humano, para não nascer à sua imagem e semelhança. Como Adão, ele não poderia ter outro pai senão Deus. Era preciso que uma virgem o concebesse pelo puro poder do Espírito Santo (Is 7.14; Lc 1.35) e assim desse à luz um ente espiritual, santo (Jo 3.6). E, dessa forma, assim como o Espírito pairou sobre as

águas em Gênesis, ele cobriria Maria com sua sombra, para que o ente que haveria de nascer pudesse ser o cabeça de uma *nova* humanidade e uma *nova* criação.

Assim como evitou o pecado inerente de Adão, por meio do nascimento virginal, Cristo mostrou que sua salvação e sua nova raça humana são *miraculosas*. Contudo, José e Maria, por mais que o pudessem ter desejado, jamais poderiam ter produzido o Salvador do mundo por si mesmos. A bendita e bela vida de Jesus não é uma espécie de sobre-humanidade a que podemos aspirar por nossos próprios esforços. Ele não é produto de um salto evolucionário, o desabrochamento do potencial interno da nossa raça. Não somos *nós* que unimos Deus e a raça humana. Maria simplesmente recebeu a palavra de Deus como uma dádiva do céu: é *assim* que nós podemos ter a nova vida de Cristo. O nascimento virginal é um todo-poderoso "Não!" a todas as nossas tentativas tolas de merecer a salvação.

Isso significa que, antes de Jesus ser um exemplo para nós, um modelo de amor e bondade, ele é algo que nós *não podemos* ser. Ao nascer de uma virgem, ele não estava nos dando um exemplo; ele estava vindo como Salvador. O impetuoso reformador Martinho Lutero acreditava ser crucial para nossa saúde que isso ficasse bem claro: "O principal artigo e fundamento do evangelho", escreveu ele, "é que *antes de você tomar Cristo como exemplo, você o aceite e reconheça como uma dádiva*, como um presente que Deus lhe deu e que é seu".[28] Caso contrário, Cristo será para nós apenas um pouco mais útil do que qualquer outro homem bom. E então não teremos boas novas de forma alguma. Não é de admirar, portanto, que, sempre que o nascimento virginal é banalizado ou negado pelos teólogos, a consequência invariável tem sido uma perda do evangelho na teologia deles. O nascimento virginal de Jesus resguarda a própria excelência das boas novas cristãs: aqui está uma intervenção e uma salvação sobrenaturais.



Figura 12: *A Anunciação*, por Fra Angelico, c. 1431. Gabriel anuncia o nascimento virginal de Cristo enquanto o Espírito Santo desce sobre Maria.

**Jesus, agora, é nosso irmão**

Quase sinto vertigem e minha pele se arrepia enquanto escrevo isto: *Deus veio para estar conosco!* O Senhor da glória se fez um amigo mais chegado do que qualquer outro. Não, não apenas chegado: o Noivo se fez *um* com sua querida noiva. Por aquilo que o Filho de Deus fez, eu agora posso dizer que eu sou carne da sua carne e osso dos seus ossos. Tudo o que ele *é* ele o deu a nós, de forma que tudo o que ele *tem* ele pode repartir conosco.

Nos primeiros tempos depois do Novo Testamento, havia algumas pessoas que simplesmente não podiam crer que o próprio Deus tivesse se tornado um verdadeiro homem. Dá para entender: isso parece quase incrível. Mas, em vez de se maravilharem, eles repudiaram essa possibilidade e disseram que Cristo apenas deve ter *parecido* um ser humano (por essa razão ficaram conhecidos como "docetistas", palavra originária da palavra grega *dokein*, que significa "parecer"). Eles diziam que Cristo era um espírito. Por essa razão, ele na verdade não comia, não respirava nem morreu; ele, na verdade, nem deixou as marcas de seus passos, diziam eles. Em vez disso, ele apenas *fingia* comer na frente dos seus discípulos míopes; ele *fingia* caminhar, enquanto o tempo todo estava era flutuando pelo mundo como um aroma santo.

Sem rodeios, o apóstolo João condenou firmemente essa maneira de pensar, escrevendo que "muitos enganadores têm saído pelo mundo fora, *os quais não confessam Jesus Cristo vindo em carne*; assim é o enganador e o anticristo" (2Jo 7). Seguindo a liderança dele, vários dos pesos pesados da igreja entraram no ringue para confrontar essa esquisitice, e ao longo dos séculos forçaram os relutantes a uma concessão: talvez Jesus *fosse* humano... mas, de qualquer modo, não era possível que ele tivesse uma mente humana. Entra Gregório de Nazianzo (teólogo, grau dez, faixa preta). O texto bíblico que o estimulava era Hebreus 2.14 ("*Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele [Cristo], igualmente, participou,* para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo"). Com isso, ele deu uma gravata em seus oponentes, escrevendo: "Aquilo que [Cristo] não assumiu ele não curou".[29] Ou seja, Cristo tomou sobre si ou assumiu nossa carne e

sangue *com o fim de curá-la* de seu pecado: ele a tomaria sobre si por meio da morte para levá-la a uma nova vida e trazê-la de volta a Deus. Mas, se há qualquer parte de nossa humanidade que ele *não* tenha tomado sobre si, essa não será curada por ele. Aquilo que Gregório tinha visto com clareza límpida era que a humanidade *de Jesus* é essencial para a salvação de *nossa* humanidade. Ele simplesmente não poderia ser o cabeça de uma nova humanidade se não fosse de fato humano. Ele não poderia ser nosso parente resgatador ou o verdadeiro Noivo de seu povo se nós não fôssemos carne de sua carne.

Hoje, tudo isso parece estranho e exótico, não é mesmo? Sabemos muito bem que "Jesus salva do pecado". "Jesus cura a carne" soa como se alguém estivesse falando alguma língua estrangeira. Mas, ao vir num corpo, Cristo veio para dar esperança e um futuro *para nossos corpos*. No final das contas, Cristo não veio para repor, mas para redimir a criação que ele projetou e declarou como boa: corpos, árvores, leões, cordeiros, tudo isso. Contudo, para fazê-lo e para repartir sua vida com a humanidade que tinha criado, *era preciso que ele mesmo assumisse essa humanidade*. Afinal de contas, a vida só é encontrada *nele* (Jo 1.4). Para curar esta raça de Adão, ele não poderia só surgir num corpo improvisado vindo do céu; ele precisava assumir a carne e o sangue *de Adão*. É claro, ele poderia ter começado *toda uma nova raça humana* por meio de um novo punhado de pó da terra, assim como fizera com Adão. Mas isso não nos teria feito bem nenhum. A antiga raça de Adão teria ficado inteiramente sem ser afetada pelo que ele fizesse. Por mais estranho que soe, é preciso dizermos isto: se não houvesse conexão de cordão umbilical, não haveria redenção!

## É nascido o próprio Deus

Cristo, então, era verdadeiro homem. Mas precisamos dizer também que ele era verdadeiro Deus. Ele somente poderia repartir conosco aquilo que ele mesmo possuía; assim, se ele não é Deus, como poderia ele repartir conosco a vida de Deus? Se ele não é de fato o Filho amado de Deus, como poderia ele nos tornar os filhos de Deus? Se ele não tivesse a confiança de clamar "Abba" ao Todo-Poderoso, como poderia ele nos conceder qualquer ousadia diante do trono? Nossa salvação só é tão boa como é *porque Cristo é quem ele é*. Faça dele algo menos do que Deus, e você fará do evangelho algo menos do que bom: ninguém terá livre acesso para conhecer um Deus paternal como seu filho amado.

Para muita gente, a divindade de Jesus, talvez até mais do que a sua verdadeira humanidade, tem sido algo mais duro de engolir. Algumas pessoas simplesmente a negam, chamando-o de homem bom ou um grande anjo. Mas você não pode dizer-se *cristão* e sustentar esse tipo de opinião, não depois de João ter escrito isto: "Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? Este é o anticristo, o que nega o Pai e o Filho. Todo aquele que nega o Filho, esse não tem o Pai; aquele que confessa o Filho tem igualmente o Pai" (1Jo 2.22-23).

Contudo, houve também cristãos que *se acanhavam* de declarar que Jesus é o Senhor, o eterno Filho de Deus. Considere, por exemplo, Teodoro de Mopsuéstia, um bispo do século quarto, cuja confusão era digna, talvez, de ser identificada com essa expressão. De acordo com ele: "Jesus é semelhante a todos os outros homens, *diferindo dos homens naturais unicamente pelo fato de [a Palavra] ter-lhe concedido graça*".[30] Em outras palavras, Jesus não é o Filho de Deus: o Filho ou Palavra de Deus tem *uma conexão com o homem Jesus*, ajudando-o, dando-lhe graça. Seja forte, leitor! E, antes de você rir ou vomitar, repare como essa maneira de ver Jesus muda a forma do evangelho. Aqui, a salvação significa que recebemos um empurrãozinho de uma bênção abstrata chamada "graça". O significado disso era que, para Teodoro, Jesus tornou-se mais um modelo do que um salvador: um homem *ajudado* por Deus. E, se Deus nos ajuda da mesma forma que ajudou a Jesus, então também podemos ser tão santos e justos como ele. Eu disse que isso "muda a forma do evangelho"; talvez

seja mais exato dizer que isso *desfaz* o evangelho. Porque isso é salvação com a participação das obras. Mais um problema: se Deus de fato não está disposto a tornar-se um de nós e morrer por nós, ele evidentemente não nos ama tanto assim. Ele com certeza não ama tanto quanto o Deus que está disposto a fazer isso. Mesmo que se dispusesse a fazer qualquer coisa boa por nós, um Deus desse tipo não se daria a si mesmo a nós.

Logo depois que Teodoro faleceu, um concílio dos líderes da igreja reuniu-se em Éfeso para debater essa maneira de pensar a respeito de Jesus. Eles não estavam impressionados. Não, disseram eles, dizer que Jesus é o Filho de Deus é tão acertado que Maria pode ser chamada de "portadora de Deus". Ela carregou o próprio Deus Filho em seu ventre quando ele assumiu um corpo. Isso significava que o evangelho deles era bem diferente. Para eles, Cristo não era tanto um modelo; em primeiro lugar e acima de tudo ele é o Salvador dos desamparados. E sua salvação não se refere a um Deus distante que envia para cá uma espécie de ajuda, uma "graça"; aqui, Deus graciosamente nos dá *a si mesmo* e a sua própria vida. *Deus* é a bênção do evangelho. Deus conosco.

**O Sol Nascente virá do céu até nós**

Na vida de Jesus, então, vemos duas coisas maravilhosas: vemos *o Filho de Deus* revelando o coração e os propósitos compassivos de seu Pai; e vemos *o Filho do Homem* vivendo em doce comunhão com Deus. Não é de admirar que "muitos profetas e justos desejaram" contemplar essa grande visão (Mt 13.17)!

Em primeiro lugar, *o Filho de Deus*. O fato de Jesus ser o Filho de Deus é fundamental à maneira como os Evangelhos o descrevem. João deixa claro que essa é justamente a razão por que ele escreveu seu Evangelho: "para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome" (Jo 20.31). Mateus, Marcos e Lucas apresentam os eventos chaves da vida de Jesus, todos eles a respeito da sua identidade como o Filho de Deus. Quando criança, ele gravita em torno do templo como a "casa de meu Pai" (Lc 2.49); em seu batismo e transfiguração, Deus declara que Jesus é seu Filho amado (Lc 3.21-22; 9.28-36); no deserto, a frase que se repetia nos lábios do tentador é: "*Se* és Filho de Deus..." (Mt 4.6); uma evidência fundamental é a confissão de Pedro: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt 16.16); quando foi julgado, perguntaram-lhe se era o Filho de Deus (Mc 14.61-62) e, na sua morte, o centurião reconhece que ele é o Filho de Deus (Mc 15.39). E poderíamos avançar mais.

Por incrível que pareça, no eterno Filho de Deus, a exata expressão do ser de seu Pai, vemos precisamente o que Deus de fato é. No final das contas, ele é o próprio Deus que veio "tabernacular" conosco. Ele é o templo, o lugar de habitação de Deus, o lugar cheio da glória de Deus (Jo 2.21). Nele a luz de Deus brilha outra vez na escuridão.

E o que nós descobrimos com isso? Nenhuma autoproclamação despropositada; na vinda do Filho de Deus, nós vemos o prenúncio de um reino — o reino de Deus — que satisfaz a todo sonho humano. A vinda do reino de Deus significa a expulsão do mal que nos oprime. Jesus disse: "Se... eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós" (Mt 12.28). Ele é como um tesouro, uma grande pérola, uma festa de casamento, e, contudo, é para os pobres de espírito (Mt 5.3). Ele significa a cura

de enfermos, a ressurreição de mortos, a purificação de leprosos, a expulsão de demônios (Mt 10.7). Esse é um reino de pessoas humildes (Mt 18.4). Ele significa o juízo sobre o mal e a justiça própria, a provisão do pão diário e as boas-vindas aos rejeitados. É a cura dos quebrantados, o perdão do pecado, o princípio da renovação de todas as coisas. Essa é a razão por que o clamor do coração cristão é: “venha o teu reino” — e que reino! E que Deus esse que vai reinar!



Figura 13: “Reduziu a tempestade a uma brisa e serenou as ondas” (Sl 107.29, NVI). *A tempestade no mar da Galileia*, por Rembrandt, 1633.

Zacarias, o pai de João Batista, profetizou a respeito de seu filho:

> Tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo, porque precederás o Senhor, preparando-lhe os caminhos, para dar ao seu povo conhecimento da salvação, no redimi-lo dos seus pecados, graças à entranhável misericórdia de nosso Deus, pela qual nos visitará o sol nascente das alturas, para alumiar os que jazem nas trevas e na sombra da morte, e dirigir os nossos pés pelo caminho da paz. (Lc 1.76-79)

É exatamente isso que vemos em Jesus: como ele era cheio de compaixão para com as multidões perturbadas e desamparadas; como geme de compaixão pelo leproso; como chora por Jerusalém. À medida que vemos isso tudo, vemos a terna misericórdia do próprio Deus.

**O perfeito Homem**

Agora, temos aqui a maravilha do Filho do Homem: O Filho *agora traz para nós* o amoroso relacionamento que sempre havia desfrutado com seu Pai. Quando ele se torna homem, pela primeira vez *um ser humano* desfruta da comunhão que o próprio Filho mantém com o Pai. Em Jesus, pela primeira vez, *um ser humano* vive em perfeita comunhão com Deus. Amando a Deus com todo o seu coração, alma, mente e força, amando seu próximo como a si mesmo, ele é o primeiro e único a guardar e cumprir a lei de Deus. Vemos o contraste com todos os demais em sua tentação no deserto: onde Adão deu ouvidos ao tentador e comeu do fruto; onde Israel falhou no deserto, Cristo permanece totalmente leal a Deus. Ninguém jamais tinha ouvido algo igual: um homem fiel! Entretanto, a palavra *fiel* está longe de captar essa ideia: Jesus ama a seu Pai tão completamente que fazer a sua vontade é comida para ele (Jo 4.34); o zelo pela casa de seu Pai o consome (Jo 2.16-17). Isso é o que ele traz para repartir com a humanidade: sua própria filiação, seu próprio relacionamento e vida com seu Pai.

E que vida! Os cristãos, muitas vezes, empregam uma expressão fria para descrever a vida de Cristo: ela foi *sem pecado*. Isso nos diz o que ele *não* era: ele *não* era egoísta, cruel, abusivo, pervertido, mesquinho ou orgulhoso. Agora, se falarmos abertamente o que isso significa, podemos ver que ser “sem pecado” é algo belo, dinâmico e atraente. A dificuldade é que com frequência deixamos essa expressão fechada e então ela reforça todos os nossos estereótipos do que significa ser uma “pessoa santa”: alguém que tem sangue de barata, meigo, sonhador, delicado e tão espiritual que chega a doer.

Mas como é que ele *era de fato*? Tudo, menos maçante e anêmico! Aqui estava um homem de grande carisma, transbordando de vida. Saúde e curas, pães e peixes, tudo abundava em sua presença. Tão cativante as pessoas o consideravam, que as multidões se amontoavam ao seu redor. Homens, mulheres, crianças, doentes e dementes, ricos e pobres: todos o consideravam tão atraente, que alguns queriam apenas tocar as vestes dele. Mais agradável que o verão, ele ajudava os desprezados e dava esperança aos desesperados. Os

impuros e desprezados descobriram que *ele se importava* com eles. Seus amigos mais chegados constataram que, como o Filho do Homem veio comendo e bebendo, estar com ele era como estar com um noivo numa festa de casamento. Robert Law escreveu:



Figura 14: *O casamento em Caná*, extraído de Postil, de Niels Hemmingsen, 1576.

> As bênçãos do Reino de Deus que ele estava trazendo aos homens só podia se comparar às alegrias festivas do casamento (Mc 2.19). Tanto ele como seus discípulos eram como uma festa de casamento. Ele era o noivo cuja alegria transborda até o coração de seus amigos, e transforma o jejum em banquete. Mesmo no final, no limiar do Getsêmani e à vista do Calvário, ele não fala de seus pesares, mas ainda fala da sua alegria. Ele é o Senhor da alegria e o seu supremo desejo em favor de seus servos é que possam entrar no gozo de seu Senhor e o tenham plenamente consumado em si. Contudo, Jesus é o Homem de Dores; e é pelo fato de ele ser o Homem de Dores que sua alegria é um legado tão precioso, uma tão forte âncora para nossas almas.[31]

Sim, ele foi um homem que sentiu um mundo todo de dor, mas que transbordava de alegria.

Generoso e genial, firme e resoluto, ele era sempre surpreendente. Amoroso, mas não piegas, seu discernimento confundia as pessoas e sua bondade as atraía. Na verdade, ele era um homem de contrastes e de atrativos extraordinários. Simplesmente não era possível defini-lo porque qualquer tentativa seria insuficiente. Ele era viril e humano, mas não rude. Puro, mas jamais insípido. Sério, com humor perspicaz. Mais cortante do que vidro, ele arrazoava com quem quer que fosse, mas nunca com o simples propósito de vencer. Não havia defeitos nele, mas era transparentemente humilde. Ele fez as maiores reivindicações com respeito a si mesmo, mas sem o menor vestígio de ostentação. Ele expulsou os vendilhões do templo, falou do fogo do inferno, chamou Herodes de raposa, chamou os fariseus de sepulcros caiados, mas quando se lê a vida dele, não há como duvidar de seu amor.

Com um coração imenso, ele odiava o mal e se compadecia dos necessitados. Ele amava a Deus e amava as pessoas. Você olha para ele e é forçado a dizer:

“Eis aqui um homem verdadeiramente vivo, não desprovido de viço de forma alguma, muito mais cheio de vida e vigoroso, muito mais pleno e completo, muito mais *humano* do que qualquer outro”.

**A vida de Deus na humanidade**

O que vemos tão esplendidamente exibido em Jesus é *a vida de Deus na humanidade*, encarnada para que a pudéssemos ver. *Assim* é a vida de Deus. O eterno Filho de Deus sempre se caracterizou por esse amor, essa pureza e vivacidade, mas agora ele trouxe essa vida *para nós*, para ser o primogênito de uma nova humanidade, e é assim que se parece a humanidade completa nele. Aqui no Filho do Homem estão tanto a *identidade* como o *caráter* da nova humanidade.

Aqueles que se encontram em Cristo são *amados* como ele (esse é o seu novo *status*): assim como o Pai olha com satisfação e prazer para esse seu Filho perfeito, assim ele olha com satisfação e prazer para todos os que estão nele. Da mesma forma que nascemos no *status* pecaminoso de Adão, os crentes são nascidos de novo no *status* justo e amado do Filho. Ele viveu *por* nós, e sua vida justa é nossa.

E aqueles que se encontram em Cristo começam a perceber que *amam* como ele (esse é seu novo caráter). Com essa nova humanidade dele, participando de sua natureza, começamos a amar a Deus e às outras pessoas, e a odiar o mal assim como Cristo o faz. Começamos, como ele, a estar cada vez mais *vivos*.

## O ungido

A pergunta é: Como? De onde vem essa vida de Deus na nova humanidade? E a resposta nos é dada por Gabriel quando ele anunciou a Maria o nascimento de Cristo: “Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso, também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus” (Lc 1.35). O Filho ou a Palavra de Deus jamais agiu sozinho, mas sempre no poder do Espírito (como, por exemplo, em Gênesis 1, quando a Palavra de Deus é proferida pelo Espírito na escuridão). Eles são tão inseparáveis que o salmo 33.6 pode cantar: “Os céus por *sua* [do Senhor] *palavra* se fizeram, e, pelo sopro [ou *Espírito*] de sua boca, o exército deles”. E, como sempre foi, assim aconteceu quando a Palavra se tornou carne: ele fez tudo o que fez no poder do Espírito.

Nascido no poder do Espírito, ele vive e age como um homem no poder do Espírito. Em seu batismo no Jordão, o Espírito o unge, depois o envia para o deserto sem vida exatamente como no passado o havia enviado para o caos sem vida em Gênesis 1. Quando retorna para a Galileia no poder do Espírito, ele anuncia e define seu ministério na sinagoga em Nazaré usando as palavras de Isaías 61: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor” (Lc 4.18-19). Assim ele curou, fez o bem e expeliu demônios — tudo no poder do Espírito (Mt 12.28; At 10.38). Mais tarde, ele se ofereceria a si mesmo pelo Espírito na cruz (Hb 9.14) e ressuscitaria de entre os mortos pelo poder do Espírito (Rm 8.11).

No Antigo Testamento, os reis, sacerdotes e mesmo os profetas eram consagrados aos seus ministérios sendo ungidos com o derramamento de óleo (chamado, às vezes, de “óleo de alegria”, como no Salmo 45.7), símbolo do derramamento do Espírito. Como o verdadeiro rei de Israel, o filho de Davi, o Rei dos reis (Jo 1.49); como o grande sumo sacerdote (Hb 4.14) e o profeta derradeiro há muito tempo esperado (Dt 18.15), Jesus foi ungido com o Espírito.

Pois ele é *o* Ungido (“o Cristo” em grego, “o Messias” em hebraico); ele é a árvore frutífera da vida alimentada pelas fontes de água viva (Sl 1).

Cristo mostra o que é ser humano, o que é ser plenamente vivo no Espírito. E ele é a cabeça de uma nova humanidade cheia do Espírito: todos os que estão nele participam dessa sua unção. Todos os dessa sua nova humanidade são, como ele, filhos que “não nasceram por descendência natural, nem pela vontade da carne nem pela vontade de algum homem, mas nasceram de Deus” pelo poder do Espírito (Jo 1.13). Então, renascidos em Cristo, nós bebemos das mesmas águas vivas, e começamos a transbordar do seu exuberante amor e vida.

Pois assim está escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente. O último Adão, porém, é espírito vivificante. Mas não é primeiro o espiritual, e sim o natural; depois, o espiritual. O primeiro homem, formado da terra, é terreno; o segundo homem é do céu. Como foi o primeiro homem, o terreno, tais são também os demais homens terrenos; e, como é o homem celestial, tais também os celestiais. E, assim como trouxemos a imagem do que é terreno, devemos trazer também a imagem do celestial. (1Co 15.45-49)

26 João Calvino, *Commentary on Genesis* (1847; reimpr., Grand Rapids: Baker, 1993), 2:21.

27 Matthew Henry, *Comentário bíblico do Antigo Testamento — Gênesis a Deuteronômio* (Rio de Janeiro: CPAD, 2010), p. 17. Comentário sobre Gênesis 2.21-25.

28 Martinho Lutero, *Luther's Works* (St. Louis, MO: Concordia Publishing, 1960), 35:119; ênfase minha.

29 Gregório de Nazianzo, *Epistle 101, Nicene and Post-Nicene Fathers, 2ª série* (Peabody, MA: Hendrickson, 1996), 7:438.

30 Teodoro de Mopsuéstia, *On the Incarnation* 2.291, trad. H. B. Swete, *Minor Epistles of St. Paul* (Cambridge, UK: Cambridge University Press); ênfase minha.

31 Robert Law, *The Emotions of Jesus* (Nova Iorque: Charles Scribner's, 1915), p. 4-5.

# 3

# Morto e outra vez de volta à vida

## O Rei em sua beleza

"Tudo o que sou eu lhe dou, e tudo o que tenho eu compartilho com você", diz a noiva a seu noivo no dia do casamento. Esse é um profundo mistério, mas estou falando a respeito da cruz. Pois foi na cruz que compartilhamos com Cristo *tudo* o que temos. Nascido de Maria, ele já tinha vindo compartilhar de nossa carne e sangue; na cruz, então, demos a ele todo o nosso pecado, nossa morte, nossa vergonha. O amoroso Noivo, em sua morte, tomou sobre si as dores e enfermidades de sua Noiva para enterrá-las para sempre.

A balada nupcial pode ser ouvida no salmo 45, onde o rei, fascinado com sua noiva, a conduz ao palácio real. Esse é um salmo que pode muito bem ter sido usado nos muitos casamentos reais de Israel, mas o rei que ele na verdade descreve é totalmente singular. A respeito dele o salmo diz: "O teu trono, *ó Deus*, é para todo o sempre" (Sl 45.6). O Rei-Noivo *é Deus*, o Filho ungido (Hb 1.8-9). E ele é descrito, literalmente, como sendo "o *mais formoso* dos filhos dos homens" (Sl 45.2). Naturalmente. Jesus, o Filho, era eternamente o exemplo imaculado de beleza.

Contudo, em favor da sua Noiva, esse mais formoso dos filhos dos homens seria levantado na cruz e ali desfigurado. "Eis que o meu Servo procederá com prudência; *será exaltado e elevado* e será mui sublime. Como pasmaram muitos à vista dele (pois *o seu aspecto estava mui desfigurado, mais do que o de outro qualquer, e a sua aparência, mais do que a dos outros filhos dos homens*)" (Is 52.13-14). Puxaram-lhe a barba, seu corpo foi perfurado e lacerado, ficou ensanguentado, bateram e cuspiram nele: o rei em sua beleza tornou-se repulsivo e era horrível olhar para ele. Mas esse era exatamente o ponto. Como Isaías prossegue: "Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas

dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados" (Is 53.4-5). Movido pelo total e ilimitado amor por sua Noiva, ele assumiu sobre si mesmo as enfermidades dela, bem como todas as consequências do seu pecado. Ele assumiu a feiura dela para que ela pudesse contar com a beleza dele.



Figura 15: *A crucificação*, por Lucas Cranach o Velho, 1502.

E é nesse exato momento, quando se torna tão horroroso fisicamente, que ele se torna tão precioso para nós. Richard Sibbes escreveu: "Cristo nunca foi mais encantador para sua igreja do que quando se tornou tão desfigurado em favor dela".[32] Pois em sua prontidão para morrer nossa morte e assumir nossas dores sobre si mesmo, ele revela o pleno vigor e ardor de seu amor. E nós não somos os únicos influenciados. Por toda a eternidade, o Pai sente um insuperável prazer em seu Filho, mas esse prazer transbordou quando Jesus provou seu caráter na cruz. Jesus disse: "Por isso é que meu Pai me ama, porque eu dou a minha vida" (Jo 10.17, NVI). Assim como o nosso, o coração do Pai no céu se inflama com prazer diante da fidelidade e compaixão de seu Filho.

Isso tudo significa que a cruz é um lugar pleno de ironia e paradoxo: ali o homem formoso é vil, o homem santo é colocado entre criminosos, o homem digno e poderoso é levantado, mas para que morra. Pois nesse dia, de forma totalmente diversa de sua vida eterna, Jesus provou definitivamente quem ele é e a que se assemelha. O centurião exclamou: "Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus" (Mc 15.39); os soldados o coroaram com espinhos, cobriram-no com um manto púrpura imperial e o "adoraram"; Pilatos colocou acima da

cabeça de Jesus a informação: “JESUS NAZARENO, O REI DOS JUDEUS” (Jo 19.19). Apesar da zombaria ou da ignorância, todos eles falaram e agiram melhor do que sabiam — pois tudo era verdade. Ali estava o Filho de Deus sendo tão *ele mesmo* que mesmo um executor gentio o percebeu. Na cruz, nós vemos o Noivo, amoroso até a morte; o Senhor da glória entregando a própria vida; o Senhor dos Exércitos esmagando Satanás; o Rei entronizado. Nós vemos *Jesus* (“o Senhor salva”). É isso que ele é. Como cantam os ortodoxos na sexta-feira santa:

*Aquele cuja veste é a própria luz*
*No julgamento ficou nu.*
*Deram-lhe bofetadas no rosto*
*Com as mãos que ele tinha formado.*
*A multidão sem lei pregou na cruz*
*O Senhor da glória.*

*Hoje está pendurado no madeiro*
*Aquele que sustenta a terra no meio das águas.*
*Uma coroa de espinhos coroa aquele*
*Que é o rei dos anjos.*

*Vestiram com o manto da zombaria*
*Aquele que veste o céu com as nuvens.*[33]

É muito fácil despojar a cruz de sua glória tratando-a como uma transação inerte *à parte de Cristo*. Mas aquele que foi crucificado *é* a glória da cruz. Ali, em poderosa benignidade, ele assume nosso pecado e derrota nossa morte *para que possamos tê-lo*. E, quando *ele* é exaltado na mensagem da cruz, atrairá a todos a si mesmo (Jo 12.32).

**Somente a cruz é nossa teologia**

"Somente a cruz é nossa teologia." Assim disse o reformador Martinho Lutero. Afinal de contas, se aquele que foi pregado na cruz é de fato Emanuel — Deus conosco — então nós precisamos desesperadamente repensar como Deus é. Que tipo de Deus é esse que se dispôs a derramar seu sangue e a morrer por nós? Esse não é o tipo de Ser Supremo que naturalmente imagino quando minha mente divaga a esmo. Sentado confortavelmente em minha poltrona, minha tendência é tomar por certo que Deus deve ser igual a mim. Claro, maior e melhor, admito, mas basicamente como eu mesmo. Eu mesmo elevado a uma potência cósmica. Aí eu vejo a cruz, e isso me serve como um desfibrilador para a mente.

Ali, na cruz, é mostrada a glória, a sabedoria, a retidão, o amor, a justiça e o poder de Deus (1Co 1.18-31). E nenhum desses se parece com nada que você esperava. Alguma vez você já pensou que um homem morrer numa cruz fosse a definição de amor? Contudo, é assim que sabemos o que é o amor (1Jo 3.16). Alguma vez você já reparou no abuso da lei que foi seu julgamento e imaginou que ali, acima de tudo, é mostrada a perfeita justiça de Deus? Contudo, Deus o fez para demonstrar sua justiça (Rm 3.26). Alguma vez você já sonhou que o Todo-Poderoso fosse fazer a definitiva demonstração de seu poder ali, pregado numa cruz entre criminosos comuns? Não *parece* haver *nada* poderoso a respeito desse homem nos espasmos da morte. Contudo, pendurado ali, ele está esmagando a cabeça da Serpente, amarrando o valente, expulsando o príncipe deste mundo, destruindo a morte, expondo os poderes espirituais à vergonha pública e triunfando deles. Na cruz, nós vemos o poder verdadeiro e puro usado como deve ser: para abençoar. "E assim", escreveu T. F. Torrance, "a cruz, com toda sua incrível mansidão e paciência e compaixão, não é simplesmente um feito de heroísmo passivo e belo, mas o mais potente e agressivo feito que o céu e a terra jamais viram: o ataque do santo amor de Deus contra a

desumanidade do homem e a tirania do mal, contra toda a oposição do pecado".[34]

Adão buscou o conhecimento que viria da árvore e morreu; Cristo morreu no seu madeiro e conquistou para nós um conhecimento muito mais maravilhoso: o conhecimento de Deus. Em outras palavras, na cruz nos é dada não apenas a graciosa *salvação* de Deus, mas a surpreendente *revelação* de Deus. Na cruz, vemos como Deus é humilde, como é altruísta, como é perfeitamente generoso e compassivo. Essa é a razão por que Lutero dizia que todo pensamento a respeito de Deus deve ocorrer à sombra da cruz.

E todo pensamento a nosso próprio respeito, na verdade. Pois, assim como a cruz revela Deus para nós, assim na mesma hora ela nos desmascara. A sua luz revela as nossas trevas. Isso acontece primeiro com as multidões em Jerusalém: a sua leviandade sanguinária e culpa foram contrastadas com a inocência tranquila de Cristo. E nós não nos saímos melhor do que eles. A humildade do Filho de Deus descendo da glória para o Gólgota expõe nosso orgulho em toda a sua insensatez, mesquinharia e feiura. O uso que ele fez do poder expõe nosso horrível abuso dele. Sua exuberante amabilidade expõe nosso egoísmo perverso. Sua própria benevolência nos condena. Sua vinda para salvar prova nossa necessidade e nossa má situação. Na cruz, vemos não apenas a bondade de Deus; vemos a nossa própria perversão.

## Crucificados com Cristo

Assim, Cristo morreu e sofreu em nosso lugar. Mas ele foi o último Adão, o cabeça de uma nova humanidade e, por essa razão, da mesma forma que todos os que são nascidos em Adão participam do destino de Adão, assim todos os que são regenerados em Cristo participam com ele do destino dele. Todos os que são membros do corpo de Cristo experimentam o que aconteceu com esse corpo. *Nós morremos com ele*. Nossa velha identidade foi morta, traspassada com lança e enterrada com Cristo (Cl 2.12; Rm 6.3). O nosso passado é a sua morte, e não nosso pecado.

Isso significa o mais bem-vindo alívio e liberdade da terrível insistência de nossa sociedade na virtude da autoconfiança. Eu sei, a autoconfiança soa muito correta e maravilhosa. Ela é como cafeína para o ego, para você conseguir mantê-la sempre em níveis elevados. Mas o fato é que, se você tenta manter autoconfiança diante de Deus e em si mesmo o resultado é que você se tornará um ioiô emocional. Para cima aos domingos porque você esteve no culto e orou, para baixo na segunda-feira porque você não fez nada disso. Tudo porque você supõe que sobe e desce no favor de Deus com base naquilo que *você* faz ou sente. “Deus me ama; Deus não me ama” (Eu agi bem = ele me ama; eu falhei = ele não me ama.) É assim que a coisa é quando *você* é o fundamento da sua confiança.

Por causa da cruz, a confiança em nós mesmos não é uma opção. Por mais fantasticamente maravilhosos que pensemos que somos, a cruz é o veredicto de Deus sobre nós como pecadores. Ela acaba com a menor possibilidade de depositarmos nossa confiança em nós mesmos. Isso significa que podemos conhecer uma segurança muito maior, ancorando-a numa base firme fora de nós mesmos, em Cristo. Os cristãos são pessoas que desistiram de todas as reivindicações *tanto* de sua perversidade *como* de sua bondade — e, em lugar disso, receberam *a ele*. Assim é que, sem nenhuma autoconfiança, mas com toda a ousadia, Paulo pode escrever: “Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gl 2.19-20). E novamente: “Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual

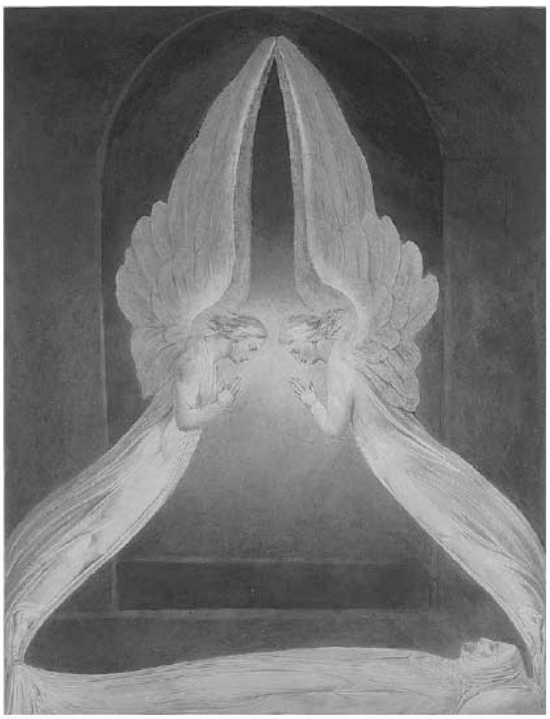


Figura 16: *Cristo no sepulcro, guardado pelos anjos*, por William Blake, c. 1805.

o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo. Pois nem a circuncisão é coisa alguma, nem a incircuncisão, mas o ser nova criatura" (Gl 6.14-15). Uma vez que ele estava *em* Cristo, ele sabia que tinha sido identificado com a morte dele. Ali foi silenciada toda a jactância em si mesmo. Ele tinha sido condenado. Mais do que isso, na verdade: ali na morte de Cristo ele tinha encontrado e sofrido *toda* a sua condenação.

Martinho Lutero certa vez escreveu a um jovem amigo seu que estava se debatendo com a culpa e o fracasso:

> Quando o diabo nos lança em rosto nossos pecados e diz que merecemos a morte e o inferno, devemos responder desta forma: "Eu admito que mereço a morte e o inferno. E daí? Será que isso significa que serei sentenciado à condenação eterna? De jeito nenhum. Pois eu conheço Alguém que sofreu em meu lugar e cumpriu tudo em meu favor. Seu nome é Jesus Cristo, o Filho de Deus. Onde ele está, ali eu também estarei.[35]

Essa é a resposta para o cristão molestado pelo fracasso e pelas calúnias do acusador. Em vez de tentarmos incrementar a obra da cruz por meio de repulsivas tentativas de subornar a Deus, e em vez de tentarmos varrer nossa culpa para debaixo de nosso comportamento melhorado, podemos confessá-la, sabendo que ela não pode mais nos definir. Nós temos uma nova identidade em Cristo: nós morremos com ele; e agora, onde ele se encontra em novidade de vida, ali também nós estamos.



Figura 17: Junto à cruz, o fardo do Peregrino cai de suas costas.

## O Primogênito de entre os mortos

Por ocasião do batismo de Jesus, os céus se abriram e o Pai declarou seu completo prazer em seu Filho. E agora, depois da cruz, quando o Filho tinha mostrado de modo tão perfeito a extensão de seu amor, o Pai não podia deixar que seu amado permanecesse na morte. Assim, ele o vindicou — ou *justificou*, declarando-o completamente digno da vida (1Tm 3.16), declarando-o com poder mediante o Espírito como o Filho de Deus (Rm 1.4).



Figura 18: O Senhor ressuscitado, por Lucas Cranach, 1558.

Essa preeminente declaração produziu o maior evento desde a criação do mundo: a inauguração da nova criação. Rebentando através da morte para fora do túmulo, o Filho aniquilou a antiga ordem — ou desordem, deveríamos dizer — de Adão. O reino da morte e da corrupção estava acabado, e um ser humano estava agora, corpo e alma, totalmente além do alcance da maldição. J. R. R. Tolkien chamou esse momento de *eucatástrofe*,[36] "a maior 'eucatástrofe' possível", na verdade. Isto é, a ressurreição foi um evento catastrófico, mas uma *boa* catástrofe. Ou, para ser mais preciso, uma eucatástrofe é "a súbita reviravolta numa história que trespassa você com uma alegria que o leva às lágrimas... toda a sua natureza acorrentada em causa e efeito materiais, a corrente da morte, experimenta um súbito alívio como se um membro maior desconjuntado de repente respondesse de forma brusca".[37]

Onde a culpa de Adão tinha trazido a morte, a justiça de Cristo trouxe a vida vitoriosa. E claramente havia mais justiça nele do que havia pecado em nós, pois, havendo carregado nosso pecado, a morte não podia retê-lo. Havendo submetido à morte o pecado e a morte, a morte não tinha mais nenhuma reivindicação contra Cristo.

Aquele túmulo em Jerusalém, que, se não fosse o de Cristo, seria um túmulo comum, tornou-se o ventre de uma nova criação. Dele emergiu o primogênito de entre os mortos, as primícias de uma real colheita de vida. A humanidade, a carne e os ossos que eram fracos e corruptíveis em Adão, tornaram-se agora triunfantes e incorruptíveis. “No terceiro dia”, escreveu G. K. Chesterton,

> os amigos de Cristo vieram para o local ao romper da manhã e encontraram o túmulo vazio e a pedra removida. De várias formas eles perceberam a nova maravilha, mas até mesmo eles mal se deram conta de que o mundo havia morrido naquela noite. O que estavam contemplando era o primeiro dia de uma nova criação, com um novo céu e uma nova terra; e sob as aparências do jardineiro Deus novamente caminhava pelo jardim, no frio não da noite e sim da madrugada.[38]

Esse foi, de fato, um magnífico novo começo, como um novo Éden, restabelecendo tudo o que Deus outrora havia declarado como bom: um ser humano — sim, Deus — andou no jardim, soberano sobre todas as coisas, em perfeita harmonia com Deus. Somente que agora não haveria ameaça de morte, nenhum perigo de que a serpente arruinasse tudo. A morte tinha sido tragada pela vitória, a serpente tinha sido esmagada. A própria criação aguardaria agora em ansiosa antecipação, anelando sentir os plenos efeitos da vida dele, depois de ter por tanto tempo suportado as consequências da maldição de Adão. Pois a ressurreição do Primogênito era a garantia de que a própria criação seria libertada de seu cativeiro da Queda e trazida para a gloriosa liberdade do Filho de Deus (Cl 1.18; Rm 8.21).

## O Senhor, justiça nossa

Pense no que significava ser o cabeça da nova humanidade. Quando Adão, o cabeça da velha humanidade, pecou, todos os que estavam nele compartilharam do seu destino. Ele era as primícias da morte. Quando Cristo foi justificado e declarado digno da vida por seu Pai, ele foi "ressuscitado *para nossa justificação*" (Rm 4.25, NVI). Todos os que estão nele usufruem dessa justificação que dá vida, que ele recebeu na manhã da Páscoa. Ele é as primícias da vida e da justiça do terceiro dia: toda a sua semente que está *nele* compartilha do seu destino. Assim, nele *nós* recebemos nova vida, e *nós* nos tornamos a própria justiça de Deus (2Co 5.21).

Isso tudo contribui para um evangelho infinitamente mais propício e atraente. Compare-o com a McTeologia, na qual a justificação é explicada como simplesmente Deus me tratando "como se eu nunca tivesse pecado". Como jovem cristão, eu adotei essa maneira de pensar. Eu cria — e com bastante entusiasmo — que, quando confiei em Cristo, Deus tinha perdoado todos os meus pecados. Meu passado estava limpo. Maravilhoso. O problema foi que eu logo me sujei de novo. Agora, o que Deus faria com esses novos pecados? Será que eu teria de ser justificado *outra vez*? Bem, com certeza aqueles pecados eram e são problemas, atrapalhando meu *prazer* na vida cristã. Mas a ideia de que eu precisasse ser justificado outra vez denunciou o fato que eu ainda não havia percebido que minha nova identidade como cristão se encontra *em Cristo, o justo*. Não é meu comportamento, meus sentimentos nem minha fidelidade: *ele* é a minha justiça (1Co 1.30). Ele é meu *status* e meu descanso diante de Deus. O mesmo ontem, hoje e para sempre.

João Calvino costumava usar a história de Jacó em Gênesis 27 para explicar isso:

> Por isso me parece que Ambrósio tomou admiravelmente como exemplo desta justificação a bênção de Jacó [Gn 27.1-29], isto é, assim como ele por si mesmo não merecia a primogenitura, e só a conseguiu disfarçando-se na aparência do irmão; e vestindo sua roupa, que exalava mui aprazível odor, se aproximou do pai para receber em proveito próprio a bênção de outro; igualmente é necessário que nos ocultemos sob a admirável pureza de Cristo, nosso irmão primogênito, para conseguir testemunho da justiça ante a consideração de nosso Pai celestial. [...] E de fato assim é,

pois, para que compareçamos perante a face de Deus para a salvação nos é necessário que exalemos sua boa fragrância e nossas faltas sejam cobertas e sepultadas em sua perfeição.[39]

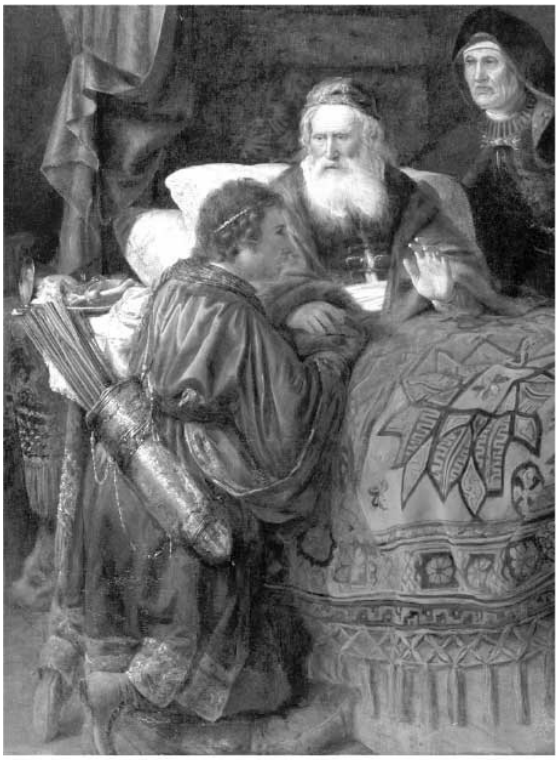


Figura 19: *Isaque abençoa a Jacó*, por Gerrit Willemsz Horst, 1638.

Em outras palavras, nós somos *vestidos* com a justiça que não é nossa própria, mas de Cristo. Assim como Adão e Eva foram vestidos pelo Senhor com a pele do primeiro animal sacrificado (Gn 3.21), assim os cristãos são vestidos com Cristo. Em vez de termos de encarar a Deus com as folhas de figueira de nossos próprios esforços, aparecemos diante do Pai *em Cristo*, "nossas imperfeições... cobertas e enterradas por sua perfeição". Não é que os cristãos imaginem que esteja acontecendo alguma tola trapaça espiritual, Jesus soprando sua justiça em nossa direção através do espaço enquanto nós lhe jogamos um pacote chamado "pecado". Nós somos vestidos por sua justiça porque estamos *nele*, as Primícias. Calvino o expressou assim: "para que sua [de Cristo] justiça nos seja imputada, não o visualizamos ao longe, fora de nós; mas, porque dele nos vestimos e em seu corpo fomos enxertados, enfim, ele foi dignado fazer-nos um consigo".[40]

Como pode alguém chegar a reinar em vida? Não por meio de sua própria piedade. Jesus disse: "porque eu vivo, vós também vivereis" (Jo 14.19). Minha sorte é determinada pelo cabeça da humanidade ou corpo a que pertenço. Para conhecer minha identidade, você precisa olhar para minha Cabeça. Se eu pertenço a Adão, compartilho de sua culpa, e sua morte é meu destino; se eu pertenço a Cristo, então é a sua justiça e a sua vida que são minhas. *Todos* os cristãos, então, não importa o quanto sejam fracos, podem com ousadia cantar em alta voz as encorajadoras palavras de Charles Wesley:

*Nenhuma condenação agora eu temo;*

*Jesus, e tudo nele, é meu;*
*Vivo estou nele, minha vivificante Cabeça,*
*E vestido na justiça divina,*
*Com ousadia me aproximo do trono eterno,*
*E reivindico a coroa que, através de Cristo, é minha.*

**Eu sou do meu amado, e o meu amado é meu**

O Jesus ressurreto não é apenas o primogênito e as primícias da nova vida; assim como Adão, ele é um noivo que compartilha seu destino com sua noiva. Falar de Jesus como noivo tornou-se especialmente popular entre os reformadores, que procuravam imagens bíblicas para ilustrar a salvação somente pela graça. Eles não precisaram procurar muito, é claro: Oseias e o Cântico dos Cânticos são livros da Bíblia inteiramente dedicados a desvendar a verdade que "o teu Criador é o teu marido" (Is 54.5); a história do êxodo é muitas vezes referida pelos profetas como o Senhor resgatando sua noiva (Ez 16; Ct 8.5); a infidelidade do povo é comumente descrita como "adultério"; o fim de todas as coisas acontecerá quando forem "chegadas as bodas do Cordeiro, cuja esposa a si mesma já se ataviou" (Ap 19.7).

Martinho Lutero foi o primeiro dos reformadores a assimilar o tema, narrando o evangelho como a história de um rei (representando Jesus) desposando uma pobre moça de "má reputação" (representando a nós). Por ocasião do casamento, ela diz ao noivo: "Tudo o que sou eu dou a você, e tudo o que tenho eu compartilho com você". Nesse momento, ela compartilha com ele todas as suas dívidas e vergonha. Então o rei replica: "Tudo o que sou eu dou a você, e tudo o que tenho eu compartilho com você". Com isso a desprezível moça se torna a rainha, e todo o reino passa a ser dela. Exatamente dessa forma nosso grande noivo assumiu todo o nosso pecado, nossa morte, nosso juízo e ele compartilha conosco toda a sua vida e perfeita justiça. Ele se fez pobre para que pudéssemos compartilhar de suas riquezas. Essa é a grande permuta do casamento, ou aquilo que Lutero chamou de "jubilosa permuta". Cristo é um com seu povo, e dessa forma tudo o que é deles é seu e tudo o que é seu é deles.[41]

Essa história relata o evangelho tão bem e de forma tão impressionante que os pastores e teólogos da Reforma gostavam de repeti-la. Edward Fisher, um livreiro londrino do século dezessete dá um impressionante exemplo. Imaginando um pastor sábio aconselhando um jovem cristão inseguro e cheio de dúvidas, ele escreveu:

> A união matrimonial entre Cristo e você é mais do que uma simples noção ou apreensão de sua mente; pois ela é uma união especial, espiritual e real... *Daí segue-se forçosamente que você não pode ser condenado a não ser que Cristo seja condenado com você; nem Cristo pode ser salvo se você não for salvo com ele*... [Pois] quando Cristo casou com sua esposa, ele transferiu a ela todos os seus bens; de forma que tudo o que Cristo é ou tem você pode reclamar como seu próprio.[42]

Ou, citando um pastor sábio real, aqui está como o contemporâneo de Fisher, o brilhante pregador Richard Sibbes, disse que podemos dizer:

> Pense com frequência: Quem sou eu? Uma pobre criatura pecaminosa; mas possuo em Cristo uma justiça que apresenta solução para tudo. Em mim mesmo, sou fraco, mas Cristo é forte, e eu sou forte nele. Em mim mesmo, sou estúpido, mas nele eu sou sábio. O que me falta em mim mesmo nele eu possuo. Ele é meu e sua justiça é minha, justiça essa que é a do Deus-homem. Vestido com isso, estou seguro contra a consciência, o inferno, a ira e qualquer outra coisa. Apesar de todos os dias me deparar com meus pecados, existe mais justiça em Cristo, que é meu e que é o mais distinguido entre dez mil, do que existe pecado em mim.[43]

E não há como pararmos aqui. A outra verdade deslumbrante do casamento entre o Cristo ressurreto e seu povo é que a nova vida que recebemos com ele não é uma questão fria, contratual. Não somos trazidos para sermos simples escravos aceitáveis de um autocrata benevolente. Não, Cristo *tem em grande estima* a sua noiva. Em Isaías 62, o povo de Deus é descrito assim:

> Serás uma coroa de glória na mão do Senhor, um diadema real na mão do teu Deus. Nunca mais te chamarão Desamparada, nem a tua terra se denominará jamais Desolada; mas chamar-te-ão Minha-Delícia; e à tua terra, Desposada; porque o Senhor se delicia em ti; e a tua terra se desposará. Porque, como o jovem desposa a donzela, assim teus filhos te desposarão a ti; como o noivo se alegra da noiva, assim de ti se alegrará o teu Deus. (v. 3-5)

Seu povo é descrito como uma coroa: um tesouro precioso, uma recompensa e um sinal de honra. Assim como uma esposa amada, que é a coroa de seu marido (Pv 12.4). E, surpreendentemente, ela não é um caso de repulsiva caridade para ele: ela faz que as pupilas dele se dilatem e seu coração cante. Ele sente prazer nela e não vai parar. Ela é *amada* de verdade, profundamente, apaixonadamente.

**Aba, Pai!**

Na manhã da Páscoa, Jesus não foi somente declarado como o Justo, digno da vida; ele foi declarado com poder como *o Filho de Deus*. Ele tinha sido sempre, é claro, por toda a eternidade, o Filho de Deus. Mas esta vez era diferente. Esta vez, quando o Pai disse: "Tu és meu Filho, eu hoje te gerei" (Hb 1.5), o Pai estava se dirigindo *a um homem que tinha morrido*. Agora era possível que um homem — um homem que tinha passado pela morte e por todos os juízos de Deus contra o mal — fosse conhecido como o Filho de Deus. E, uma vez mais, aquilo que é declarado a respeito dele é verdade a respeito de todos os que estão *nele*: "Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus; porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes" (Gl 3.26-27).



Figura 20: *O retorno do filho pródigo*, por Pompeo Batoni, 1773.

Essa linguagem é de fazer os olhos estacarem nesta expressão: "todos vós sois *filhos*"? Em meio a essa arrebatadora verdade, será que isso faz parte do machismo do primeiro século que gostamos de contemplar com nossos escárnios cronológicos? Com certeza, não foi erro de digitação de Paulo, caso contrário ele não teria escrito que "todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são *filhos* de Deus" (Rm 8.14). Não "crianças", não "filhos e filhas", mas *filhos*. Mas não é o chauvinismo que comanda Paulo em sua escolha das palavras. Ele procura ser tão claro quanto lhe é possível que o *status* que é concedido a *todos* os crentes é, bem especificamente, o *status* do próprio Filho. Os homens que creem fazem parte da noiva de Cristo; as mulheres que creem são filhos de Deus! Pois Deus não nos concede uma posição exaltada mas genérica diante de si mesmo: o Filho compartilha conosco *sua própria filiação*.

Essa é precisamente a razão por que Paulo continua em Romanos 8: “Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: *Aba*, Pai” (Rm 8.15). Ou, como ele o coloca em Gálatas 4.6: “E, porque vós sois filhos, enviou Deus ao nosso coração o Espírito de seu Filho, que clama: *Aba*, Pai!”. Outra vez, ao inserir a palavra aramaica Aba em suas cartas, Paulo chama sua atenção para que você veja que os crentes compartilham do clamor do próprio Filho. No jardim do Getsêmani, falando em particular com seu Pai, Jesus o havia chamado de “*Aba*, Pai” (Mc 14.36). Ao afirmar que o Espírito do Filho faz com que *nós* pronunciemos essas mesmas palavras, Paulo está demonstrando de forma bastante viva e visual quanto lhe é possível que em Cristo nós passamos a compartilhar do relacionamento com o Pai que o próprio Filho sempre desfrutou. Recebemos a permissão de compartilhar do nome pessoal que ele usava para dirigir-se a seu Pai. Nós podemos chegar diante do Todo-Poderoso e dizer — ou balbuciar! — com a confiança de filhos amados: “Aba, Pai!”.

Por meio da ressurreição de Cristo o primogênito, nós que estamos nele recebemos a vida eterna. Mas precisamos deixar bem claro o que é essa “vida”: é a vida do justo e amado Filho. É *disto* que nós compartilhamos. Nos séculos posteriores ao Novo Testamento, muitas pessoas gostavam de dizê-lo da seguinte forma: o Filho de Deus tornou-se homem para que nós humanos pudéssemos nos tornar filhos de Deus. Não se trata de simples perdão nem de um “céu” abstrato: *essa* é a salvação que ele oferece, porque isso é o que ele é. Isso faz toda a diferença para a *maneira como* eu vivo minha nova vida. Isso significa que não sou um empregado sujeito a um contrato, receoso de ser mandado para o olho da rua no momento em que eu falhar; vestido de Cristo (a despeito de meus muitos e muitos fracassos) eu posso *sempre* clamar: “Aba, Pai!”. Isso remove o ferrão do silvo do acusador quando eu escorrego; isso crucifica o desespero; isso me faz querer estar com esse Pai tão amoroso.

**Terá chegado ao fim a encarnação?**

"O fato que [Cristo] se encontra no céu com o mesmo corpo com que andou aqui na terra é um artigo fundamental da fé."[44] Isso foi escrito muito tempo atrás (há mais de trezentos anos, na verdade, por John Owen). Ninguém mais fala dessa forma. E isso não é só um estilo empoeirado; quem hoje ainda fala do corpo de Cristo no céu como sendo uma parte central do cristianismo? Ouvimos inúmeros sermões sobre a cruz e a ressurreição, mas então é como se ele tivesse evaporado, silenciosamente desaparecendo no vácuo. Ele morreu, ressuscitou, evaporou-se. Isso não é nada confortante se ele é nosso precursor, que abre caminho para todos os que estão nele.

Mas isso não se assemelha a nada do que vemos no Novo Testamento. Ali não há nenhum descarte furtivo de seu corpo, nenhum voo para regiões mais nebulosas: aquele que diz: "apalpai-me e verificai, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho" (Lc 24.39) é o mesmo que foi-se "retirando deles, sendo elevado para o céu" (Lc 24.51). Ele jamais abandona a sua humanidade, mesmo no último minuto; ele jamais deixa o templo do seu corpo. Tendo assumido nossa humanidade, ele fielmente a leva junto para o céu e de volta para seu Pai, como um bom pastor carrega para casa sua ovelha perdida.

Quando Adão pecou em Gênesis 3, ele foi banido da presença do Senhor naquilo que é ali chamado de "o jardim do Éden": "O Senhor Deus, por isso, o lançou fora do jardim do Éden, a fim de lavrar a terra de que fora tomado. E, expulso o homem, colocou querubins ao oriente do jardim do Éden e o refulgir de uma espada que se revolvia, para guardar o caminho da árvore da vida" (Gn 3.23-24). Mas, quando Ezequiel fala do que ocorreu então, ele descreve o "Éden, o jardim de Deus" como o "*monte* santo de Deus" (Ez 28.13-14). O santuário do Éden era um jardim *montanhoso*, o que explica como podia um rio sair dali (Gn 2.10). Dessa forma, quando Adão foi expulso do Éden, isso foi uma *queda* da presença de Deus, monte abaixo para longe da companhia do Senhor.

Desde então, tem subido este clamor: "Quem, Senhor, habitará no teu tabernáculo? Quem há de morar no teu santo monte?" (Sl 15.1). Quem haverá de

voltar para o monte, passar pelo querubim, para comer da árvore da vida e viver com o Senhor para todo o sempre? A essa pergunta foi dada esta compreensível porém esmagadora resposta:

> O que vive com integridade, e pratica a justiça, e, de coração, fala a verdade; o que não difama com sua língua, não faz mal ao próximo, nem lança injúria contra o seu vizinho; o que, a seus olhos, tem por desprezível ao réprobo, mas honra aos que temem ao Senhor; o que jura com dano próprio e não se retrata; o que não empresta o seu dinheiro com usura, nem aceita suborno contra o inocente. *Quem deste modo procede não será jamais abalado*. (Sl 15.2-5)

Isso me exclui de imediato. Contudo, há esperança, pois o salmo 16 prossegue falando de um justo que é tudo o que acabou de ser descrito. “O Senhor, tenho-o sempre à minha presença”, diz ele:

> estando ele à minha direita, não serei abalado. Alegra-se, pois, o meu coração, e o meu espírito exulta; até o meu corpo repousará seguro. Pois não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção. Tu me farás ver os caminhos da vida; na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra, delícias perpetuamente. (Sl 16.8-11)



Figura 21: *A ascensão de Cristo*, por Dosso Dossi, 1520.

Em Jesus Cristo, encontramos o inabalável Santo que é digno de viver no monte santo de Deus. Ele é o último Adão que ascende de volta para estar onde o primeiro Adão estava: com Deus. Êxodo 23.19 ordena: “As primícias dos frutos da tua terra trarás à Casa do Senhor, teu Deus”. *Ele* é as primícias e o precursor da nova humanidade (a humanidade que em Adão foi primeiro tirada do solo ou pó da terra) agora conduzida para a casa do Senhor. Isso significa que existe agora no céu um homem, um homem verdadeiro com nossa carne e sangue, nossas experiências deste mundo, nossa humanidade. Um homem agora está sentado junto de Deus em perfeita harmonia. E um homem com uma “mão

humana nos acolherá quando formos para o céu. Seremos saudados por um rosto — o rosto de Jesus”.[45]

**A disposição de Cristo no céu para com os pecadores na terra**

Há poucos, hoje, que já ouviram falar de Thomas Goodwin, mas houve um tempo em que ele era considerado um dos grandes teólogos, aclamado até como "o maior pregador exegeta de Paulo que jamais viveu".[46] Nascido numa pequena vila em Norfolk, Reino Unido, em 1600, ele se tornou presidente do Magdalen College, em Oxford, e um dos mais queridos pastores/pregadores de seus dias.

Sua obra mais notável e mais popular foi *The Heart of Christ in Heaven towards Sinners on Earth* [A disposição de Cristo no céu para com os pecadores na terra]. Seu objetivo nesse livro era claro e simples: Goodwin queria mostrar pelas Escrituras que, apesar de toda a majestade celestial de Cristo, sentado no trono, ele não está agora indiferente e desinteressado para com os crentes; ele ainda é o mesmo homem com as mais vigorosas afeições em favor de seu povo. Na verdade, se qualquer coisa mudou, seu amplo coração bate com *mais* força do que nunca com terno amor por eles. Isso significa que podemos nos aproximar do trono da graça com maravilhosa confiança, sabendo que temos um grande sumo sacerdote que pode simpatizar com nossas fraquezas, tendo sido tentado em tudo à nossa semelhança (Hb 4.14-16).

Em particular, Goodwin argumenta, há duas coisas que instigam a compaixão de Cristo: nossos sofrimentos e — o que é quase incrível — nossos pecados. Tendo experimentado na terra o mais elevado grau de dor, rejeição e sofrimento, Cristo no céu simpatiza com nossos sofrimentos mais plenamente do que o mais querido amigo. Mais do que isso: ele na verdade tem compaixão daqueles de seu povo "que estão fora do caminho" (versão King James) — ou seja, os que estão em pecado (Hb 5.2). Na verdade, diz Goodwin:

Os próprios pecados seus o movem mais à compaixão do que à ira... sim, sua compaixão se intensifica mais para com você, assim como o coração de um pai para com um filho que possui uma doença repugnante... sua ira

recairá toda somente sobre o pecado para livrar você dele por meio da sua ruína e destruição, mas seus sentimentos íntimos se expressarão mais ainda para com você; e isso tanto quando você estiver sob o pecado como quando você estiver sob qualquer outra aflição. Por isso, não tema: "Quem nos separará do amor de Cristo?".[47]

O seu argumento é que aqueles que estão em Cristo possuem uma nova identidade, definida por Cristo e não pelo pecado. O pecado no crente é uma doença, uma doença que ele odeia, mas que faz com que a compaixão de Cristo se expresse. Na glória, a primeira reação de Jesus, quando você peca, é a compaixão. No momento em que sua tendência é *correr dele* pela culpa, ele *corre para você* com graça. Isso faz toda a diferença quando seu coração está frio e endurecido. É exatamente nessa ocasião que você pode ter certeza que sua enfadonha falta de alegria enche *Cristo* de compaixão.

O foco está em Cristo, mas Goodwin era fervoroso trinitariano e não podia tolerar que o pensamento de seus leitores imaginasse um Cristo compassivo aplacando um Pai insensível. Não, ele disse: "Cristo não acrescenta nem mesmo uma gota de amor ao coração de Deus".[48] Toda a ternura de Cristo vem, na verdade, do Espírito, que o incita com o próprio amor do Pai. O coração de Cristo no céu é a expressa imagem do coração de seu Pai.

O que Goodwin percebeu como pastor foi que essa amorosa compaixão é exatamente o que nos conduzirá de volta de nosso pecado para Cristo. Em nossa culpa, jamais queremos encarar um Deus frio e impiedoso, mas a terna bondade de Cristo nos persuade. A beleza do coração de Cristo no céu conquista o nosso. Esse com certeza foi o caso do próprio Goodwin, que disse em seu leito de morte: "Cristo não pode me amar mais do que me ama. Eu acho que não posso amá-lo mais do que amo".[49]

## Meu Advogado está lá no alto

A história do Santo ascendendo à presença de Deus não era uma curiosidade negligenciada para o Israel do Antigo Testamento. Bem no centro do país encontrava-se o "santo monte" do Senhor, guardado por querubins. Hoje nós o chamamos de Monte do Templo em Jerusalém; o Senhor o chama de "meu santo monte Sião" (Sl 2.6). Ali Salomão construiu um "lugar de habitação" para o Senhor, decorado com querubins de ouro (veja 1Rs 7-8). Ali no santuário mais interior, o Senhor sentava-se entronizado na arca da aliança. Era uma réplica simbólica do santuário original do paraíso sobre o santo monte do Éden. E havia um homem que, uma vez por ano, tinha permissão de entrar na presença do Senhor: o sumo sacerdote. Parte do seu uniforme era uma lâmina de ouro amarrada na frente de seu turbante com as seguintes palavras gravadas nela: "santidade ao Senhor" (Êx 28.36). Ele era o Santo, o único que tinha o direito de entrar no santuário.

Ou, pelo menos, ele era uma figura *do* Santo. Pois o templo todo e tudo o que acontecia nele tinha o propósito de ser uma figura, um auxílio pedagógico, falando-nos da realidade celestial. Quando no monte Sinai Moisés estava prestes a construir o tabernáculo, o precursor original do templo, foi-lhe dito: "Vê, pois, que tudo faças segundo o modelo que te foi mostrado no monte [onde estava o Senhor]" (Êx 25.40). Isso significa que todos aqueles sumos sacerdotes em Jerusalém serviam como figuras do sumo sacerdote celestial, "num santuário que é cópia e sombra daquele que está nos céus" (Hb 8.5, NVI).

Com isso em mente, imagine os grandes acontecimentos do anual Dia da Expiação, descrito em Levítico 16. Depois de sacrificar um animal pelo pecado do povo (representando a cruz), o sumo sacerdote levaria então o sangue do sacrifício *para trás do grande véu, para dentro do Santo dos Santos*, para aquele lugar mais interior, o trono do Senhor. A Carta aos Hebreus comenta:

> Mas Cristo, tendo vindo como sumo sacerdote dos bens já realizados, por meio do maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos de homens, isto é, não desta criação... Pois Cristo não entrou num santo lugar feito por mãos de homens, figura do verdadeiro, mas no mesmo céu para agora aparecer diante de Deus por nós. (Hb 9.11, 24)

Na ascensão, Cristo estava servindo como o verdadeiro sumo sacerdote, levando o verdadeiro sangue do seu próprio sacrifício diante do trono de Deus. E "havendo oferecido para sempre um só sacrifício pelos pecados, sentou-se à destra de Deus", terminando completamente sua obra expiatória (Hb 10.12). *Obra concluída*. Nosso irmão primogênito no céu, sentado, nada mais tendo para fazer com respeito ao nosso pecado. Acabado. A total e feliz segurança que isso dá a todo crente em Cristo, fraco ou forte, significa que podemos cantar de coração livre:

*Diante do trono de Deus lá no alto*
*Eu tenho uma forte e perfeita defesa.*
*Um grande sumo Sacerdote cujo nome é Amor,*
*Que vive sempre para interceder por mim.*
*Meu nome está gravado em suas mãos,*
*Meu nome está escrito em seu coração.*
*Eu sei que, enquanto ele estiver no céu,*
*Língua nenhuma pode requerer que eu saia de lá.*

*Quando Satanás me tenta ao desespero*
*E me fala de minha culpa interior,*
*Olho para cima e o vejo ali,*
*Aquele que deu fim a todo o meu pecado.*
*Porque o Salvador inocente morreu*
*Minha alma pecaminosa foi liberta.*
*Pois Deus o justo está satisfeito*
*Olhando para ele e perdoando a mim.*

*Vede ali o Cordeiro ressurreto,*
*Minha perfeita e imaculada justiça,*
*O grande e imutável EU SOU,*
*O Rei da glória e da graça,*
*Sou um com ele, jamais morrerei.*

*Minha alma foi comprada por seu sangue,*
*Minha vida está oculta com Cristo lá no alto,*
*Com Cristo, meu Salvador e meu Deus!*

E, quando nosso coração fica confuso e sobrecarregado, nosso grande sumo sacerdote continua nos concedendo o mais terno consolo. Pois ali, no céu, cheio de cuidado para com o povo pelo qual derramou seu sangue, ele derrama suas orações diante do seu amado Pai.

Infelizmente, essa alegre e radiante verdade tem sido obscurecida nos círculos protestantes. Ao batalharmos na Reforma em favor do "sacerdócio de todos os crentes" (que nenhum homem ou mulher na terra exerce a função de mediador entre nós e Deus), acabamos por nos tornar desconfiados da palavra *sacerdote*. Essa palavra pode nos trazer à lembrança uma estranha e deselegante criatura vestida com as cortinas da sala de visitas. Mas um efeito colateral — e desnecessário — dessa fobia pelos sacerdotes é que passamos a pensar que *não existe nenhum* mediador entre nós e Deus. Ou, se existe algum, esse mediador sou eu. Eu conto comigo mesmo diante de Deus. E, então, a ansiedade se apresenta.

Contudo, eu não estou sozinho diante de Deus; eu estou em Cristo. Tenho um sumo sacerdote que fez expiação em meu favor, e que, com esse fundamento, intercede por mim com total confiança. Quando sou infiel, ele é fiel; quando sou fraco, ele é forte; e quando não consigo nem mesmo orar, ele "está à direita de Deus e também intercede por nós" (Rm 8.34). Na verdade, ele vive para interceder por nós (Hb 7.25)! Nossos fracassos com frequência nos fazem hesitar em vir até Deus; a dor e o sofrimento às vezes nos esmagam com tanta força que simplesmente não temos ânimo para orar. É exatamente nessas horas que podemos dizer juntamente com o pobre Jó sofredor: "Saibam que agora mesmo a minha testemunha está nos céus; nas alturas está o meu advogado. O meu intercessor é meu amigo, quando diante de Deus correm lágrimas dos meus olhos; ele defende a causa do homem perante Deus, como quem defende a causa de um amigo" (Jó 16.19-21, NVI).

**Levanta-te, Senhor, e dissipados sejam os teus inimigos**

Assim, os sumos sacerdotes de Jerusalém eram figuras de Cristo na maneira como serviam. Mas houve uma coisa que Jesus fez em sua ascensão que nenhum outro sumo sacerdote poderia atrever-se a fazer — mesmo naquela réplica terrena do santuário. Eles tinham de entrar com temor naquele lugar. Mas, quando entrou no santuário verdadeiro, *Cristo sentou-se no trono*.

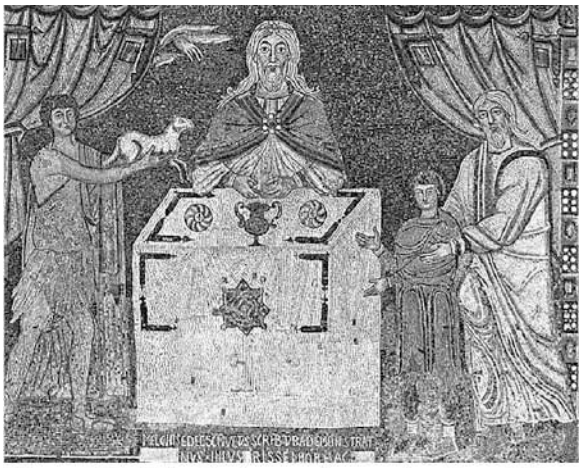


Figura 22: *Melquisedeque oferecendo pão e vinho*, de um mosaico do século seis na basílica de Santo Apolinário, em Classe, Ravena.

Não foi nenhum ato insolente: foi seu Pai que ordenou que ele o fizesse. “Disse o Senhor ao meu senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés” (Sl 110.1). Pois Cristo era um sumo sacerdote de uma ordem totalmente diferente: a ordem de Melquisedeque, o rei sacerdote de Jerusalém (Sl 110.4). Cristo é o nosso Melquisedeque: *tanto* sacerdote *como* rei. E, como rei, ele tem o direito de sentar-se no trono enquanto as nações são feitas sua herança, e todo joelho se dobra e todo inimigo é humilhado diante dele.

“Quem subirá ao monte do Senhor?”, pergunta o salmo 24. “Quem há de permanecer no seu santo lugar?”. Nós já ouvimos essa pergunta, mas a resposta dada aqui é bem diferente:

> Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó portais eternos, para que entre o Rei da Glória. Quem é o Rei da Glória? O Senhor, forte e poderoso, o Senhor, poderoso nas batalhas. Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó portais eternos, para que entre o Rei da Glória. Quem é esse Rei da Glória? O Senhor dos Exércitos, ele é o Rei da Glória. (Sl 24.7-10)

O filho de Maria, o filho adotivo de um carpinteiro está agora assentado no trono do universo. A vitória que ele conquistou na cruz é agora ostentada para todos verem. Ele frustrou o poder do mal, e um homem agora se encontra, não mais como vítima dos enganos da serpente, mas como verdadeiro rei, completamente vitorioso. É nele que se cumpre o salmo:

> Que é o homem, que dele te lembres? E o filho do homem, que o visites? Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que Deus e de glória e de honra o coroaste. Deste-lhe domínio sobre as obras da tua mão e sob seus pés tudo lhe puseste: ovelhas e bois, todos, e também os animais do campo; as aves do céu, e os peixes do mar, e tudo o que percorre as sendas dos mares. (Sl 8.4-8)

Esse triunfo real de Cristo significava a realização daquilo para o que Adão fora criado no princípio. Quando o primeiro Adão foi criado, foi-lhe dito: "Sede fecundos, multiplicai-vos, *enchei a terra* e sujeitai-a" (Gn 1.28). Mas, quando Cristo ascendeu aos céus, ele "subiu acima de todos os céus, *para encher todas as coisas*" com sua vida, seus descendentes e sua glória (Ef 4.10; veja também Cl 1.6).

Essa é a razão por que Atos dos Apóstolos — o livro que trata da expansão da igreja de Jerusalém até os confins da terra — começa com a ascensão de Cristo. Pois Cristo foi entronizado como rei de toda a terra, e seu reino maravilhoso e vivificante precisa ser proclamado em todos os seus territórios. Ir para seu Pai significa que sua presença precisa ser levada a todos os confins da terra, pois seu reino se estende de mar a mar. Esse é o último estágio daquilo que se chama de "ser levantado": "E eu, quando for levantado da terra", disse Jesus, "atrairei todos a mim mesmo" (Jo 12.32). Levantado na cruz, levantado da sepultura, levantado até o trono: tudo para repartir com o mundo sua eterna e vitoriosa vida.

Como isso ergue nossos olhos! No materialismo da vida, no fracasso, na tristeza e na dor, levantamos os olhos e encontramos a mais profunda consolação. Ali no trono existe compaixão intensa e libertação real: nosso amigo, nosso sacerdote, nosso rei. Quanto mais olhamos, mais nosso coração sabe que seu lugar é ali, mais queremos conhecê-lo — e mais desejamos que ele volte.

32 Richard Sibbes, *The Works of Richard Sibbes* (Edimburgo: James Nichol, 1862), 2:231.

33 Traduzido por George Papadeas, em *Greek Orthodox Holy Week and Easter Services* (Daytona Beach, FL: Patmos Press, 2007), p. 322.

34 Thomas F. Torrance, *Incarnation: The Person and Life of Christ*, ed. Robert T. Walker (Downers Grove, IL: IVP Academic, 2008), p. 150.

35 Martinho Lutero, "To Jerome Weller, July 1530", em *Luther: Letters of Spiritual Counsel*, ed. T. G. Tappert, Library of Christian Classics (Vancouver: Regent College, 2003), p. 86-87.

36 Neologismo formado pela palavra *catástrofe* (que designa um acontecimento de consequências graves), modificada pelo prefixo grego *eu-* (que significa "bem ou bom"), como nas palavras *eufemia*, *eufônico*, *eugenia*, *evangelho*. [N. do T.]

37 J. R. R. Tolkien, "To Christopher Tolkien", em *The Letters of J. R. R. Tolkien*, ed. Christopher Tolkien and Humphrey Carpenter (Londres: Allen & Unwin, 1981), Letter 89; ênfase minha.

38 G. K. Chesterton, *O homem eterno*, tradução de Almiro Pisetta (São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2010), p. 226.

39 João Calvino, *As institutas — edição clássica*, tradução de Waldyr Carvalho Luz (São Paulo: Cultura Cristã, 2006), 3.11.23.

40 João Calvino, *As institutas*, 3.11.10.

41 Martinho Lutero, "The Freedom of a Christian", em *Luther's Works* vol. 31 (Filadélfia: Fortress Press, 1957), p. 352.

42 Edward Fisher, *The Marrow of Modern Divinity* (Ross-shire, UK: Christian Focus, 2009), p. 166; ênfase minha.

43 Sibbes, *Works of Richard Sibbes*, 2:147.

44 John Owen, *The Works of John Owen*, ed. William H. Goold (1826; reimpr., Edimburgo: Banner of Truth, 1965), 1:238.

45 Gerrit Scott Dawson, *Jesus Ascended* (Nova Iorque: T & T Clark, 2004), p. 7.

46 G. F. Barbour, *The Life of Alexander Whyte* (Londres: Hodder & Stoughton, 1925), p. 82; P. T. Forsyth, *The Principle of Authority* (Londres: Independent Press, 1913), p. 273.

47 Thomas Goodwin, *The Works of Thomas Goodwin* (Edimburgo: James Nichol, 1862), 4:149.

48 *Works of Thomas Goodwin*, 4:87.

49 *Works of Thomas Goodwin*, 2:lxxiv-lxxv.

# 4

# Vida em Cristo

**Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós outros**

"Jesus foi para o céu": isso soa muito bem, mas um tanto triste. Porque nós não queremos que ele se vá; queremos que ele fique conosco! Contudo, apesar de ele se afastar de nós *fisicamente* na ascensão, nosso *relacionamento* com ele só se torna mais forte depois que ele vai para junto de seu Pai. Foi assim que ele consolou seus amigos antes que tudo acontecesse: "Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize... Se me amásseis, alegrar-vos-íeis de que eu vá para o Pai" (Jo 14.27-28).

Por quê? Porque do céu ele mandaria seu próprio Espírito — o Espírito da filiação — para nos unir a ele, para tornar-nos um consigo mesmo. Jesus tinha se tornado um *de* nós, mas agora, pelo Espírito, ele se tornaria maravilhosamente um *conosco*. "Porque todo o propósito do evangelho", escreveu João Calvino, "consiste em que Cristo se fez nosso e somos enxertados em seu corpo".[50] Pelo Espírito, disse Jesus, ele e o Pai viriam e fariam morada com os crentes (Jo 14.23). "Naquele dia, vós conhecereis que eu estou em meu Pai, *e vós, em mim, e eu, em vós*" (Jo 14.20).

A imagem que Jesus usou para explicar isso tudo, na noite antes de ser morto, foi a da ceia do Senhor: "E, [1] *tomando um pão*, [2] *tendo dado graças*, [3] *o partiu* e [4] *lhes deu*, dizendo: Isto é o meu corpo oferecido por vós" (Lc 22.19). Agora, se o pão representa de fato o seu corpo, então em quatro breves ações Jesus conseguiu condensar tudo o que ele estava fazendo. Ele tinha descido do céu e (1) *assumido um corpo* como homem, e nesse corpo ele tinha vivido uma vida de (2) *ações de graças* a Deus; ele então entregaria essa vida, (3) *partindo seu corpo* na cruz, tudo para no final poder (4) *dar-se a si mesmo* a nós.

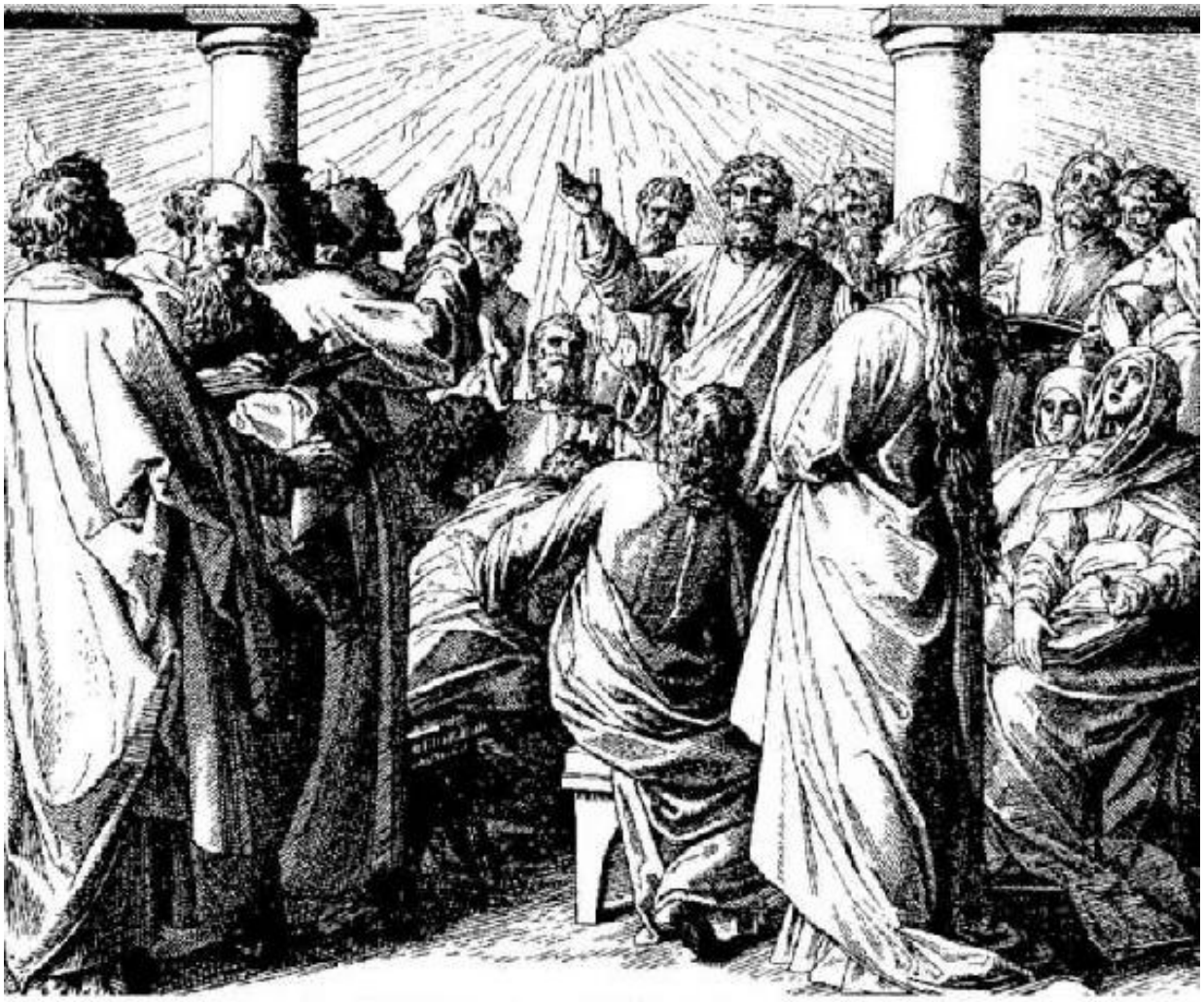


Figura 23: *O dia de Pentecostes*, por Julius Schnorr von Carolsfeld, 1860

Jesus, então, não mantém um tipo de associação vaga com seu povo, um acordo que depende de nossa fidelidade. Como o pão e o vinho que ingerimos em nosso corpo na Comunhão, ele entra em nós pelo seu Espírito e se torna *um* conosco. Nele, o divórcio e a divisão do pecado são desfeitos: o divórcio entre a humanidade e Deus, entre pessoa e pessoa, entre homem e mulher, negro e branco, judeu e gentio. Nele, somos reconciliados e feitos *um*: um corpo, um pão, mutuamente um, e um com ele:

> O objetivo dele era criar em si mesmo, dos dois, um novo homem, fazendo a paz, e reconciliar com Deus os dois em um corpo, por meio da cruz, pela qual ele destruiu a inimizade. Ele veio e anunciou paz a vocês que estavam longe e paz aos que estavam perto, pois por meio dele tanto nós como vocês temos acesso ao Pai, por um só Espírito. (Ef 2.15-18, NVI)

## Para amar, cuidar e obedecer

Falar de nossa unidade com Cristo é, na verdade, outra maneira de falar do casamento de Cristo com seu povo. A noiva e o noivo tornaram-se um, e estamos juntos agora nos bons e nos maus tempos, na riqueza, na pobreza, na enfermidade e na saúde, até à morte, quando então nos encontraremos. E não é possível haver medo de um divórcio aqui, pois ele afirmou categoricamente: “Eu odeio o divórcio” (Ml 2.16, NVI).

Pare um momento. Isso muda completamente o que significa ser cristão. Pois este casamento não é um casamento de conveniência. A questão não é que nós dizemos “Sim” para *usar* a ele ou às suas amizades, simplesmente para receber sua cidadania ou *status* celestiais. Como João Calvino disse, nós não devemos procurar “em Cristo algo mais além de Cristo mesmo”.[51] O maior benefício da união com Cristo é o próprio Cristo. Este casamento é feito com o propósito de conhecermos *a Cristo* e nos alegrarmos *nele*. A união com ele é o fundamento, *o começo*: a comunhão com ele é o alvo.

Considere o apóstolo Paulo como exemplo de alguém que sentiu isso profundamente. Apesar de todo o seu evidente prazer na justificação unicamente pela fé, na salvação somente pela graça, e assim por diante, seu desejo não era partir para estar *no céu*. Seu ardente desejo, ele escreveu aos filipenses, era partir e estar *com Cristo* (Fp 1.23). Claramente, para ele, o céu não seria céu e a salvação não seria salvação sem Cristo. Essa é a nova força propulsora do cristão: o Espírito abre nossos olhos para a glória e a beleza de Cristo para participarmos do eterno prazer que o Pai tem nele. “Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2Co 4.6). Assim como na criação Deus comunicou luz às trevas, assim sua nova criação significa iluminar-nos para vermos a luminosa verdade de que Cristo é gloriosamente desejável e valioso. Então — e somente então! — nós pensamos e sentimos corretamente, quando aquele que é preeminente de fato se torna preeminente em nossos pensamentos, e aquele que é eternamente amado do Pai se torna o amado de todos.

Isso tudo ajuda a simplificar um dos debates que não acabam nunca entre os cristãos. Por um lado, há os cristãos que pretendem enfatizar tanto a absoluta liberdade da salvação, que quaisquer chamados ao viver santo têm para eles sabor de tentativa de merecer o favor de Deus. “Se a salvação é totalmente gratuita, é claro que não pode haver exigências que pesem sobre nós!”, gritam eles. Por outro lado, você encontra um enorme público silenciosamente aterrorizado com a linguagem da salvação gratuita. “Não diga ao povo que ela é *totalmente* gratuita!”, murmuram eles. “Caso contrário, eles jamais virão à igreja nem viverão vidas santas.” Como se “a salvação” fosse uma caixinha etérea de guloseimas recebida por ocasião da morte.

Você consegue encontrar essa mesma briga se desenrolando na vida da igreja entre a evangelização e o discipulado. Em eventos evangelísticos especiais, as pessoas ouvem a respeito da livre oferta da salvação: “Fuja do inferno; o céu é de graça!”. Quem não gosta de ouvir isso? Em resposta a esse apelo, as pessoas vêm aos montes. Depois, ficam muito confusas com as classes de discipulado: toda aquela conversa sobre vida santa não condiz com a mensagem evangelística que eles ouviram. E assim elas acabam desistindo.

Mas a confusão desaparece se a salvação *é Cristo*. Aí você não tem como separar a salvação e o viver cristão — ou a justificação e a santificação — pois ambos referem-se a ele, e ele não pode ser dividido. Deus não possui pedaços de “justiça” ou “salvação” que ele joga lá do céu. O que ele possui é seu Filho justo. Assim, como pregador, eu ofereço *Cristo* a todos, completamente de graça. Mas eu não ofereço nenhuma vida à parte dele. Ele é a salvação: *nele* está toda a justiça e *conhecê-lo* é o âmago da santidade. Martinho Lutero o expressou de forma perfeita: “Por meio da fé em Cristo”, escreveu ele, “a justiça de Cristo se torna nossa justiça e tudo o que ele possui torna-se nosso; ou melhor, *ele mesmo torna-se nosso*”.[52] Essa é a única razão por que possuímos a justiça dele: porque temo-*lo*. E a única vida e liberdade para as quais somos gratuitamente salvos é para o conhecermos.

Isso também transforma o que queremos dizer com a complicada palavra *santidade*. Qualquer pessoa pode usar essa palavra, é claro, mas sem Cristo a *santidade* tende a ter o encanto de uma unha encravada. Pois, simplificando, se a

santidade não se refere acima de tudo a conhecer a Cristo, ela se refere à moralidade e à religiosidade autoproduzidas. Mas esse tipo de autodependência é totalmente contrário ao que agrada a Deus, ou ao que de fato é belo. Deus não está interessado em nossas virtudes manufaturadas; ele não deseja nenhuma obediência ou moralidade externas se isso não flui de um verdadeiro amor a ele. Ele quer que compartilhemos de seu prazer em seu Filho. Afinal, qual é o maior de todos os mandamentos? “Amarás o Senhor, teu Deus” (Mt 22.36-37). Essa é a raiz da verdadeira semelhança com Deus. Nada é mais santo do que um sincero prazer em Cristo. Nada é tão poderoso para transformar vidas.

**O mensageiro alegre**

Charles Spurgeon (1834-1892) foi um fenômeno do século dezenove, uma cachoeira irrompendo sobre o mundo. Como homem, ele efervescia de vida e bom humor; como pastor, ele era tão frutífero que parecia mentira. Rios de água viva fluíam de dentro dele. De que reservatório ele se alimentava? De onde vinha tal entusiasmo e liberalidade?

A resposta, sem dúvida nenhuma, é Jesus Cristo. Cristo era seu tesouro, sua vida, o centro organizador de seu pensamento e ministério. Ele possuía o mais elevado conceito sobre a Escritura, mas ele não era acima de tudo um homem da Bíblia: seu ponto de vista a respeito dela e o uso que dela fazia eram guiados pelo fato de ela ser a palavra de *Cristo*. Ele amava os puritanos, mas ele não era primariamente um puritano fora de época: ele foi até eles porque eram arautos de *Cristo*. Ele era um calvinista declarado, mas não por causa de um sistema em si: ele abraçou a teologia que considerava glorificar mais a *Cristo*.

Em seu primeiro sermão no Tabernáculo Metropolitano, em 25 de março de 1861, ele disse: “Quero propor que o assunto do ministério desta casa, enquanto permanecer de pé esta plataforma, enquanto esta casa for frequentada por adoradores, seja a pessoa de Jesus Cristo”.[53] E ele não se desviou disso nos trinta anos que pastoreou ali. Estas são suas derradeiras palavras daquele púlpito, datadas de junho de 1891:

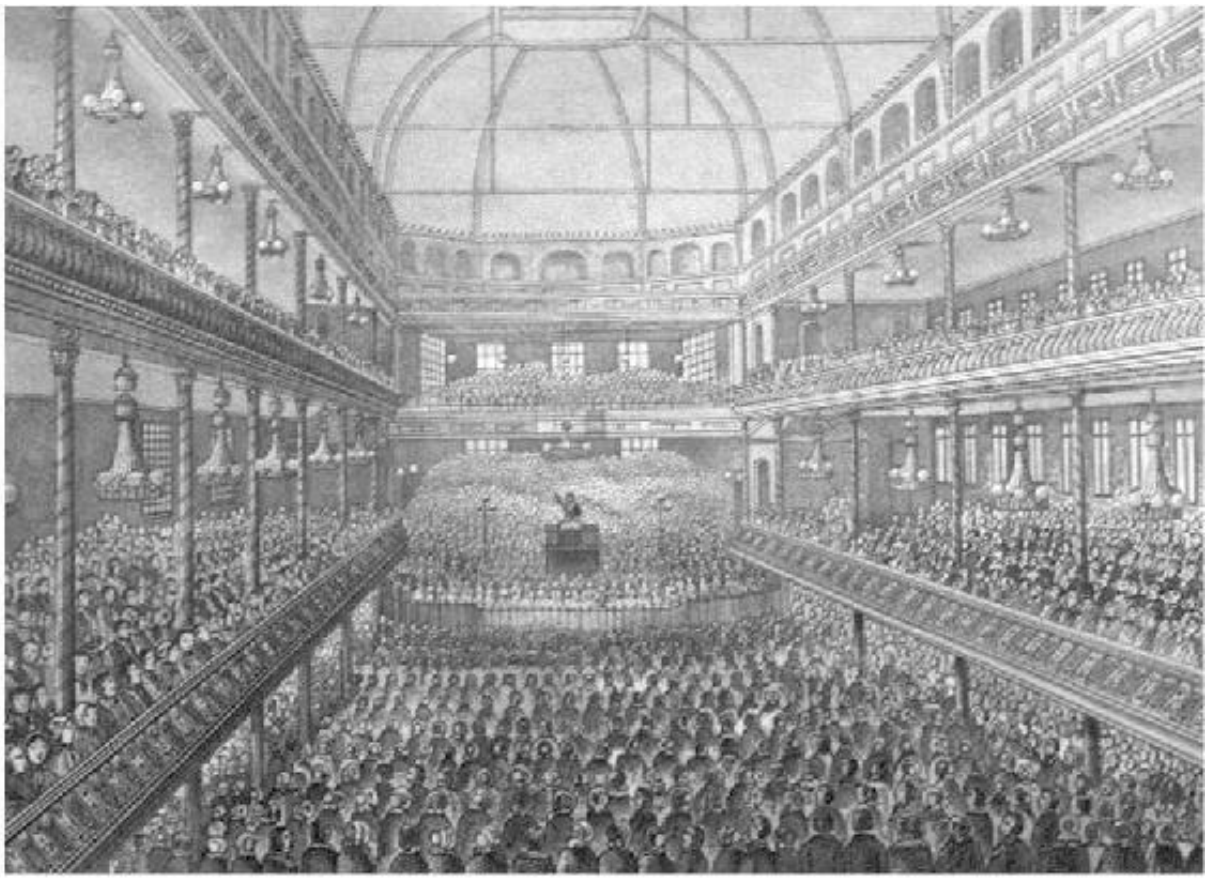


Figura 24: Spurgeon pregando no Surrey Music Hall lotado de ouvintes, c. 1858.

"Servir a Jesus é o céu. Eu sou um sargento recrutador, e de bom grado gostaria de encontrar uns poucos recrutas neste momento. Todo homem precisa servir alguém: não temos escolha diante desse fato. Aqueles que não têm senhor são escravos de si mesmos. Com toda a certeza, você ou serve a Satanás ou a Cristo, ou a si mesmo ou ao Salvador. Vocês descobrirão que o pecado, o ego, Satanás e o mundo são senhores insuportáveis; mas se vocês vestirem o uniforme de Cristo, verão que ele é tão manso e humilde de coração, que encontrarão descanso para suas almas. Ele é o mais magnânimo dos capitães. Jamais se encontrou alguém como ele entre os mais excelentes príncipes. Ele sempre se encontra na parte mais renhida da batalha. Quando o vento sopra gelado, ele sempre assume o lado mais inóspito do monte. A ponta mais pesada da cruz está sempre sobre os ombros dele. Se ele ordena que carreguemos um fardo, ele também o carrega. Se existe qualquer coisa graciosa, generosa, gentil e delicada, sim, profusa e superabundante em amor, vocês sempre a encontram nele. Nesses quarenta e poucos anos eu o tenho servido, bendito seja seu nome! e não recebi nada a não ser amor da parte dele. Eu continuaria por mais quarenta anos no mesmo serviço prazeroso aqui em baixo se ele o quisesse assim. Seu serviço é vida, paz, alegria. Oh!, que vocês entrassem nele de uma vez! Deus os ajude a se alistarem sob a bandeira de Jesus ainda neste dia! Amém".[54]

Nessas palavras você pode ver que ele pregava *Cristo*. Não um evangelho abstrato com uma recompensa abstrata de “graça” ou “céu”. Ele pregava *Cristo*. E, você pode ver, ele *pregava* Cristo. Essas não são palavras de um conferencista simplesmente enchendo a mente com informações; essas são as palavras de um arauto publicando uma convocação. Assim é que precisa ser se a nova vida do crente gira em torno de sua unidade com Cristo. Antes de qualquer outra coisa, a Noiva precisa ouvir a respeito do Noivo, do quanto ele é bom e de como é vitorioso o seu amor.

Mas, como podemos nós, sem hipocrisia, abraçar Cristo como nosso mais querido e estimado tesouro? Unicamente quando percebemos seu insondável amor por nós, como ele é e tem sido amável e misericordioso, o quanto ele sofreu para sermos perdoados, como ele é de fato melhor que todas as outras coisas das quais corremos atrás. Nós o amamos porque ele nos amou primeiro (1Jo 4.19). Em outras palavras, aquilo que nossos esforços não puderam alcançar, o amor de Cristo consegue: ele me conquista para amar a Deus e amar aos outros com sinceridade, liberdade e espontaneidade. Eu começo a *sentir prazer* na santidade e a *odiar* o pecado porque sinto prazer nele e odeio aquilo que está contra ele em toda a sua bondade, verdade e beleza.

O próprio Jesus o colocou de forma surpreendente: “o reino dos céus é tomado por esforço, e os que se esforçam se apoderam dele” (Mt 11.12). Ou seja, a própria violência da graça de Deus — ele expulsa os demônios e se dispõe a morrer por nós — nos enche de uma correspondente violência apaixonada por ele. Uma poderosa ventania vem sobre seu povo e eles são enchidos com fogo. A própria impetuosidade, a fúria de seu amor para conosco, consome nossa natural letargia para com ele, e começamos — vigorosamente! — a *querê-lo*.

## A vida do Filho

Existe muito mais para saborear aqui. Pois nossa união com Cristo não significa apenas que ele é o Noivo de seu povo, aquele a quem nós amamos; ele também é nossa cabeça, o primogênito dentre nós. Isso é, nós não apenas passamos a compartilhar do prazer que o Pai sente nele; nós passamos a compartilhar da vida que ele desfruta diante do Pai. Nós permanecemos nele com sua própria imaculada confiança diante de seu Pai — e ali o Espírito nos conduz a viver sua vida e filiação. Essa foi a razão por que ele viveu e morreu em nosso lugar, para que pudéssemos viver (e morrer) em seu lugar.

A própria identidade do Filho se encontra nisto: que ele é o amado do Pai. Tudo o que ele faz flui dessa identidade. Ele não age com base em culpa, necessidade ou num desejo de bajular seu Pai ou qualquer outra pessoa. Por toda a eternidade, seu Pai derramou sobre ele tanto amor, que ele transborda. Ele não pode senão também amar seu Pai, e desejar agradar-lhe. Sendo o Filho de um Pai tão perfeitamente bom, para Jesus fazer a vontade dele é comida e bebida (Jo 4.34). Essa é a vida do Filho de Deus.

E essa é a vida na qual fomos introduzidos. Assim como o Pai tem sempre derramado o Espírito do seu amor sobre seu querido Filho, assim agora "o amor de Deus é derramado em *nosso coração* pelo [mesmo] Espírito Santo, que nos foi outorgado" (Rm 5.5). Paulo escreveu na Epístola aos Romanos que "todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: *Aba*, Pai" (Rm 8.14-15). Os cristãos não recebem um espírito de escravidão e temor, de desesperada insegurança diante de Deus. Podemos incorrer nessa maneira de pensar e perder nossa paz e alegria, mas essa não é a vida para a qual fomos chamados. Os crentes recebem o próprio Espírito do Filho, *e ele nos vivifica para compartilharmos das santas inclinações do Filho*. Começo a clamar a Deus de uma forma que nunca antes clamei: chamo-o de meu *Aba*, meu querido Pai. O espírito de adoção me conduz a compartilhar da própria afeição que o Filho tem por seu Pai, e pela primeira vez faço aquilo para o que fui criado: amo o Senhor

meu Deus. Como Cristo, percebo que *desejo* estar com ele, *desejo* derramar meu coração diante dele, *desejo* agradá-lo e encontrar meu descanso nele.

**De todo o coração**

Calebe é um de meus personagens favoritos do Antigo Testamento, e o único de quem se diz repetidamente que seguiu o Senhor plenamente e de todo o coração. Deparamo-nos com ele a primeira vez quando ele é enviado por Moisés para fazer um reconhecimento da terra de Canaã como um dos doze espias israelitas. Ele é descrito como sendo "da tribo de Judá, Calebe, filho de Jefoné" (Nm 13.6). Dessa forma, sabemos duas coisas a seu respeito: ele é da tribo de Judá e seu pai se chama Jefoné.

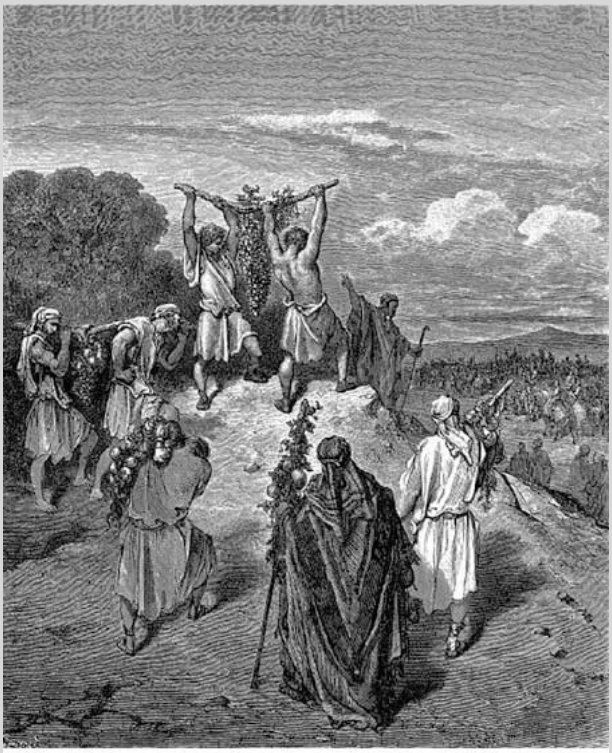


Figura 25: Josué e Calebe carregam as primícias da Terra Prometida (Nm 13.23).

Até aí, tudo bem. Mais adiante em Números, ele é chamado de "Calebe, filho de Jefoné, *o quenezeu*" (Nm 32.12). Os quenezeus eram uma daquelas assustadoras tribos de cananeus *pagãos* (Gn 15.19). De forma que Calebe é um gentio, não um judeu nativo. É quase certo que isso explica seu nome, pois Calebe significa "cão" em hebraico, e os israelitas comumente referiam-se aos estrangeiros como "cães gentios". Como Raabe, Rute e muitos outros, um "cão" gentio juntou-se a Israel e foi adotado pela tribo real de Judá. Apesar de ter nascido pagão, ele receberia uma herança por pertencer a Judá (Js 15.13). Na verdade, de toda a geração do deserto, foram apenas Josué e Calebe que sobreviveram para entrar na terra: um judeu nato e um gentio nato andando juntos e em pé de igualdade para tomarem posse do galardão de Deus.

Será coincidência o fato de repetidamente Calebe ser mencionado como alguém totalmente dedicado ao Senhor? Ele tinha sido adotado, bem-vindo e abraçado, e percebeu que *pertencia* ao Senhor e ao seu povo. Ele não voltaria a adorar Baal, e permaneceu como corajoso soldado do Senhor até seus mais de oitenta anos. A adoção é uma coisa poderosa e comove o coração. Ela fez isso com Calebe como filho de Judá; ela faz isso conosco como filhos de Deus. Recebemos tais mostras de bondade, e agora pertencemos a nosso Pai.

O amor que o Pai demonstra pelo Filho por meio do Espírito é *expansivo*: ele move o Filho não apenas a amar seu Pai, mas também a compartilhar de seus interesses. Por isso, Jesus fez de Isaías 61.1-2 a declaração pública de seu ministério: "O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor" (Lc 4.18-19). Revestido de poder e capacitado pelo Espírito, o Filho sai, trazendo a bênção, a liberdade e a cura de seu Pai, que concede a vida.

E, uma vez mais, é assim que acontece com aqueles que estão em Cristo. Essa é a vida para a qual são chamados os filhos de Deus. Com corações plenos de amor para com o Pai, com um vigor que vem do Espírito e não de si mesmos, eles compartilham da compaixão do Filho e sua piedade pelos fracos e perdidos. O Espírito nos remodela de forma que começamos a descobrir a alegria do próprio Filho em ser como nosso Pai, com seu interesse pelo mundo. É a nova força propulsora dos filhos de Deus: compartilhar das alegrias, sentimentos, clamores do coração e dos interesses do Filho. E, totalmente diversa de nossa força propulsora natural da carne, que se torna cada vez mais fraca, essa nova força se torna mais vigorosa unicamente à medida que o Espírito sopra em nós a vida eterna.

Considere como acontece com o pecado. Paulo diz, em Romanos 6.2, que nós morremos para o pecado. Nós morremos com Cristo, e fomos ressuscitados nele para uma nova vida. Isso é um fato objetivo. Nem sempre *parece* ser verdade,

pelo fato de o pecado ainda persistir tanto! Mas, à medida que o Espírito age de forma tão bondosa em mim, começo a desfrutar dessa verdade também de forma subjetiva, em minha experiência diária. Quanto mais percebo que sou verdadeiramente filho de Deus, e quanto maior se torna minha visão de Cristo, tanto mais me percebo morto para o pecado. Ele ainda me atrai, mas não como antes. Percebo os velhos desejos pecaminosos morrendo e novos desejos santos brotando: descubro que estou desejando, *anelando* ser liberto dos pecados a que antes me agarrava tão ternamente. Afinal de contas, tenho um novo coração — o coração de um filho de Deus — e ele sente e deseja de forma diferente. Como Cristo. Na verdade, em tudo eu sou uma nova criatura: tenho novos ouvidos, que ouvem de forma diferente; uma nova mente, que pensa de forma diferente; novas mãos, que agem de forma diferente, e uma nova língua, que fala de forma diferente.

Há um belo momento em Hebreus 2, que apreende visualmente esse compartilhamento da vida do Filho. Ali, numa citação do salmo 22, lemos que Jesus diz a Deus: “cantar-te-ei louvores no meio da congregação” (Hb 2.12; Sl 22.22). Você pode visualizar isso: ali está ele, o primogênito, rodeado por seus irmãos e irmãs, os filhos de Deus; e ali na congregação dos santos ele dirige nosso louvor. Ele é o nosso derradeiro dirigente de louvor (veja também Mt 26.30; Rm 15.9). Ele está na frente, entoando os louvores de Deus. E nós o acompanhamos. Ele diz: “Eu porei nele a minha confiança” (Hb 2.13; Is 8.17), e nós todos bradamos: “Amém!”.

Esse é um instantâneo de todo o relacionamento entre o primogênito e aqueles de quem ele diz não envergonhar-se de chamar de irmãos e irmãs (Hb 2.11). Ele sente prazer em fazer a vontade de seu Pai e, (lentamente) à medida que o Espírito opera, nós passamos a compartilhar desse seu prazer. Ali, na frente, ele se encontra como rei, vitorioso sobre o mundo, a carne e o diabo, e, atrás dele, nós compartilhamos da sua vitória, vigiando o pecado firmemente esmagado sob nossos pés, aguardando até que Satanás finalmente seja esmagado ali. Ele é um sacerdote, intercedendo por seu povo e pelo mundo, e colocamos nossas mãos ao lado das suas e oramos com ele. Ele é um profeta, fazendo o mundo conhecer a seu Pai, e nós nos juntamos à sua missão.

Como isso contrasta com a fatigante ideia de que Cristo fez a sua parte e agora é hora de fazermos a nossa! Nós não estamos amarrados à tarefa de tentar pagar o enorme débito que lhe devemos. Nós estamos unidos com o Filho, de forma que podemos entrar em sua vida. Nossa alegria, nossas orações, nossa missão, nossa santidade, nosso sofrimento, nossa esperança: tudo é uma *participação* da vida do Filho. Nós não recebemos simplesmente uma *coisa* chamada "vida eterna", sendo então enviados para nos virarmos com ela. *Nós* não somos precursores com responsabilidade final. Ele é o primogênito; nós vivemos em seu vácuo.

Isso significa que, à medida que você vive, pode usufruir do alívio de saber que não está por conta própria, diante de uma lista de tarefas. O que quer que faça, você não é a pessoa indispensável. Você está simplesmente entrando na vida do Filho, participando de suas agonias, seus interesses, seus sentimentos e suas alegrias. Com ele.

**Nós nos regozijamos em nossos sofrimentos**

É necessário que soframos. Isso é muito claro se a vida a que fomos trazidos para compartilhar é a vida de Cristo. “Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se alguma coisa extraordinária vos estivesse acontecendo”, escreveu Pedro, “pelo contrário, alegrai-vos na medida em que sois co-participantes dos sofrimentos de Cristo, para que também, na revelação de sua glória, vos alegreis exultando” (1Pe 4.12-13). Ele é o primogênito, nosso precursor e, para onde ele vai, nós o seguimos. Assim como os israelitas seguiam a arca da aliança no deserto e em direção a Canaã, assim nós seguimos os passos dele. Através do sofrimento em direção à glória. Por essa razão, não podemos entender o sofrimento como um sinal de que nosso Pai não se importa. Muito pelo contrário. Em vez disso, lembre-se da palavra de encorajamento que lhe diz respeito como filho: “Filho meu, não menosprezes a correção que vem do Senhor, nem desmaies quando por ele és reprovado; porque o Senhor corrige a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe (Hb 12.5-6, uma citação de Pv 3.11-12).

Não é que o nosso sofrimento seja sempre consequência de atos específicos nossos pelos quais precisamos ser disciplinados (apesar de, às vezes, ser esse o caso!). A questão é que Deus usa até mesmo o sofrimento para, no fim das contas, nos fazer o bem. Ele fez exatamente isso na cruz: foi por meio daquele dia tenebroso, daquele mais profundo abismo de sofrimento, que ele definitivamente destruiu e derrotou a própria raiz das trevas e do sofrimento. Por meio daquela morte, ele derrotou a morte; por meio de nossos sofrimentos *comparativamente* mais leves, ele consegue derrotar nossa independência egoísta e nossos estúpidos desvios e nos fazer mais parecidos com seu livre e vitorioso Filho. Para aqueles que vislumbraram a irrestrita beleza de Jesus, esse pensamento enche de entusiasmo a nossa alegria. Pois, tendo visto nele o que é ser livre do poder paralisante do pecado, queremos ser iguais a ele! Por isso, em Atos 5, quando Pedro e os apóstolos foram açoitados diante do Sinédrio, eles saíram “regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome (o precioso nome de Jesus)”. Não é que as chicotadas não doessem. É

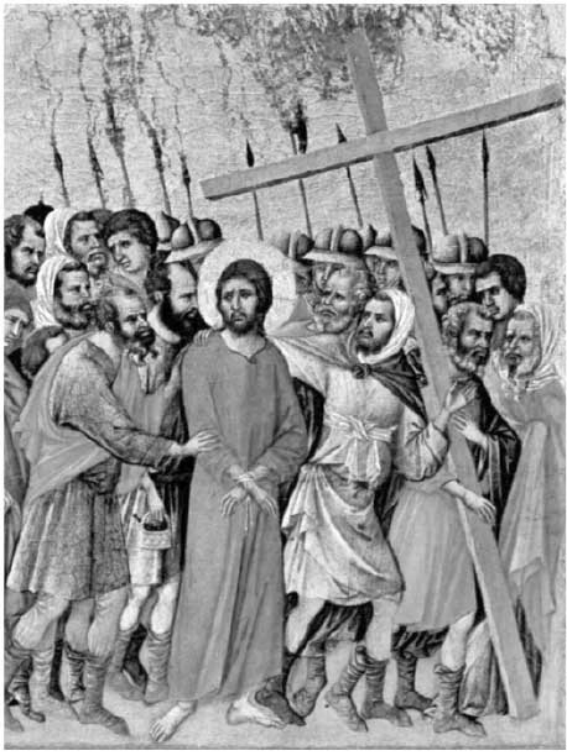


Figura 26: Simão de Cirene carrega a cruz de Cristo, da obra *Maestà*, de Duccio, 1311.

que o desejo deles de serem como Jesus era mais forte. Eles encontraram alegria em participar dos sofrimentos de Cristo.

Em Pedro, vemos duas coisas que o mundo não pode nem explicar nem compreender. Em primeiro lugar, o padrão do sofrimento seguido pela glória. Em segundo lugar, e mais espantoso, *não* significa que a alegria vem somente *depois* do sofrimento. Não, para Cristo e seu povo a alegria precede, segue, solapa e reveste todo o sofrimento. Cristo possuía alegria *antes* de experimentar qualquer sofrimento, antes de o mundo existir (veja indícios disso em Pv 8.30). E foi a alegria que então fortaleceu sua resolução de sofrer (Hb 12.2). É isso que ele compartilha conosco: uma alegria anterior que nos capacita a suportar o sofrimento. Este é o feliz segredo dos santos que têm suportado o sofrimento por Cristo com mais alegria e coragem: quanto mais encontramos nosso prazer nele, mais dispostos nos tornamos a sofrer com ele. Como Richard Sibbes o colocou:

> Não existe maneira melhor de agradar a Cristo do que quando nos sentimos à vontade, participando alegremente da sua rica provisão. Fazer isso é uma demonstração de respeito à sua generosidade; e é esta disposição de espírito que o cristão anela: "Alegrai-vos sempre no Senhor" (Fp 4.4)... O que haveremos de fazer por ele se não nos regozijarmos com ele? *Não sofreremos com ele se não nos regozijarmos com ele; não sofreremos com ele se não nos alegrarmos com ele e nele*.[55]

Isso significa que, se os cristãos quiserem estar à altura e mesmo regozijar-se no sofrimento com que vamos nos deparar, *antes de qualquer outra coisa precisamos ouvir a respeito de Jesus*. Precisamos que nossos olhos se encham da glória de Cristo — como ele é plenamente satisfatório — de forma que o amemos e o desejemos. Somente então de fato nos *regozijaremos* em nossos sofrimentos, porque somente então desejaremos mesmo ser iguais a ele.

**Ferido… e aquele que fere**

Da mesma forma que o sofrimento em Cristo está rodeado de todos os lados pela alegria, assim ele está rodeado e condicionado pela mais animada esperança. Considere a primeira vez que o sofrimento de Cristo é mencionado na Escritura, quando o Senhor diz à serpente: "Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. *Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar*" (Gn 3.15). Isso, é claro, nos fala a respeito de Cristo: *o* Filho prometido, *o* descendente da mulher. Mas o apóstolo Paulo cria que isso também podia aplicar-se a todos os que estão *em* Cristo: "E o Deus da paz, em breve, esmagará debaixo dos *vossos* pés a Satanás", escreveu ele (Rm 16.20). Pois cristãos são aqueles que foram colocados em Cristo, o qual é *tanto* o esmagado *como* aquele que esmaga.

Unidos àquele que foi esmagado, os cristãos entram numa vida específica de sofrimento. Fustigados por Satanás, alvos da objeção do mundo e cada vez mais infelizes com o pecado interior que antigamente amavam, os cristãos se deparam com mais do que as comuns dores da vida. Mas. Sim, *mas*. Nós não estamos apenas destinados à glória, como certamente o próprio Cristo está; *mesmo à medida que agora somos esmagados*, nós, juntamente com nosso grande irmão primogênito, em certa medida também esmagamos! Toda vez que você se regozija em Cristo, resiste ao pecado, o proclama e demonstra seu amor, você impõe a vitória de Cristo. Você esmaga a cabeça da serpente. Essa é a perspectiva maior da Escritura: jamais triunfalista, mas definitivamente triunfante. Satanás mordisca nossos pés; nós lhe esmagamos a cabeça. "Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos; levando sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo" (2Co 4.8-10).

## Uma identidade antes de todas as outras

O que estou tentando dizer neste capítulo, na verdade, é simplesmente isto: nossa união com Cristo não é apenas o aperitivo da vida cristã, a sopa que refugamos para esperar a chegada da carne. Ela não é a entrada que nos introduz numa vida que trata de *alguma outra coisa*. Ela *é* o churrasco e a sala de estar da vida cristã.

Mas com que facilidade nos embaralhamos com outra coisa qualquer! Para mim, descobri que o peso do que faço com meu tempo, a meticulosa distribuição das minhas horas, faz com que eu pense que *sou* aquilo que faço. E aos poucos começo a pensar de mim mesmo primariamente não como filho de Deus em Cristo, mas como alguém bem sucedido ou mal sucedido, popular ou impopular — dependendo de como vai o dia. Francamente, quando não definido por Cristo, descubro-me frágil como um balão inflado. Quando começo a me definir pelo sucesso ou pela popularidade, eles passam a ter valor demasiado para mim: quando os alcanço, meu ego se infla de forma ridícula; quando não, sofro uma implosão. Isso simplesmente não tem como acontecer quando o âmago de minha identidade se encontra conscientemente em Cristo, pois ele é o mesmo — ontem, hoje e para sempre.

Isso não serve apenas para nossa própria sanidade pessoal: quando os cristãos se definem por alguma coisa diferente de Cristo, acabam envenenando tudo à sua volta. Quando desejam poder e popularidade e os conseguem, tornam-se pretensiosos, arrogantes ou simplesmente tiranos. E, quando não os conseguem, tornam-se amargos, apáticos ou irritadiços. Quer excitados pelo sucesso ou exauridos pela falta dele, em ambos os casos o que aconteceu é que se preocuparam demais com a coisa errada. Definindo-se por algo que não fosse Cristo, tornaram-se parecidos com algo diferente de Cristo. Péssimo.

Nossa união com Cristo, dessa forma, precisa operar profundamente em nosso coração. Ela automática e imediatamente nos *concede* um novo *status*, mas até que esse *status* e identidade sejam *sentidos* como a mais profunda verdade a nosso respeito, isso demanda uma atividade radical, contínua. Ainda que essa seja a identidade primária do crente, precisamos lutar contra a insidiosa ideia de

que possuímos qualquer identidade — antecedentes, habilidades ou *status* — mais básica do que a de compartilhar da vida do próprio Filho diante do Pai.

**Eu sou a videira, vós, os ramos**

"Eu sou a videira, vós, os ramos." Isso embaralha a cabeça de tanta riqueza que se encontra nessa imagem. Aqui está: nossa união e nossa comunhão com Cristo. Ele é a videira; nós somos os ramos (Jo 15.1-8). Somos um. Em união vital, íntima. Não há distância. A videira não interpõe obstáculo nenhum entre si e os ramos, fazendo fluir toda a sua vida para dentro deles.

Isso faz com que seja bastante fácil ver a natureza da vida cristã. Não é possível haver *nenhuma* vida ou verdadeira frutificação à parte dele (v. 5). Por nós mesmos, não passamos de ramos sem vida. Se você pensa que é forte e capaz, a realidade da videira e dos ramos vai de encontro à sua ideia. Pois o que é que conseguem realizar todo o seu brilhantismo, determinação e vigor? Absolutamente nada. Ou nada *positivo*, de qualquer forma, à parte dele. Isso significa que não tentamos produzir fruto com *a finalidade de nos juntarmos à videira, ou de permanecermos nela*; nós produzimos fruto *quando recebemos a vida da videira*. Nossa parte é permanecer ali. Então, a abundante seiva do Espírito fluirá através de nós, produzindo fruto.

E ali o agricultor, nosso Pai, vai nos podar, fazendo-nos ainda mais frutíferos (v. 2). Como isso serve de conforto para o crente que sofre! Pois a figura não é de um tolo embriagado, ambiciosamente golpeando sua videira para conseguir uma colheita maior para sua adega. O agricultor é o Pai; a videira, seu amado Filho. Pense na dor que Jesus sentiu quando Saulo perseguia seu povo: "Saulo, Saulo, por que *me* persegues?", ele perguntou (At 9.4). O Pai precisava cortar fundo aqui; mas, para libertar seu povo de tudo que os escraviza e os torna infrutíferos — para trazer-nos a plena vida da videira — com amor, ele vai podar.

Então nossa parte é simplesmente permanecer? Isso soa tão passivo, tão em desacordo com Paulo, que sempre estava combatendo o bom combate e disputando a corrida (2Tm 4.7). Contudo, quando Jesus mostra o que isso significa, torna-se claro que "permanecer" não significa "ficar inerte".

Permanecer significa: façam “as minhas palavras permanecerem em vós” (v. 7); e significa “permanecei no meu amor” (v. 9). Aí está o terreno central da luta cristã: possuir o evangelho do amor de Cristo como nossa seiva e alimento. Isso significa estar cheio da Escritura, uma vez que desconhecer a Escritura é desconhecer Cristo. Mas também significa muito mais do que isso. Jesus disse aos que “examinavam as Escrituras diligentemente” (Jo 5.39) que a palavra de Deus *não* permanecia neles “porque não *credes* naquele a quem ele enviou” (Jo 5.38). Isso significa, então, que nos aproximamos da Escritura com um propósito: conhecer Cristo, amá-lo e confiar nele e vir a ele em busca de vida (Jo 5.40). Significa ouvi-lo proclamado por outros, cantar a respeito dele, desfrutando-o por meio das coisas que ele criou, como autor e modelo da beleza, e sentindo seu aroma em atos de amor e bondade. Aí, então, virá o fruto.

Mas há uma coisinha que preocupa as pessoas aqui: “Todo ramo que, estando em mim, não der fruto, ele [o Pai] o corta” (Jo 15.2). Será que isso significa que, se você não se comportar bem como cristão, “será lançado fora, à semelhança do ramo, e secará; e o apanham, lançam no fogo e o queimam” (v. 6)? Não, ramos autênticos, que têm uma viva conexão com a videira, *jamais* são cortados. Jesus tinha dito anteriormente que “a vontade de quem me enviou é esta: que nenhum eu perca de todos os que me deu; pelo contrário, eu o ressuscitarei no último dia. De fato, a vontade de meu Pai é que todo homem que vir o Filho e nele crer tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6.39-40). “Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão” (Jo 10.28).

Jesus deu a seus discípulos a imagem da videira enquanto estavam no cenáculo, na noite anterior à sua morte. *Judas tinha acabado de sair para traí-lo*. Nesse contexto, a questão ficou clara: existem alguns que gastam tempo entre o povo de Deus, mas que, com o passar do tempo, mostram que o amor de Cristo não foi nunca sua seiva e alimento. Não possuindo seiva em si mesmos, é claro que eles não produzem fruto. Em outras palavras, os ramos mortos não são os *crentes* fracos, desviados. Os ramos mortos são

aqueles que com o passar do tempo provam que *nunca* mantiveram uma conexão viva com a videira.

Os crentes devem sentir segurança. “Estas coisas vos escrevi, a fim de *saberdes* que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus” escreveu João (1Jo 5.13). E, se você ainda tem dúvidas se pertence ou não à videira, simplesmente venha a Cristo agora. Ele diz: “o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora” (Jo 6.37). Venha a Cristo, e saiba que não são seus sentimentos ou sua fidelidade que conservam você a salvo nele, mas o amável e todo-poderoso abraço dele.

## Faze resplandecer teu rosto sobre nós para que sejamos salvos

Uma vez, então, que Cristo é nossa vida, aquele que somos chamados a desfrutar e aquele em quem vivemos, nos movemos e existimos, é preciso que ele seja o segredo ou o mistério da piedade. “Não há dúvida”, escreveu Paulo, “de que é grande o mistério da piedade”:

> Deus foi manifestado em corpo,
> justificado no Espírito,
> visto pelos anjos,
> pregado entre as nações,
> crido no mundo,
> recebido na glória. (1Tm 3.16, NVI)

Não é uma técnica, um método ou um hábito. O segredo fundamental da piedade é Cristo. O pecado é exatamente a ausência de Cristo; todas as tentativas de autoaperfeiçoamento e reforma moral sem ele são pecado. É somente através de conhecê-lo e na dependência dele que podemos tornar-nos como o Deus vivo e compartilhar da sua vitalidade.

Isso significa que, antes de qualquer outra coisa, importa para onde nós *olhamos*. Acima de tudo, importa o que enche nosso campo de visão. Pois qualquer que seja a coisa que ocupa nossa atenção (ou, para usar as palavras de Jesus, o que quer que seja que “permaneça” em nós), isso vai dirigir e formatar todo o nosso pensamento, motivo e ação. *Você é aquilo que você vê*. Michel Foucault percebeu isso quando estava considerando o uso do confessionário no catolicismo romano. Depois da Reforma do século dezesseis, à medida que Roma tentava colocar a casa em ordem, a prática de confessar os pecados a um sacerdote tornou-se mais intensamente incentivada. Por meio do reconhecimento e da confissão da sua pecaminosidade, pensava-se que o povo seria impelido a uma santidade mais profunda. Mas, o que na realidade aconteceu, observou Foucault, é que as pessoas unicamente passaram a identificar-se mais fortemente *como pecadoras*.

Seguramente, o sacerdote pronunciava a absolvição dos pecados, mas a prática toda *punha o foco no pecado* que estava sendo confessado. Por meio desse

prolongado *olhar*, eles se amarravam mais fortemente às próprias coisas de que tentavam escapar. (Não estamos sugerindo que o autoexame em si seja algo ruim, é claro; o que estamos destacando é simplesmente que a *concentração em si mesmo* não é o segredo da piedade.)



Figura 27: Pedro repara no vento e começa a afundar (Mt 14.29-30).

A vida, a justiça, a santidade e a redenção são encontradas em Jesus, e encontradas por aqueles — e somente por aqueles! — que *olham* para ele. Talvez eu deva ser mais claro: não é que nós olhamos, obtemos alguma percepção de como Cristo é, e então saímos e nos esforçamos para nos tornarmos semelhantes a ele; nós nos tornamos como ele *por meio da própria contemplação*. A própria aparência dele é uma coisa transformadora. Por ora, contemplando-o pela fé, começamos a ser transformados à sua semelhança (2Co 3.18), mas sua glória é tão potente, que, quando batermos os olhos nele fisicamente por ocasião da sua segunda vinda, então "seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é" (1Jo 3.2). Essa visão plena, límpida, física do Jesus glorificado será tão majestosamente efetiva, que transformará nossos próprios corpos. A visão dele agora pelo Espírito nos torna mais parecidos com ele espiritualmente; a visão dele então, face a face, nos tornará finalmente — corpo e alma — como ele é. Contemplar Cristo agora é, pois, como ver a estrela da manhã na madrugada: tanto encantadora como cheia de esperança. Ela é luz para agora com a promessa de muito mais para vir. É uma amostra do céu.

A linguagem da luz é muito apropriada, pois a visão de Jesus é como a erupção de uma luz gloriosa nas trevas: ela ilumina nossa mente, faz brilhar nosso rosto e dispersa nossas trevas. Ela é graça, e é juízo gracioso. A luz da sua perfeição *expõe* nossa imperfeição mais do que qualquer uso da lei o conseguiu fazer. Ela

faz com que nos vejamos de forma correta. Como João Calvino colocou: “o homem jamais chega ao puro conhecimento de si mesmo até que haja antes contemplado a face de Deus”.[56] Mas ela faz mais do que expor: ela *domina* nossa imperfeição e assim nos liberta. E, uma vez mais, ela nos cura com muito maior eficiência do que qualquer esforço de autoaperfeiçoamento. Como o sol benigno faz com a geada do nosso coração, disse Charles Spurgeon:

> Não conheço nada melhor para compará-la do que à neve que se derrete ao sol. Certa manhã, você levanta e todas as árvores estão enfeitadas de grinaldas de neve, enquanto na terra a neve cobre todas as coisas com uma toalha branca. Mas, olhe! O sol acaba de nascer, seus raios emitem um agradável calor; e, em poucas horas, onde está a neve? Ela se foi. *Se você tivesse contratado mil carroças e cavalos e máquinas para varrê-la dali ela não teria sido removida com mais eficiência*. Ela desapareceu. É isso que o Senhor faz na nova criação: o seu amor brilha sobre a alma, sua graça nos renova, e as coisas velhas desaparecem como algo natural. [...] Onde a sua bendita face sorri com graça e verdade, como o sol com calor e luz, ele dissolve as ataduras do pecado há muito congeladas, e faz vir a primavera da graça com novidade de botões e flores.[57]

Ou, como Paulo disse: “Porque a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens. *Ela* nos ensina a renunciar à impiedade e às paixões mundanas e a viver de maneira sensata, justa e piedosa nesta era presente” (Tt 2.11-12, NVI). Ou seja, é a própria graça de Deus, vinda do céu em Cristo, que faz os corações se voltarem das paixões mundanas para as paixões celestiais. Onde os esforços para o autoaperfeiçoamento nos deixam obcecados com nós mesmos e por isso fundamentalmente destituídos de amor, a bondade de Deus em Cristo atrai nosso coração *para longe* de nós mesmos *até ele*. Unicamente o amor de Cristo tem esse poder de desenlear um coração humano.

Agora, se esse é o caso, parece haver uma situação preocupante no cristianismo de nossos dias. Nossas vidas apressadas e confusas forçam nossos olhos *para baixo* e para longe de Cristo. O professor David Bebbington afirmou que uma das quatro marcas definidoras dos evangélicos é o *ativismo*, e é provável que ele esteja certo. Na verdade, você não precisa identificar-se como evangélico para saber que é um ativista. Mas, apesar de o ativismo em si não ser algo ruim (os cristãos, afinal de contas, são pessoas em missão), ele está repleto da tendência de autodependência. Não é de admirar que a exaustão seja característica tão comum no cenário cristão.

Fazer o quê? Poderíamos manter nossos olhos para baixo e recomendar uma melhor administração do tempo, vidas mais maduras e assim por diante, mas isso seriam meros paliativos protelando o inevitável colapso. Não, precisamos lidar com a *raiz* de nossa exaustão. Aqui está a prescrição do dr. John Owen:

> Será que qualquer de nós percebe ausência de graça em si — apatia, frieza, mornidão, uma espécie de estupidez e insensibilidade vindo sobre si? [...] Não há maneira melhor de nos curarmos e sermos libertos; sim, não existe nenhuma outra maneira senão esta: obtermos uma nova visão da glória de Cristo pela fé, e permanecermos firmes nessa visão. O único remédio para esse caso é a constante contemplação de Cristo e sua glória, produzindo seu poder transformador para a restauração de toda a graça.[58]

Na verdade, Owen tinha descoberto que contemplar Cristo era ainda mais poderoso do que isso. Owen conhecia bem de perto o sofrimento. A certa altura, na década de 1650, ele foi o vice-presidente da Universidade de Oxford, bem-sucedido e influente, mas na segunda metade de sua vida ele foi empurrado para a obscuridade e o exílio social, obstruído e atormentado pelo novo governo. O mais difícil de tudo foi que ele teve de testemunhar o enterro de todos os seus onze filhos, bem como o de sua esposa Maria. Depois da morte dos dez primeiros filhos, ele escreveu estas palavras: “uma correta contemplação da glória de Cristo restaurará e apaziguará a mente... [Isso] elevará a mente e o coração dos crentes acima de todas as tribulações desta vida, e é o soberano antídoto que expulsará todo o veneno que nelas existe; tribulações que, de outra forma, deixariam confusas e oprimidas as almas deles.”[59]

Morte, pecado, tristeza, escravidão, desespero: em Cristo, existe antídoto para tudo isso.

50 João Calvino, *1 Coríntios*, tradução de Valter Graciano Martins (São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2014). Comentário sobre 1Co 1.9.

51 João Calvino, *O evangelho segundo João, vol. 1*, tradução de Valter Graciano Martins (São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2015). Comentário sobre Jo 6.26.

52 Martinho Lutero, *Luther's Works* (St. Louis, MO: Concordia Publishing, 1957), 31:298.

53 Charles H. Spurgeon, "The First Sermon in the Tabernacle", Metropolitan Tabernacle Pulpit (1861; reimpr., Pasadena, TX: Pilgrim Publications, 1986), 7.169.

54 Charles H. Spurgeon, "The Statute of David for the Sharing of the Spoil", Metropolitan Tabernacle Pulpit (1891; reimpr., Edimburgo: Banner of Truth, 1970), 37.323-24.

55 Richard Sibbes, *The Works of Richard Sibbes* (Edimburgo: James Nichol, 1862), 2:34; ênfase minha.

56 João Calvino, *As institutas*, 1.1.2.

57 Charles Spurgeon, *Christ's Glorious Achievements* (Carlisle, PA: Banner of Truth, 2014), p. 94-95; ênfase minha.

58 John Owen, *The Works of John Owen*, ed. William H. Goold (1826; reimpr., Edimburgo: Banner of Truth, 1965), 1:395.

59 *Ibid*., 1:279.

# 5

# Vem, Senhor Jesus!

## Este mesmo Jesus

A cada cinquenta anos, em Israel, celebrava-se o chamado ano do jubileu, um ano de liberdade e descanso. Nesse ano, os débitos eram cancelados, os escravos eram libertos e o povo e a própria terra tinham permissão de descansar: não havia nem plantação nem colheita. Esse ano devia ser um aperitivo da grandiosa esperança bíblica: o tempo quando todos os nossos débitos serão cancelados, quando nosso cativeiro e escravidão à queda e ao mal terão fim, quando os mansos herdarão a terra.

Esta é a forma como seria celebrado:

> Contarás sete semanas de anos, sete vezes sete anos, de maneira que os dias das sete semanas de anos te serão quarenta e nove anos. Então, no mês sétimo, aos dez do mês, farás passar a trombeta vibrante; no Dia da Expiação, fareis passar a trombeta por toda a vossa terra. Santificareis o ano quinquagésimo e proclamareis liberdade na terra a todos os seus moradores; ano de jubileu vos será, e tornareis, cada um à sua possessão, e cada um à sua família. (Lv 25.8-10)

Assim, o sumo sacerdote fazia a expiação, e *isso* marcava o início desse período de paz. Ele introduzia o sangue do sacrifício no Santo dos Santos e o aspergia sobre o propiciatório e, quando completava sua tarefa e saía dali para comprová-lo, *então* soava a trombeta, proclamando o descanso a toda a nação. Para quem já leu o Novo Testamento, isso tudo soa bastante familiar: o soar da trombeta anunciando o objetivo de todas as coisas comprado por meio da expiação (1Co 15.52; 1Ts 4.16). E deve soar familiar, pois assim como a *entrada* do sumo sacerdote no Santo dos Santos era uma representação da ascensão de Cristo para o céu, assim também o *retorno* do sumo sacerdote era uma representação da volta de Cristo. Especialmente no ano do jubileu: feita a expiação, ele retorna, a trombeta soa, e tudo se transforma em júbilo.

Esse pequeno detalhe sobre o retorno do sumo sacerdote traz em si uma enorme carga de conforto: o homem que entra no Santo dos Santos é *exatamente o mesmo homem* que sai de lá. Isso significa, como os anjos disseram aos discípulos apalermados: “Este mesmo Jesus, que dentre vocês foi elevado aos céus, voltará da mesma forma como o viram subir” (At 1.11, NVI). Quando soar a trombeta e surgir o Juiz de toda a terra, veremos nosso irmão primogênito, o mesmo que morreu para fazer expiação em nosso favor. O *Catecismo de Heidelberg* coloca o assunto de forma precisa, perguntando: “Qual é o *consolo* que lhe traz o fato de Cristo vir para julgar os vivos e os mortos?”[60] (O próprio fraseado é muito confortante; não é: “Quão aterrorizante é essa lembrança?”, mas: “Qual é o consolo que isso lhe traz?”). A resposta certa para todos que confiam nele é a seguinte reação: “Em todo o meu sofrimento e perseguição, ergo a cabeça e ansiosamente aguardo como juiz vindo do céu *a mesma pessoa* que anteriormente submeteu-se a si mesma ao juízo de Deus em meu favor, e removeu de mim toda e qualquer maldição”.

Essas palavras cantam a teologia da Reforma. No catolicismo romano medieval, a necessidade de cada um conseguir seu próprio mérito pessoal diante de Deus deixou as pessoas praticamente sem nenhum conforto quanto à lembrança da volta de Cristo. Você pode sentir o puro terror que a volta dele inspirava quando contempla os afrescos medievais do Juízo Final, que mostram os mortos desnudos agarrados por demônios e empurrados para dentro do fogo. Você ouve isso nas palavras do *Dies Irae* que eram cantadas em toda missa católica em favor dos mortos: “Dia de ira, dia que reduzirá o mundo a brasas incandescidas... Que direi, então, eu miserável? A que protetor farei minhas súplicas, quando os justos mal estão seguros? Rei de tremenda majestade... não me percas naquele dia... Minhas orações não são dignas, mas tu, Bom [Deus], trata-me com bondade para que eu não pereça no fogo eterno”.

É claro, se Cristo não é realmente um conosco — se ele nos deixa, sem conexão consigo mesmo, para, de alguma forma conquistarmos nosso próprio destino — é dessa forma que tenho de olhar para aquele dia. Qualquer coisa diferente seria a mais arrogante presunção. Mas, se Cristo é nosso precursor, nossa cabeça, o Noivo que foi unicamente para preparar um lugar para sua

noiva, então aquele dia não é mais simplesmente o Dia do Juízo Final. Ele é o que Martinho Lutero chamou de “o mais feliz Dia Final”.[61] Pois, tão certo como Cristo está na glória, os seus têm de juntar-se a ele. A cabeça não pode usufruir da glória sem o corpo. O Noivo não vai guardar para si mesmo aquilo que é dele. Os cristãos podem, portanto, anelar confiantemente por aquele dia como o momento quando vamos cantar: “Alegremo-nos, exultemos e demos-lhe a glória, porque são chegadas as bodas do Cordeiro” (Ap 19.7). O Juiz de toda a terra é aquele que derramou o próprio sangue por nós.

## O Cordeiro é a sua lâmpada

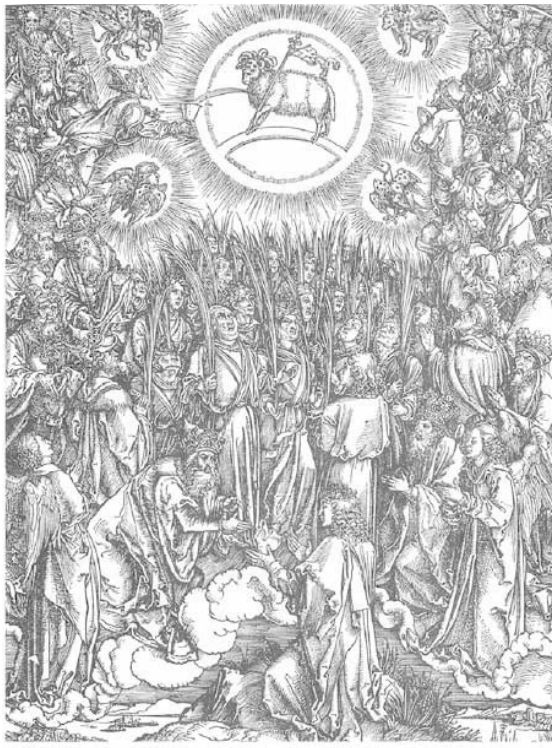


Figura 28: A adoração do Cordeiro, por Albrecht Dürer, c. 1498.

Ele é o centro e a fonte de toda a nossa esperança futura. Na verdade, qualquer esperança que tem outro foco ou essência não é basicamente cristã. Nós oramos: "Venha o teu reino"; anelamos que se encerre nossa escravidão ao pecado e à decadência; mas o cerne da esperança da igreja é o desejo da noiva de estar com o Noivo, face a face (Ap 22.17). O principal das grandes promessas de Deus é isto: "Eu habitarei com eles" (veja Lv 26.12; Ez 37.27; 2Co 6.16; Ap 21.3). Os cristãos são aqueles que ansiosamente aguardam "a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus" (Tt 2.13; veja também 1Ts 1.10). "*Maranata!*" — vem, Senhor Jesus, clamamos nós, pois o céu não seria céu sem ele (1Co 16.22; Ap 22.20).

Não é que ele seja *tudo o que importa*, como se a conquista final do mal e a ressurreição de nossos corpos fossem coisas de somenos; ele é o centro pelo fato de ser *o manancial e a fonte* de todas as bênçãos da nova criação. Ele é a luz que expulsa as trevas; ele é a vida que vence a morte; "Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos" (Cl 1.18). Mas é precisamente por termos a ele como nosso foco, então, que vamos usufruir das bênçãos que ele traz. Seremos transformados, libertos do pecado e fisicamente perfeitos, tornando-nos como ele "porque *haveremos de vê-lo* como ele é" (1Jo 3.2). E então "a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus" (Rm 8.21). Transformação individual e renovação cósmica — tudo porque Jesus terá a completa supremacia, com todos os joelhos dobrados diante

dele. Por agora, o pecado faz todas as coisas serem excêntricas; em torno de Jesus, todas as coisas serão aquilo que devem ser.

## O inverno de nosso descontentamento transformado em glorioso verão

Essa retificação e reordenação da criação é apresentada de forma impressionante pelo salmo 98:

> Celebrai com júbilo ao Senhor, todos os confins da terra; aclamai, regozijai-vos e cantai louvores. Cantai com harpa louvores ao Senhor, com harpa e voz de canto; com trombetas e ao som de buzinas, exultai perante o Senhor, que é rei. Ruja o mar e a sua plenitude, o mundo e os que nele habitam. Os rios batam palmas, e juntos cantem de júbilo os montes, na presença do Senhor, porque ele vem julgar a terra; julgará o mundo com justiça e os povos, com equidade. (v. 4-9)

A terra se regozija *pelo fato de ele vir* para julgá-la! Por quê? Porque, como já vimos em sua primeira vinda, ele julga como nenhum outro o faz. Totalmente justo e bom, seu juízo refere-se inteiramente à remoção do mal, da perversidade e da injustiça. Hoje, a criação geme sob o peso de nosso pecado, com todo o seu acúmulo de morte e crueldade; o seu juízo significa libertação.

A situação é semelhante àquela antes de Josué introduzir o povo na Terra Prometida. A imunda depravação dos cananeus — demonstrada na sua disposição de queimarem seus filhos e filhas como sacrifícios aos deuses — levou a própria terra à ânsia de vômito em sua presença (Lv 18.25). O soar das trombetas de chifre de carneiro em Jericó, então, significaram um juízo que era libertação: os perpetradores seriam removidos para curar a terra que o povo de Deus haveria de herdar. Exatamente da mesma forma, nosso Jesus é o verdadeiro Josué (Jesus é a forma grega do nome hebraico Josué) que vem para limpar a terra para o seu povo. Essa é a razão por que a criação aguarda aquele dia em ansiosa expectação, pois seu juízo não significa a destruição da *criação* que outrora foi declarada como boa; ele significa a destruição de todo o *mal* para *renovar* toda a criação. Não há dúvida de que são notícias terríveis para o mal e para aqueles que a ele se apegam; mas são pura alegria para aqueles que se apegam a Cristo.

A principal imagem usada na Escritura para mostrar a completa bondade do juízo de Cristo é a da luz confrontando a noite. Bem no princípio, Deus diz: “Haja luz”. E então *não* lemos que “houve manhã e tarde”, mas: “Houve *tarde* e *depois* manhã”. Cada dia, assim, testifica a grande história da realidade, que a

luz seguirá as trevas e as derrotará (uma lição completamente perdida por contarmos cada dia a partir da meia-noite até a próxima meia-noite, em vez de o fazermos a partir do anoitecer até o próximo anoitecer). Assim como João o fez quando descreveu essa Palavra: “A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela” (Jo 1.5).

Esse juízo, na verdade, já começou na casa de Deus, com aqueles que estão em Cristo. Exatamente agora, a luz começa a operar a remoção da sombria noite do nosso pecado: “Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2Co 4.6). De fato, essa é uma espécie de juízo! Nossa diabólica escuridão é dissipada pela luz de Cristo. E isso tudo culmina no eterno verão da nova Jerusalém, quando a Luz do mundo terá expulsado todas as trevas: “Então, já não haverá noite, nem precisam eles de luz de candeia, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e reinarão pelos séculos dos séculos” (Ap 22.5).

**O Leão que é um Cordeiro**

Talvez até mais inesperada que a bondade de Cristo em seu juízo seja a *natureza* do poder soberano que ele exerce para julgar. Pense em como ele é expresso, repetidas vezes, no livro do Apocalipse. O livro nos diz de um *Cordeiro* sacrificado que é triunfante e todo-poderoso para julgar. Ele é capaz e digno de abrir o grande rolo do destino que determinará o julgamento do mundo "porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação" (Ap 5.9). Não existe nesse texto nenhuma palavra supérflua: João claramente pretende que pensemos na natureza sacrificial, autodoadora do poder do Cordeiro e não se desvia desse tema. O Cordeiro vence *por meio de sua autodoação*.



Figura 29: "Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro" (Ap 12.11).

Isso é nitidamente realçado quando o Cordeiro é contrastado no livro com várias outras figuras que as pessoas são atraídas para adorar. O dragão, por exemplo. À semelhança do Cordeiro, o dragão é poderoso, possui uma coroa e é um ser de múltiplos chifres; *diferentemente* do Cordeiro, o dragão deseja somente devorar (Ap 12.4). Ao passo que o Cordeiro *sofreu* a morte em benefício de outros, o dragão unicamente procura *infligir* a morte aos outros. Um *concede* a vida; o outro *toma* a vida. Ou pense nas bestas de Apocalipse 13, que, de várias formas, são repugnantes imitações do Cordeiro. Uma besta foi "como golpeada de morte, mas essa ferida mortal foi curada" (Ap 13.3). Fatalmente ferida, contudo viva. Exatamente como o Cordeiro. A outra besta é descrita sem rodeios: "*parecendo cordeiro,* mas falava como dragão" (Ap 13.11). Assim como o poder de Deus é exercido por meio do Cordeiro, o poder

do dragão é exercido por meio das bestas (Ap 13.2). Mas, de novo, como é diferente esse poder: onde o Cordeiro fala a favor de Deus, as bestas falam contra ele; onde o Cordeiro ressuscita de entre os mortos para conceder vida aos outros, a besta ressuscita depois de seu ferimento mortal unicamente para arrancar a vida. Onde o Cordeiro sai para conquistar o mal, a besta sai para vencer os santos (Ap 13.7). Aqui estão duas abordagens completamente opostas do poder e do juízo.

O fato de Cristo ser o Juiz de toda a terra não é evidência de um lado mau e desagradável de seu caráter, que enfim se apresenta no final de todas as coisas. Isso não é motivo para abalar nosso amor por ele. Muito pelo contrário. O enorme poder do Cordeiro não significa que o humilde amigo dos pecadores tenha mudado de caráter; significa, antes, que sua causa, seu caráter, sua luz *são vencedoras*. Sua verdade vai expulsar as mentiras; sua beleza, a feiura; sua bondade, a perversidade. A vitória é do Cordeiro.

## A família do Primogênito

Naquele dia, finalmente alcançaremos o alvo da nossa salvação: estaremos *com ele*, e seremos *como ele é*. Aqueles que tiverem se deliciado no Senhor alcançarão, agora sem mais nenhum embaraço, os desejos de seus corações.

Por ora, nossos "corpos são membros de Cristo" e "santuário[s] do Espírito Santo" (1Co 6.15,19). Corpo e alma, pertencemos ao nosso fiel Salvador, e isso nos concede maravilhoso conforto. Mas que santuários poluídos e inadequados somos nós! Fracos, decaídos, confusos e pecaminosos. Não somos mais *escravos* do pecado, sem dúvida, mas ele ainda subsiste: desgastando, limitando, sugando nossa alegria e liberdade. O pecado rouba, a morte aflige, nossos corpos doem, o mal oprime. Assim é a realidade de hoje. Mas *naquele dia* seremos libertos por fim da própria presença do pecado, da morte e do mal. A obra do Espírito, agora, de nos aperfeiçoar e embelezar — de nos tornar como Cristo é — será, então, completada. Como eleitos, chamados, justificados e santificados em Cristo, finalmente participaremos plenamente da sua própria glorificação.

Essa visão de esperança é de todo diferente da suspeita secreta que muitos cristãos abrigam, de que a vida eterna significa ser *menos* humano de fato, com uma vida menos agradável e de alguma forma estar menos vivo. Agora e por toda a eternidade, tornar-se mais parecido com Cristo significa tornar-se *mais* humano, não menos. Criados à imagem de Deus, seremos aquilo para o que fomos criados, incorruptíveis, soltos e livres.

Isso significa esperança para nossos corpos, e especialmente agradáveis notícias para os doentes, os deficientes físicos e os que sofrem dores. Como o velho Jó clamou no meio de todo o seu sofrimento: "Porque eu sei que o meu Redentor vive e por fim se levantará sobre a terra. Depois, revestido este meu corpo da minha pele, *em minha carne verei a Deus*. Vê-lo-ei por mim mesmo, os meus olhos o verão, e não outros; de saudade me desfalece o coração dentro de mim" (Jó 19.25-27). Da mesma forma que Cristo foi fisicamente ressuscitado do túmulo como as primícias da nova vida, assim seremos também nós. Nós seremos "também [ressuscitados] na semelhança da sua ressurreição" (Rm 6.5); nossos corpos serão libertos como o dele dos derradeiros efeitos da Queda.

Agora, maculados, alquebrados, doloridos, morrendo; por ocasião do seu aparecimento, nossos corpos se transformarão em corpos perfeitos, esplêndidos, gloriosos, poderosos e imortais. *Como o corpo dele*. “Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, o qual transformará o nosso corpo de humilhação, *para ser igual ao corpo da sua glória,* segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as coisas” (Fp 3.20-21). Então, quando não apenas nossas almas mas também nossos corpos tiverem sido redimidos, participaremos plenamente da *sua* vida, *seu* reinado e *sua* vitória sobre a morte (1Co 15.35-58).

Eis aqui uma esperança que é fácil dissecar e analisar. Você pode olhar para a ressurreição de nossos corpos, nossa libertação do pecado e da morte — e é bom fitar longa e firmemente para essas coisas! — mas é muito fácil então perder exatamente aquilo que torna essa esperança tão intensa e luminosamente gloriosa. Mais do que qualquer outra coisa, aperfeiçoando tudo o mais, nossa esperança é estar *com Cristo*. Jó anelava um corpo novo *em que ele pudesse ver Deus*. E nossa esperança é sermos *iguais a Cristo*. Sermos como ele na beleza de seu caráter, como ele em seu glorioso corpo ressurreto, como ele em seu amado *status* diante do Pai. Nenhuma vida eterna nem paraíso pode satisfazer os corações e mentes daqueles que conhecem Jesus se isso significar não o possuirmos nem sermos como ele é. Cada parte da esperança cristã arde com mais intensidade quando se mantém bem perto dele.

**Luzeiros do mundo**

Jonathan Edwards, o grande teólogo da alegria, cria que Deus tinha projetado as estrelas do céu para representarem na criação o povo de Deus, os santos. Isso pode parecer uma consideração excêntrica à primeira vista, mas, quanto mais referências às estrelas Edwards encontrava na Escritura, mais a conexão fazia sentido. Em Gênesis 15.5, o Senhor levou Abrão para fora de sua tenda e disse: “Olha para os céus e conta as estrelas, se é que o podes”. E então lhe disse: “Será assim a tua posteridade”. A descendência de Abrão, os filhos da sua fé, seria como as estrelas. Isso se referia, é claro, principalmente ao número de descendentes que Abrão teria (Gn 22.17). Eles seriam uma multidão incontável, seguros na mão do Senhor (Ap 1.16), cada qual conhecido por seu próprio nome (Sl 147.4).

Mas havia mais: o Antigo Testamento passaria a descrever as estrelas como o exército dos céus, um equivalente do exército do povo de Deus na terra (Js 5.14; Jz 5.20). Brilhando na escuridão, enchendo os céus. Paulo queria que seus amados filipenses fossem “filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração corrompida e depravada, na qual vocês brilham como estrelas no universo” (Fp 2.15, NVI). Hoje nós brilhamos ou resplandecemos como luzes nas trevas. E quando ele retornar? Daniel 12.1-3: “Nesse tempo, se levantará Miguel, o grande príncipe, o defensor dos filhos do teu povo, e haverá tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas, naquele tempo, será salvo o teu povo, todo aquele que for achado inscrito no livro. Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno. Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos conduzirem à justiça, *como as estrelas, sempre e eternamente*”.

Naquele dia, seremos como a Luz do mundo: livres, enfim, de toda treva, movendo-nos com a luz da vida, radiantes de amor e glória.

**A renovação de todas as coisas**

O retorno de Jesus não provocará apenas o completo embelezamento e glorificação dos corpos e almas dos filhos de Deus. Mais do que isso. Muito mais: "A natureza criada aguarda, com grande expectativa, que os filhos de Deus sejam revelados. Pois ela foi submetida à inutilidade, não pela sua própria escolha, mas por causa da vontade daquele que a sujeitou, na esperança de que *a própria natureza criada será libertada da escravidão da decadência em que se encontra, recebendo a gloriosa liberdade dos filhos de Deus*" (Rm 8.19-21, NVI).

Tudo será como foi no princípio: Deus enviou sua poderosa Palavra e por meio dele (Cristo) trouxe todas as coisas à existência. Assim será outra vez: Deus vai proferir sua Palavra e o universo todo será renovado. A criação que está voluntariamente escorregando para as trevas será coberta com a fulgurante glória de Cristo, e compartilhará da libertação dos filhos de Deus. Os céus e a terra serão restaurados e vivificados. Aquele por quem todas as coisas foram feitas e em quem todas as coisas se sustentam desfará todo o caos, consertando e vinculando outra vez o trabalho de suas mãos. Jesus chamou essa ocasião de "regeneração de todas as coisas, quando o Filho do homem se assentar em seu trono glorioso" (Mt 19.28). Paulo chamou essa ocasião de o dia em que Deus vai "tornar a congregar em Cristo todas as coisas" (Ef 1.10, NVI).

Todas as coisas congregadas sob *uma cabeça*, sob *um homem governante*: isso faz você pensar em Adão, quando lhe foi dito: "enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra" (Gn 1.28). Esse primeiro homem foi criado como cabeça de todas as coisas. Tudo foi colocado sob os pés do homem e, antes que caíssem ele e tudo o mais que estava sob seu governo, havia uma paz e uma harmonia universais. Agora, com essa vista no espelho retrovisor, leia Daniel 7: "Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o *Filho* do Homem, e dirigiu-se ao Ancião de Dias, e o fizeram chegar até ele. Foi-lhe dado domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e

homens de todas as línguas o servissem; o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído" (Dn 7.13-14).

Quando um *filho* do homem é conduzido para o próprio trono de Deus e todas as coisas são colocadas sob seus pés, sentimos um delicioso palpitar de excitação cósmica, pois sabemos o que isso deve significar: toda a paz e harmonia, a imaculada beleza de Gênesis 1 florescendo outra vez. Não se ouvirá mais o barulho de choro, o leão se deitará com o cordeiro, o deserto florescerá como a rosa, o que lavra seguirá logo ao que ceifa, e os montes destilarão vinho novo. Um homem — esta vez um homem *fiel*, em paz com o Ancião de Dias — reinará uma vez mais no paraíso. Apenas, diferentemente de Adão, o Filho do Homem possui um regime inspirador de adoração que *jamais* decairá nem será destruído.

Isaac Watts o expressou com vivacidade em seu alegre hino clássico "Joy to the World" (Alegre-se o mundo):

> Alegre-se o mundo, o Senhor chegou!
> Receba a terra seu Rei;
> Que todo coração lhe prepare aposento,
> E o Céu e a natureza cantem.
>
> Alegre-se a terra, reina o Salvador!
> Usem os homens os seus hinos
> Enquanto os campos e as torrentes, as rochas, os montes e as planícies
> Reproduzem a retumbante alegria.
>
> Não deixem mais pecados nem sofrimentos crescerem,
> Nem espinhos infestarem o chão;
> *Ele vem para fazer fluírem suas bênçãos*
> Até o último recesso em que se achar a maldição.

E qual é esse recesso, até onde foi a maldição? Em Gênesis 3, a maldição que seguiu o pecado significava grande dor ao dar à luz, dificuldades matrimoniais, trabalho penoso, e a terra cheia de espinhos e abrolhos. Ele vem para fazer suas bênçãos fluírem até *todas* essas punições. Revertendo a Queda, o Filho do Homem repara *tudo* o que Adão danificou.

Mas será essa esperança boa demais para ser realista? Será que podemos colocar nossa confiança nela? Não existe indicação evidente no mundo ao nosso

redor que seja isso o que vai acontecer. À medida que se passam os anos, não parece que o mundo esteja se tornando mais pacífico ou menos devastado. Mas a confiança dos cristãos não vem de olhar para o estado em que se encontra o mundo; ela vem de Jesus. O sempre fiel Deus da verdade prometeu, e "quantas são as promessas de Deus, tantas têm nele [em Cristo] o sim" (2Co 1.20). E, na verdade, mais do que qualquer promessa: essa nova criação *já começou*. Ressuscitado de entre os mortos para a nova vida, ele é o primogênito, as primícias, o cabeça da nova criação. A sua ressurreição deu início a uma maré irreversível.

## O paraíso reconquistado… e aperfeiçoado

Mas eu tenho sido muito comedido. Tenho usado palavras como *restauração* e *reparação,* e elas podem sugerir uma esperança que é uma *simples* volta, um retorno ao Éden. Isso, é claro, seria um paraíso e algo suficiente para fazer qualquer um se empolgar. *Mas Jesus é melhor do que Adão*. Assim como havia maior glória nos dias de Salomão do que nos de Davi, seu pai, assim também haverá maior glória nos dias do Filho do Homem do que jamais houve nos dias do primeiro homem. Pois, assim como o Último Adão é muito superior ao primeiro, assim também precisa ser o seu reino.

Antes de Adão cair, a situação era boa, completamente boa. Mas ele era apenas uma criatura, não um filho de verdade. Ele era falível. Ele possuía apenas aquilo que Paulo chamou de "corpo natural" (1Co 15.44). Havia uma árvore que precisava ser evitada e o perigo de uma serpente. Com Cristo, nós temos infinitamente mais. Nós somos os filhos adotados de Deus, compartilhando da amada e carinhosa vida do Filho. Ele é infalivelmente fiel. Ele agora possui um corpo glorioso, imperecível, que derrotou a morte. Paulo o chamou de "corpo espiritual" (1Co 15.44), o tipo de corpo que nós também teremos. E, quando ele surgir, não mais haverá perigos, unicamente a árvore da vida. Com Cristo, nós temos uma esperança que sobrepuja o próprio Éden.

Vemos uma pequena figura disso no livro de Jó. No princípio, Jó vive em harmonia com Deus e num rico esplendor, possuindo milhares de animais: "... este homem era o maior de todos os *do Oriente*" (Jó 1.3). Isso tudo é assustadoramente similar a Gênesis 2, onde "plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, *na direção do Oriente*" (Gn 2.8) para que Adão desfrutasse dele. Então, assim como em Gênesis, acontece no caso de Jó: Satanás serpenteia para dentro do cenário e faz com que se perca aquele paraíso de Jó. É claro, existe todo tipo de diferenças entre Gênesis e Jó.

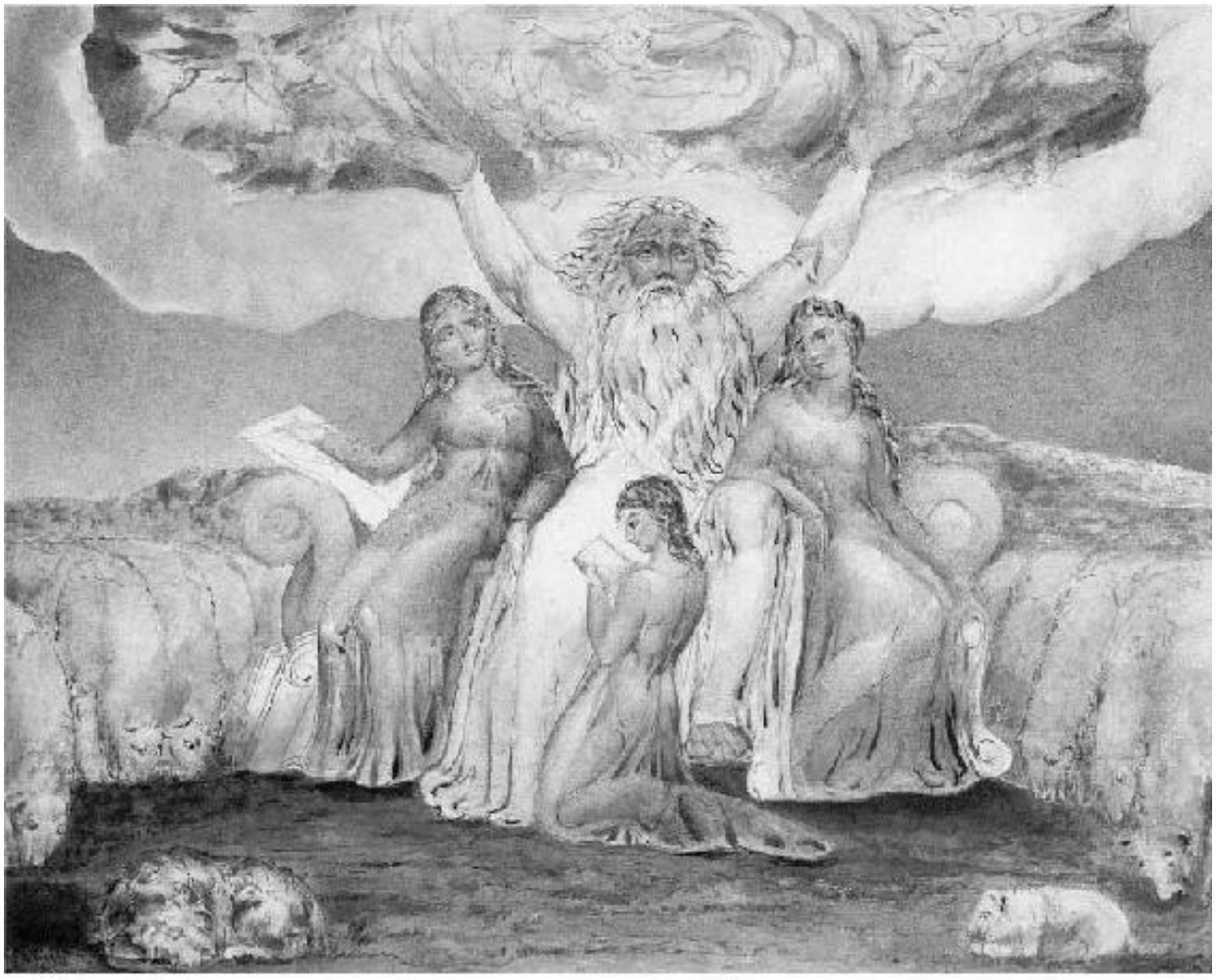


Figura 30: *Jó e suas filhas*, por William Blake, 1805.

O texto de Gênesis se ocupa com a origem do pecado e da morte; Jó se ocupa com o sofrimento. Mas vale a pena reparar na similaridade, pois ela nos ajuda a ver que em certos aspectos a história pessoal de Jó é também a história da humanidade: do idílico a um mundo de sofrimento.

Com isso, repare no fim de Jó (aquilo que Tg 5.11 chama, literalmente, de "o *fim/alvo/propósito* do Senhor"). Ali encontra-se Satanás derrotado em suas tentativas de fazer Jó voltar-se contra Deus, e Jó — descrito como o fiel servo sofredor do Senhor (Jó 42.7-8) — recebe "*o dobro de tudo o que antes possuíra*" (Jó 42.10). Onde no princípio Jó possuía sete mil ovelhas, no final ele tem catorze mil ovelhas; onde ele tinha três mil camelos, ele tem seis mil camelos; suas quinhentas juntas de bois e quinhentas jumentas transformaram-se em mil

juntas de bois e mil jumentas. Sua família dobra de tamanho, pois ele recebe outros sete filhos e três filhas (as três filhas tornando-se as mais belas de toda a terra). Onde a extensão normal de nossos dias é setenta anos (Sl 90.10), Jó chega aos cento e quarenta.

Essa cena festiva no final do livro de Jó nos permite degustar algo da superabundante riqueza *do final*, quando Satanás é derrotado e o Último Homem[62] toma posse da plenitude de sua herança. É uma ocasião de porções dobradas, de bênção sobre bênção. Em Deuteronômio 21.17, lemos que uma *dobrada porção* é o direito do primogênito — e é precisamente *esse* direito que é concedido aos filhos de Deus, os coerdeiros de Cristo. É assim que o servo do Senhor anuncia em Isaías: "O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos quebrantados... Em lugar da vossa vergonha, tereis *dupla* honra; em lugar da afronta, exultareis na vossa herança; por isso, na vossa terra *possuireis o dobro* e tereis perpétua alegria" (Is 61.1,7).

A eterna alegria e porção do Primogênito: essa é a nossa herança vindoura!

## Cristo por trás de mim, Cristo à minha frente

Nós, filhos de Deus, então, somos como as sementes nas Primícias e alegremente nos encontramos totalmente — passado, presente e futuro — circundados por Cristo:

| | |
|---|---|
| *Passado:* | Uma vez que morremos com ele, não podemos mais olhar para nosso passado para além dele. Cristo é a nossa história, não o fracasso. |
| *Presente:* | Unidos a ele, nós agora compartilhamos de sua alegre vida e estamos com ele diante do Pai. Cheios de seu Espírito, somos transformados mais e mais à semelhança dele. |
| *Futuro:* | O juiz de toda a terra é nosso fiel Salvador; quando ele se manifestar, estaremos com ele, seremos como ele é e seremos co-herdeiros com ele. |

> Que diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?... Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor. (Rm 8.31, 38-39)

60 *Catecismo de Heidelberg*, Pergunta 52; ênfase minha.

61 Martinho Lutero, *D. Martin Luthers Werke*, Kritische Gesamtausgabe (Weimar: Herman Böhlau, 1920), 53:401.

62 Em 1Co 15.47, Cristo é referido como o "*segundo* homem". [N. do R.]

# Conclusão

## Nenhum outro nome abaixo do céu

O que você mais aprecia no evangelho? É claro, há muitas respostas que você poderia dar: a culpa que foi extinta pelo sangue de Cristo, a salvação gratuita, a esperança da nova criação, a morte vencida e todas as lágrimas enxugadas. Tudo isso indescritivelmente precioso e tudo absolutamente verdadeiro. Mas o apóstolo Paulo falou de um tesouro mais profundo, um que não banaliza nenhuma dessas grandes bênçãos do evangelho, mas que se encontra acima e à frente delas como a nascente de todas elas. Ele descreveu sua mensagem como o evangelho "que revela *a glória de Cristo"* (2Co 4.4). Para Paulo, o evangelho não podia tratar de nada antes disso. Ele não podia tratar primeiro do perdão ou da justificação, pois qual é o objetivo de sermos perdoados e justificados? Não é simplesmente podermos estar perdoados e justificados no céu. Somos perdoados *com a finalidade de conhecermos Cristo e nos alegrarmos nele*. Conhecê-lo é a única vida verdadeira.

Repare em como Paulo expressou isso: ele escreveu a respeito "do evangelho que revela *a glória* de Cristo". Porque, por meio do evangelho, o Espírito abriu nossos olhos para vermos, não apenas que Cristo é *verdadeiro*, mas mais do que isso: Cristo é *glorioso*. Precioso, desejável, cativante, satisfatório, encantador. A alegria sempre vem quando nos deparamos com a beleza, e em Cristo encontramos a mais elevada beleza. Nós vemos a "*glória de Deus*, na face de Cristo" (2Co 4.6). Ele, portanto, é nosso maior tesouro: o tesouro do Pai compartilhado conosco. Não podemos nem admitir outro nem mudar para outro além dele.

E não devemos *confundi-lo* com nenhum outro. Quanto mais você vê Jesus, mais vê que ele é glorioso, e mais você vê que ele é *incomparável*. Ele mesmo disse: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por

mim” (Jo 14.6). Isso poderia soar desnecessariamente bairrista ou pretensioso se não fosse pelo seguinte: não existe nenhum outro que ofereça o que ele oferece. Algumas religiões oferecem o paraíso ou o nirvana; ele compartilha *a si mesmo* conosco, sua própria filiação, sua vida diante do Pai. Se o evangelho consistisse em Deus compartilhar conosco alguma *coisa* em vez de compartilhar Cristo conosco, as palavras de Jesus *pareceriam* exclusivistas. Por que razão algum outro não poderia fornecer tal *coisa*? Uma vez, porém, que a bênção que ele traz *é ele mesmo e sua própria vida*, é puro contrassenso pensar nele como apenas um estande religioso, muito parecido com os outros. Os outros podem oferecer “Deus” ou “a salvação”, mas somente quando alguém oferece Jesus é que essa pessoa oferece a mesma coisa que o evangelho.

Ele não é um caminho para o céu dentre vários outros, e para os cristãos ele não é apenas um tópico dentre outros. A vida e a teologia cristãs têm de começar e terminar com Jesus Cristo, nosso Salvador e nosso Alvo. Nas agradáveis palavras de João Calvino:

> Quando, porém, vemos que toda a suma de nossa salvação, e também cada uma de suas partes, se acham compreendidas em Cristo, impõe-se-nos guardar de derivarmos de outrem sequer a mínima porção. Se porventura se busca a salvação, somos ensinados no próprio termo *Jesus* que ela está nele; se são buscados outros dons do Espírito, quaisquer que sejam, serão achados em sua unção; se força, está exibida em sua soberania; se pureza, em sua concepção; se complacência, em seu nascimento, pelo qual nos fez em tudo semelhante ele, para que aprendesse a compartilhar de nossas dores; se redenção, em sua paixão; se absolvição, em sua condenação; se remissão da maldição, em sua cruz; se satisfação, em seu sacrifício; se purificação, em seu sangue; se reconciliação, em sua descida ao Hades; se mortificação da carne, em seu sepultamento; se novidade de vida, em sua ressurreição; se imortalidade, na mesma; se herança do reino celeste, em seu ingresso no céu; se proteção, se segurança, se abundância e provisão e todas as bênçãos, em seu reino; se confiante expectação do Juízo, no poder de julgar que lhe foi conferido. Enfim, como nele estejam quais tesouros toda espécie de bens, daí, não de outra parte, são hauridos sobejamente.[63]

De fato, e Amém, João! Uma vez que nele abunda um rico depósito de todo tipo de benefício, bebamos até à saciedade dessa fonte, e de nenhuma outra.

63 João Calvino, *As institutas*, 2.16.19.